



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



DISCURSOS
PRESIDENTE
JOÃO FIGUEIREDO
VOLUME III - 1981

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



DISCURSOS
PRESIDENTE
JOÃO FIGUEIREDO
VOLUME III - 1981

F475d

FIGUEIREDO, João, presidente do Brasil, 1918- . *Discursos: 1981*. Brasília, Presidência da República, Secretaria de Imprensa e Divulgação, 1982, v.3.

1. Figueiredo, João, presidente do Brasil, 1918- — Discursos

I. Título

18. CDD 354.810 35

Esta publicação contém discursos proferidos pelo Presidente da República, João Figueiredo, durante o ano de 1981.

ÍNDICE CRONOLÓGICO

14 DE JANEIRO	IMPROVISO AO RECEBER A DIRETORIA ELEITA DA FEDERAÇÃO COMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO/BRASÍLIA-DF	1
14 DE JANEIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO DO CANADÁ, SENHOR PIERRE TRUDEAU/BRASÍLIA-DF.....	3
14 DE JANEIRO	IMPROVISO AO RECEBER A COMISSÃO NACIONAL DO ANO INTERNACIONAL DOS DEFICIENTES/BRASÍLIA-DF.....	7
15 DE JANEIRO	IMPROVISO AO RECEBER CUMPRIMENTOS DE PARLAMENTARES POR OCASIÃO DO SEU ANIVERSÁRIO/BRASÍLIA-DF.....	9
15 DE JANEIRO	IMPROVISO, POR OCASIÃO DE SEU ANIVERSÁRIO, AGRADECENDO SAUDAÇÃO DO MINISTRO ABI-ACKEL/BRASÍLIA-DF	11
28 DE JANEIRO	DISCURSO AO DESEMBARCAR NA FRANÇA/PARIS-FRANÇA	13
29 DE JANEIRO	DISCURSO DURANTE SESSÃO SOLENE NA UNESCO/PARIS-FRANÇA.....	15
29 DE JANEIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, SENHOR VALÉRY GISCARD D'ESTAING/PARIS-FRANÇA...	23

II

29 DE JANEIRO	DISCURSO NA ABERTURA SOLENE DA REUNIÃO EMPRESARIAL BRASIL-FRANÇA/PARIS-FRANÇA	31
30 DE JANEIRO	DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES SIMBÓLICAS DA CIDADE/PARIS-FRANÇA.....	37
30 DE JANEIRO	DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFERECIDO PELO PRIMEIRO-MINISTRO DA REPÚBLICA FRANCESA, SENHOR RAYMOND BARRÉ/PARIS-FRANÇA.....	41
30 DE JANEIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, SENHOR VALÉRY GISCARD D'ESTAING/PARIS-FRANÇA...	47
01 DE FEVEREIRO	DISCURSO AO DESEMBARCAR EM PORTUGAL/LISBOA-PORTUGAL	49
02 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA À CÂMARA MUNICIPAL/LISBOA-PORTUGAL	51
02 DE FEVEREIRO	DISCURSO AO SER RECEBIDO EM SESSÃO SOLENE NA ASSEMBLÉIA DA REPÚBLICA/LISBOA-PORTUGAL.....	53
02 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR ANTÔNIO DOS SANTOS RAMALHO EANES/LISBOA-PORTUGAL	57
03 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRIMEIRO-MINISTRO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR FRANCISCO PINTO BALSEMÃO/LISBOA-PORTUGAL	65
03 DE FEVEREIRO	DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO ENCONTRO EMPRESARIAL LUSO-BRASILEIRO/LISBOA-PORTUGAL	73

03 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR ANTÔNIO DOS SANTOS RAMALHO EANES/LISBOA-PORTUGAL.....	77
04 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA À CÂMARA MUNICIPAL/PORTO-PORTUGAL	81
04 DE FEVEREIRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR ANTÔNIO DOS SANTOS RAMALHO EANES/PORTO-PORTUGAL.....	85
12 DE FEVEREIRO	IMPROVISO DURANTE VISITA AO ESTADO/DOURADOS-MS	87
10 DE MARÇO	DISCURSO AO DESEMBARCAR NA COLÔMBIA/BOGOTÁ-COLÔMBIA	93
11 DE MARÇO	DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES SIMBÓLICAS DA CIDADE/BOGOTÁ-COLÔMBIA	95
11 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL DA COLÔMBIA/BOGOTÁ-COLOMBIA	97
11 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA AO CONGRESSO COLOMBIANO/BOGOTÁ-COLÔMBIA	105
11 DE MARÇO	DISCURSO AO SER CONDECORADO COM O GRANDE COLAR DA ORDEM DE BOYACÁ/BOGOTÁ-COLÔMBIA	109
12 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DA ASSINATURA DE ATOS INTERNACIONAIS/BOGOTÁ-COLÔMBIA	117
12 DE MARÇO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA COLÔMBIA, SENHOR JÚLIO	

	CÉSAR DE TURBAY AYALA/BOGOTÁ-COLÔMBIA	121
16 DE MARÇO	IMPROVISO AGRADECENDO SAUDAÇÃO DO MINISTRO ABI-ACKEL, PELA PASSAGEM DO 2º ANIVERSÁRIO DE SEU GOVERNO/BRASÍLIA-DF	129
16 DE MARÇO	IMPROVISO AO RECEBER OS CUMPRIMENTOS DA EXECUTIVA DO PDS, PELA PASSAGEM DO 2º ANIVERSÁRIO DE SEU GOVERNO/BRASÍLIA-DF	131
26 DE MARÇO	IMPROVISO DURANTE JANTAR OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL DE SÃO PAULO/SÃO PAULO-SP	133
10 DE ABRIL	IMPROVISO AO INAUGURAR A SEDE PROVISÓRIA DO PDS/RIO DE JANEIRO-RJ	147
23 DE ABRIL	IMPROVISO DURANTE SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DA CIDADE NOVA/MANAU-AM.....	149
27 DE ABRIL	IMPROVISO AO RECEBER A COMISSÃO NACIONAL PARA O ANO INTERNACIONAL DAS PESSOAS DEFICIENTES/BRASÍLIA-DF.....	153
29 DE ABRIL	IMPROVISO AO SER HOMENAGEADO PELAS CLASSES POLÍTICA E EMPRESARIAL DO ESTADO/BELO HORIZONTE-MG	155
05 DE MAIO	IMPROVISO AO RECEBER OS MEMBROS DO CONSELHO DIRETOR DA CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO/BRASÍLIA-DF.....	159
06 DE MAIO	IMPROVISO AO RECEBER A DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS/BRASÍLIA-DF	161
06 DE MAIO	IMPROVISO AO RECEBER MEMBROS DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA/BRASÍLIA-DF	163

18 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, SENHOR KARL CARSTENS/BONN-ALEMANHA.....	167
18 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DA REUNIÃO EMPRESARIAL BRASIL-REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA/BONN-ALEMANHA.....	171
19 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO CHANCELER DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, SENHOR HELMUT SCHMIDT/BONN-ALEMANHA.....	173
26 DE MAIO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA NAÇÃO ARGENTINA, SENHOR ROBERTO EDUARDO VIOLA/PASSOS DE LOS LIBRES-ARGENTINA	181
31 DE MAIO	DISCURSO DURANTE SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DA 72ª CONVENÇÃO DO ROTARY INTERNACIONAL/SÃO PAULO-SP	185
10 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER O MINISTRO DA EDUCAÇÃO, RUBEM LUDWIG, ACOMPANHADO DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA DOS ESTADOS/BRASÍLIA-DF	189
17 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER O EMBAIXADOR DO JAPÃO, SENHOR NOBUO OKUCHI, ACOMPANHADO DO PROFESSOR KAZUNOBU GOTO, DO DEPUTADO FEDERAL DIOGO NOMURA E MEMBROS DA MISSÃO DE BOA VONTADE DO JAPÃO/BRASÍLIA-DF.....	191
24 DE JUNHO	DISCURSO AO DESEMBARCAR NO PERU/LIMA-PERU	193

VI

24 DE JUNHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO PERU, SENHOR BELAÜNDE TERRY/LIMA-PERU	197
25 DE JUNHO	DISCURSO AO RECEBER A DISTINÇÃO DE HÓSPEDE DE HONRA DA CIDADE/LIMA-PERU	203
25 DE JUNHO	IMPROVISO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚBLICA DO PERU, SENHOR ARIAS STELLA/LIMA-PERU	207
26 DE JUNHO	DISCURSO DURANTE ASSINATURA DE ATOS INTERNACIONAIS E DECLARAÇÃO CONJUNTA/LIMA-PERU	211
26 DE JUNHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL PERUANA/PERU-LIMA.....	219
26 DE JUNHO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO PERU, SENHOR BELAÜNDE TERRY/LIMA-PERU	223
29 DE JUNHO	IMPROVISO AO RECEBER O COMANDANTE DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, GENERAL ALACYR FREDERICO WERNER, ACOMPANHADO DE ESTAGIÁRIOS/BRASÍLIA-DF	227
01 DE JULHO	IMPROVISO AO RECEBER MEMBROS DO CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-ESTADOS UNIDOS/BRASÍLIA-DF	229
09 DE JULHO	DISCURSO DURANTE ENCONTRO COM POLÍTICOS DO PDS DO ESTADO/ESTEIO-RS.....	231
15 DE JULHO	DISCURSO POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES PELO 2º ANIVERSÁRIO DO PROGRAMA NACIONAL DE DESBUROCRATIZAÇÃO/BRASÍLIA-DF.....	235

15 DE JULHO	IMPROVISO DURANTE JANTAR EM SUA HOMENAGEM, OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL BRASILEIRA/RIO DE JANEIRO-RJ.....	239
16 DE JULHO	DISCURSO POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO OFICIAL DA TV NORTE FLUMINENSE/RIO DE JANEIRO-RJ.....	245
10 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA VENEZUELA, SENHOR LUÍS HERRERA CAMPÍNS/BRASÍLIA-DF.....	249
11 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DA ASSINATURA DE ATOS INTERNACIONAIS ENTRE OS GOVERNOS DO BRASIL E DA VENEZUELA/BRASÍLIA-DF.....	257
11 DE AGOSTO	IMPROVISO AO RECEBER COMISSÃO DA ITAIPU BINACIONAL/BRASÍLIA-DF .	263
11 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA VENEZUELA, SENHOR LUÍS HERRERA CAMPÍNS/BRASÍLIA-DF.....	265
12 DE AGOSTO	IMPROVISO AO EMPOSSAR O NOVO MINISTRO DO GABINETE CIVIL, DOUTOR JOÃO LEITÃO DE ABREU/BRASÍLIA-DF.	271
13 DE AGOSTO	IMPROVISO AO ENCERRAR A 5ª FEIRA NACIONAL DA SOJA/SANTA ROSA-RS ..	273
14 DE AGOSTO	DISCURSO DURANTE ENCONTRO COM O EMPRESARIADO NACIONAL/RIO DE JANEIRO-RJ.....	277
20 DE AGOSTO	DISCURSO POR OCASIÃO DA SESSÃO SOLENE DE INAUGURAÇÃO DO 10º CONGRESSO MUNDIAL DE DIREITO/ÃO PAULO-SP.....	281
24 DE AGOSTO	IMPROVISO AO RECEBER MEMBROS DO CICYP CONTINENTAL/BRASÍLIA-DF	285

VIII

26 DE AGOSTO	IMPROVISO AO EMPOSSAR O NOVO CHEFE DO ESTADO MAIOR DAS FORÇAS ARMADAS, GENERAL ALACIR WERNER/BRASÍLIA-DF	287
26 DE AGOSTO	IMPROVISO DURANTE CERIMÔNIA DE ENTREGA DO «PRÊMIO TECNOLOGIA» INSTITUÍDO PELO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE SÃO PAULO/BRASÍLIA-DF..	289
01 DE SETEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA COLÔMBIA, SENHOR JÚLIO CÉSAR DE TURBAY AYALA/BRASÍLIA-DF	291
02 DE SETEMBRO	DISCURSO PÔR OCASIÃO DO JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA COLÔMBIA, SENHOR JÚLIO CÉSAR DE TURBAY AYALA/BRASÍLIA-DF.....	299
08 DE SETEMBRO	DISCURSO NA ABERTURA DO CONGRESSO INTERAMERICANO SOBRE AGRICULTURA E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS/SÃO PAULO-SP.....	303
09 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER O MINISTRO DA SAÚDE, WALDYR ARCOVERDE, DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, JAIR SOARES, ACOMPANHADOS DOS SECRETÁRIOS DE SAÚDE DOS ESTADOS/BRASÍLIA-DF.	307
09 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER OS MEMBROS DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MUNICÍPIOS/BRASÍLIA-DF.....	309
10 DE SETEMBRO	IMPROVISO AO INAUGURAR A 1ª ETAPA DA ADUTORA DO SERTÃO/DELMIRO GOVEIA-AL	311
10 DE SETEMBRO	IMPROVISO APÓS VISITAR A GRUTA DO SENHOR BOM JESUS DA LAPA/BOM JESUS DA LAPA-BA	315
12 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO REASSUMIR A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA/BRASÍLIA-DF..	317

18 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER ESTUDANTES ESTAGIÁRIOS NO CONGRESSO NACIONAL/BRASÍLIA-DF	319
23 DE NOVEMBRO	IMPROVISO AO RECEBER O «OPERÁRIO PADRÃO DO BRASIL»/BRASÍLIA-DF	321
09 DE DEZEMBRO	IMPROVISO NA SOLENIDADE DE ENTREGA DE PRÊMIOS AOS CAMPEÕES DO CONCURSO «PRODUTIVIDADE RURAL»/BRASÍLIA-DF	323
10 DE DEZEMBRO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA AO SANCIONAR A LEI USUCAPIÃO ESPECIAL/BRASÍLIA-DF	325
15 DE DEZEMBRO	DISCURSO AO RECEBER OS CUMPRIMENTOS DO CORPO DIPLOMÁTICO AO ENSEJO DO FIM DO ANO/BRASÍLIA-DF .	329
17 DE DEZEMBRO	DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO ANUAL OFERECIDO PELAS FORÇAS ARMADAS AO SEU COMANDANTE SUPREMO/BRASÍLIA-DF.....	333
19 DE DEZEMBRO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA ANUNCIANDO A CRIAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DE RODOVIAS ALIMENTADORAS/BRASÍLIA-DF.....	339
22 DE DEZEMBRO	DISCURSO AO ANUNCIAR A CRIAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA/BRASÍLIA-DF	343
27 DE DEZEMBRO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA ANUNCIANDO A ELEVAÇÃO DO ÍNDICE DE CONTRIBUIÇÃO PARA O CUSTEIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL/BRASÍLIA-DF	345
30 DE DEZEMBRO	DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA POR OCASIÃO DO FINAL DO ANO/BRASÍLIA-DF	349

14 DE JANEIRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER A DIRETO-
RIA ELEITA DA FEDERAÇÃO COMER-
CIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Senhor José Papa Jr.,
Senhores Membros da Federação Comercial
de São Paulo:

Eu fico deveras satisfeito quando vejo representa-
ções de classe virem até à casa de trabalho do Executivo
e, apenas com a sua presença, dar um testemunho de
que acreditam na sinceridade de propósitos do Chefe do
Governo.

Isto é extremamente alentador para mim, que,
quando ainda candidato, dizia a todos os que me procura-
vam, e dizia mesmo em praça pública, que menos que
as manchetes dos jornais, eu desejava o diálogo
tête-à-tête e preferia que os problemas de cada setor
viesses aqui, à minha presença, serem discutidos, a fim
de que eu os conhecesse sob todos os ângulos.

Quantos erros, quantas omissões não teriam sido
evitadas neste País, se todos estivessem o intuito de tra-

zer àqueles homens responsáveis como eu, pelas decisões na administração federal, as facetas, as realidades, os escaninhos de cada um de seus problemas.

Confesso que, muitas vezes, apesar do assessoramento imediato que tenho, de homens capazes e dedicados, muitas dessas facetas escapam, porque eles não estão viventes dos problemas, como é o caso dos Senhores, no comércio.

Dáí por que a minha satisfação, Senhor José Papa Júnior, meus Senhores, de vê-los aqui, e sentir que essa presença não é apenas uma singela, uma pequena homenagem a mim. Ela significa, isto sim, que a palavra do comércio estará sempre aqui se antecedendo, antes das minhas decisões. E que a nossa conversa, o nosso diálogo, seja tão franco, tão aberto quanto possível, aos homens de bem desta terra.

Muito obrigado.

14 DE JANEIRO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO
OFERECIDO AO PRIMEIRO-MINISTRO
DO CANADÁ, SENHOR PIERRE TRU-
DEAU

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro da República
do Canadá, Pierre Trudeau:

A visita que Vossa Excelência ora faz ao Brasil exprime, de maneira particularmente significativa, o elevado grau de entendimento alcançado entre nossos países e a simpatia recíproca que aproxima os nossos povos.

Os afetuosos votos de boas-vindas que formulo a Vossa Excelência e à sua ilustre comitiva também traduzem o apreço de todos os brasileiros pelos canadenses.

O Brasil e o Canadá têm importantes características comuns: países continentais, privilegiados com a possibilidade de, dentro de seu próprio espaço territorial, desenvolverem suas economias; nações jovens, com importante potencial de desenvolvimento nacional e com plena consciência de seu papel no concerto internacional. Sem repetir modelos e sem qualquer pretensão de impô-los a outras sociedades, Brasil e Canadá buscam implementar seus projetos de desenvolvimento e de participação internacional.

Nosso relacionamento bilateral já apresenta números importantes, mas, em vista de nossas potencialidades, temos ainda bom caminho a percorrer. As oportunidades são excelentes, em benefício recíproco. Confio em que saberemos colocar esse relacionamento, nos seus variados campos, em patamares mais compatíveis com aquelas potencialidades.

Senhor Primeiro-Ministro,

Para nós, assume particular relevância a intenção de seu Governo de estreitar os variados vínculos do Canadá com a América Latina e, portanto, com o Brasil. É uma atitude extremamente positiva, que, de nossa parte, é correspondida de forma favorável, na certeza de que a ampliação e aprofundamento dessa convivência muito contribuirão para o desenvolvimento de nossos países.

A determinação canadense de promover maior e mais intensa aproximação com a América Latina, e também com outras regiões do Terceiro Mundo, tem sentido muito especial na atual conjuntura internacional. É, na verdade, um gesto que extravasa do plano meramente econômico e comercial.

O Canadá e o Brasil coincidem, em grande parte, no diagnóstico da conjuntura internacional que vivemos. Alheios à preocupação de dizer o que é certo ou errado, mas como fruto da conclusão de que o sistema internacional não está funcionando adequadamente, quer para o norte, quer para o sul, nossos países têm reiteradamente realçado a necessidade urgente de se buscarem soluções consensuais para a atual situação econômica internacional.

Vivemos uma conjuntura particularmente delicada e complexa, em que os problemas assumem proporções

universais, com graves implicações para as economias mais vulneráveis dos países em desenvolvimento.

Nesse quadro, o diálogo e a boa convivência assumem importância crucial. Mais do que nunca, é preciso esforço conjunto para procurar resolver esses problemas. Para tanto, duas são as condições fundamentais: em primeiro lugar, ter a vontade política de dialogar e de buscar a superação da conjuntura adversa; em segundo lugar, pôr-se de acordo sobre as questões de natureza prioritária a serem objeto desse esforço negociador.

Estamos conscientes de que, dada a imprevisibilidade dos seus efeitos negativos, os atuais problemas econômicos certamente se refletirão de forma dramática também no cenário político, caso não haja empenho determinado de caráter global no sentido de combatê-los e superá-los.

Senhor Primeiro-Ministro,

O ano de 1981 será fértil em oportunidades para o exercício ativo do diálogo. É minha firme esperança que, na medida de suas responsabilidades pela economia mundial, as nações desenvolvidas efetivamente se engajem neste exercício e que seus líderes estejam dispostos a reagir adequadamente às exigências de nosso tempo.

A introspecção, o recolhimento em torno de problemas internos, só contribuirão para agravar ainda mais a difícil situação econômica atual. Constitui tarefa urgente dar contornos práticos ao conceito de interdependência global, que via de regra só é invocado quando interesses de curto prazo e localizados estão em jogo. Se a interdependência tem algum significado prático, haverá de incorporar também as preocupações e aspirações dos países que, no sul, mais sofrem as conseqüências da crise econômica mundial.

Nesse cenário, Vossa Excelência tem desempenhado papel de relevo. A constatação canadense de que o sistema internacional é inadequado e prejudicial aos interesses universais, da qual decorre a ação prática de buscar saídas para essa situação indesejável, representa expressiva contribuição à causa da paz e do desenvolvimento.

Nutro a esperança de que a iniciativa de Vossa Excelência de retomar o diálogo e dar impulso às negociações Norte-Sul produzam os frutos que tanto desejamos. O pessimismo e a inércia hão de ser vencidos pela vontade comum de promover melhores condições de vida para nossos semelhantes.

O Brasil colocará todo o empenho nessa empreitada. Sem assumirmos qualquer papel especial, mas apenas o nosso papel de país em desenvolvimento que objetiva concretizar os seus anseios nacionais, procuraremos atuar, nos foros adequados, com vistas ao estabelecimento de uma ordem internacional mais justa e equitativa.

Senhor Primeiro-Ministro,

O Brasil e o Canadá sempre demonstraram disposição ao diálogo e à negociação, dentro de sua vocação universalista e no exercício de inabalável crença no princípio da boa convivência internacional. O excelente nível de nosso relacionamento e as oportunidades de cooperação que estamos criando são resultados marcantes de nossa atitude comum.

Convido todos os presentes a erguerem suas taças à saúde de Sua Majestade a Rainha Elizabeth II e do Primeiro-Ministro Pierre Trudeau, à prosperidade do povo do Canadá e à amizade e cooperação entre os nossos países.

14 DE JANEIRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER A COMIS-
SÃO NACIONAL DO ANO INTERNA-
CIONAL DOS DEFICIENTES

Senhor Ministro Rubem Ludwig,
Senhor Deputado Thales Ramalho,
Senhora Helena Figueiredo,
Senhores Membros da Comissão:

Eu fico deveras honrado com a presença dos Senhores em meu gabinete e de certa forma recompensado pelo esforço que tenho feito em dar apoio a uma causa tão nobre, tão justa e tão necessária. Já não digo pelo aspecto humano que a causa encerra.

Mas digo, e com convicção, pelo aspecto do direito e de justiça que ela traz em si. Estou, quanto a este aspecto, sossegado porque bem conheço a presidenta da Comissão e alguns dos Senhores, por ter lido os seus currículos. Tenho certeza de que esse ano que ora se abre para nós há de ser prolongado, como disse a Dona Helena, a fim de que os nossos esforços não se percam.

De minha parte, Dona Helena e Senhores Membros da Comissão, Senhor Deputado Thales Ramalho, Se-

nhor Ministro da Educação, envidarei todos os esforços para que não faltem, já não digo o meu apoio moral, a minha presença, o meu incentivo, a minha palavra, mas, pelo menos que eu possa descobrir alguns meios para dar aos Senhores os recursos de que necessitam para obra tão meritória e tão necessária para o País e para a humanidade.

Muito obrigado aos Senhores e que Deus os conserve.

15 DE JANEIRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER CUMPRIMENTOS DE PARLAMENTARES POR OCASIÃO DO SEU ANIVERSÁRIO

Meus Senhores:

Da maneira com que eu tenho me relacionado com cada um dos Senhores, eu só tenho tido motivos de satisfação nesse relacionamento, mesmo com aqueles que, por vezes — não tem nenhum presente aqui — têm discordado, por força de causas regionais. Desses mesmos, eu tenho recebido todo o afeto, todo carinho e todo apoio às minhas decisões.

Fico satisfeito, porque eu não tendo nenhuma veia política, não tendo mesmo senso político nenhum — reconheço isso — eu vejo nos Senhores, esta grande qualidade de fazer com que eu entenda o que os Senhores querem e, isto, os Senhores têm sabido fazer com muita habilidade.

Eu espero apenas que, ao completar os meus 64 anos, daqui há um ano, eu possa rever os Senhores com esta mesma disposição de ânimo que tem mantido até hoje, de contornar as dificuldades, que não são poucas,

e de, principalmente, compreender as minhas deficiências e, por vezes, também, porque não dizer, as minhas poucas virtudes políticas.

Muito obrigado.

15 DE JANEIRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO, POR OCASIÃO DE SEU
ANIVERSÁRIO, AGRADECENDO SAU-
DAÇÃO DO MINISTRO ABI-ACKEL.

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,
Senhor Ministro Abi-Ackel,
Senhores Ministros,
Senhor Consultor-Geral da República:

As palavras lisonjeiras que acabo de ouvir na voz do Ministro Abi-Ackel, benevolentes, por demais benevolentes, em relação à minha atuação à frente do Governo, têm para mim uma importância muito grande porque vejo, na palavra sincera do Ministro Abi-Ackel, que pelo menos dos Senhores, Dr. Aureliano Chaves, Ministros e Consultor-Geral da República, eu tenho recebido somente compreensão. Se acertos houve no meu Governo — e creio que os houve muito — esses acertos credito à conta da inteligência e da dedicação de Vossas Excelências. Os erros, e sei que os houve muito também, eu os debito à minha maneira de ser, por querer decidir por mim mesmo e, por vezes, em ser até intransigente com as minhas convicções.

As afirmações que acabo de ouvir, que muito me desvanecem, muito me envaidecem, do Ministro Abi-Ackel, deixam-me, no entanto, um pouco mais preocupado, porquanto, até hoje, eu nada fiz do que procurar compreender cada um dos problemas e cada um dos setores a que os Senhores estão à frente e, por vezes, até aprender com os Senhores muitos desses problemas. Confesso aos Senhores que o meu acervo de conhecimentos a respeito da administração do País engrandeceu muito com a experiência que os Senhores me deram. E não fosse a presença dos Senhores aqui, no balanço dos acertos e dos erros, eu tenho certeza de que a balança estaria pendendo para o lado dos erros.

Agradeço esta colaboração, esta cortesia da presença dos Senhores. E tal como disse a meus auxiliares aqui dos Gabinetes Civil e Militar, do Serviço de Informações e do Ministério da Desburocratização, a recebo mais como uma cortesia de amigos, porque de fato, o nosso Governo pode não ser um bom Governo mas é um Governo com que todos nós — o Presidente, o Vice-Presidente e seus Ministros — se sentem bem quando estão despachando, porque jamais notei e nenhum dos Senhores notaram em mim qualquer mal-estar em qualquer despacho ou em qualquer entrevista. Mesmo naqueles momentos em que tenho que ser impertinente — e eu sei que o sou, pelo meu feitio — eu tenho recebido a compreensão, a cortesia, e porque não dizer, também, até o perdão de cada um dos Senhores. Daí por que eu sou muito grato a essa reunião em que os Senhores vêm aqui me cumprimentar por eu ter me tornado um pouco mais velho do que cada um dos Senhores.

Muito obrigado.

28 DE JANEIRO
AEROPORTO INTERNACIONAL
DE ORLY
PARIS — FRANÇA
DISCURSO AO DESEMBARCAR NA
FRANÇA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Francesa, Valéry Giscard d'Estaing:

É para mim motivo de satisfação chegar à França a fim de dar continuidade à troca de visitas de Estado que nos proporcionou, há dois anos, a honra de receber a Vossa Excelência no Brasil.

O convite de Vossa Excelência ao Chefe de Estado brasileiro, que tive o prazer de aceitar, assinala o apreciável desenvolvimento das relações franco-brasileiras e os resultados profícuos alcançados por ocasião das anteriores visitas presidenciais.

Como a França, o Brasil adere, com firmeza, aos valores básicos da paz, na dignidade e do bem-estar humano. Ao relacionar-se com as mais diversas nações, o Brasil respeita-lhes a individualidade e pauta sua ação por um profundo sentido ético.

O Governo de Vossa Excelência tem acompanhado os esforços, que empreendemos no Brasil, no sentido de sustentar o desenvolvimento, caminho indispensável para a elevação da qualidade de vida de nosso povo.

Extremamente desfavorável, a conjuntura internacional coloca-se, para a nação brasileira, como um desafio a ser vencido à custa de trabalho, criatividade e determinação.

Os esforços internos do Brasil refletem-se em sua atuação externa. O Brasil deseja dar contribuição compatível com seus meios à necessária reestruturação da ordem econômica internacional. Assim, lutamos para que o cenário mundial seja um espaço de diálogo entre nações, e não de desequilíbrios e prepotências.

No plano bilateral, desejo realçar a estima que tradicionalmente nos une e que nos tem permitido dar constante impulso à cooperação. A visita que ora realizo à França proporcionará por certo novo alento ao nosso já dinâmico e proveitoso relacionamento.

É para mim, ademais, motivo de grande satisfação pessoal visitar este país que, por sua inigualável tradição cultural e por suas inumeráveis contribuições à civilização, constitui motivo de orgulho e admiração para toda a humanidade.

Apraz-me, assim, expressar ao nobre povo francês, na pessoa de seu mandatário supremo, a mensagem de amizade de todos os brasileiros.

29 DE JANEIRO
SEDE DA UNESCO
PARIS — FRANÇA
DISCURSO DURANTE SESSÃO SOLENE
NA UNESCO

Senhor Diretor-Geral,
Senhores Membros do Conselho-Executivo,
Senhores Delegados Permanentes:

Aceitei com grande prazer o convite que Vossa Excelência me formulou, Senhor Diretor-Geral, e é com sentimento de responsabilidade que me dirijo a todos os Senhores, neste lugar privilegiado pela vontade dos Estados e dos homens: a sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Naqueles que, dentre os Senhores, são membros do Conselho Executivo da UNESCO ou delegados permanentes junto a esta Organização, vejo os representantes dos governos e das culturas nacionais. Vejo homens públicos mas também os intelectuais que devem traduzir a consciência de seu tempo, os valores duráveis da sociedade.

Naqueles que aqui encarnam a Organização, vejo mandatários da comunidade internacional para a difícil

tarefa de criar condições favoráveis à cooperação internacional nos domínios de competência da UNESCO, segundo as diretrizes que lhe são fornecidas pelos Estados membros.

Os Senhores vivem no quadro de um dilema que é necessário cotidianamente superar, para que a UNESCO cumpra suas altas missões: a de compatibilizar a defesa de interesses nacionais com a maximização dos frutos da cooperação internacional, em benefício de todos.

No que respeita a esse dilema, que chamarei funcional, progressos importantes têm sido alcançados, graças à própria prática da cooperação. Aí as mais sérias dificuldades que vejo, decorrem da emergência de ambições supranacionais no seio de alguns desses organismos internacionais; da progressiva burocratização desses organismos e, finalmente, da sua utilização para obter fins particulares distintos dos objetivos originais.

Os organismos internacionais são essencialmente foros de negociação para a composição das vontades nacionais. Nesse sentido não se deve falar de uma «filosofia» da UNESCO, ou de uma «política» das Nações Unidas, embora em cada caso uma carta constitutiva fixe os princípios de sua ação. Não quero dizer, obviamente, que os secretariados das organizações internacionais devam ser inermes intelectual ou politicamente. Mas sua iniciativa prende-se a um mandato: os Estados membros determinam, em última análise, a orientação a ser seguida pelas organizações. No caso da UNESCO, devo dizer, o Secretariado está consciente desses condicionamentos.

Do perigo de burocratização quase seria desnecessário tratar. É esse um flagelo que ameaça todas as instituições. Hoje, as grandes entidades se burocratizam

por meio de um suposto refinamento e enriquecimento de objetivos. O perigo contra o qual as instituições internacionais precisam precaver-se é o de tudo quererem abarcar. Nesse sentido, são altamente recomendáveis os esforços que a UNESCO vem empreendendo para a concentração do programa, tanto em termos de objetivos como de ações. E essa tendência deve ser estimulada com incessante determinação.

Finalmente, existe o perigo de que as instituições sejam desviadas dos seus propósitos originais para servir aos interesses de grupos particulares de países, em decorrência de situações desiguais de poder que se refletem em formas sutis de neocolonialismo, político ou econômico, ideológico ou cultural. A UNESCO tem felizmente estado alerta para esse perigo e vai à conta de seus méritos a constante preocupação no sentido de furtar-se a agir como instrumento de qualquer espécie de colonialismo ou de hegemonia.

O grande papel da UNESCO se situa na encruzilhada entre o pensamento e a ação, em esclarecer objetivos e em orientar as ações dos Estados. Se não lhe cabe formular uma filosofia própria, é a UNESCO, nos domínios que lhe são próprios, o foro onde os homens procuram explicar e entender sua diversidade e encontrar a maneira de conciliar suas aspirações e diferenças em benefício de todos. Mas não se esgota no plano conceitual essa obra coletiva e cooperativa dos Estados. É através da ação que ela testará a si mesma, se corrigirá e se construirá.

O Brasil procura participar dessa obra com infatigável determinação. As próprias características econômicas, sociais, políticas e culturais do Brasil de hoje configuram uma experiência nacional importante para o es-

clarecimento de certos aspectos da sociedade contemporânea, e nesse particular têm utilidade imediata para as preocupações da UNESCO.

País de dimensões continentais, de grande variedade humana e inesgotáveis recursos naturais, aberto ao convívio universal, o Brasil oferece rico mostruário de experiências. Ao mesmo tempo, porém, que nos dispomos a repartir nossa experiência, desejamos usufruir e compartilhar a dos demais povos do Mundo, voltados que estamos para a gigantesca obra de construção nacional com o objetivo de alcançar níveis de vida dignos e justos no que respeita às necessidades básicas do Homem e ao confronto com as diversas sociedades no plano internacional.

Tomemos, para iniciar, os campos da educação e da cultura. Tanto nos países desenvolvidos quanto nos em desenvolvimento, esses dois aspectos são intimamente relacionados. Mas, enquanto nos casos dos países desenvolvidos a educação é, basicamente, um instrumento para transmitir de uma geração a outra o essencial da cultura nacional, para inculcar valores e desenvolver aptidões, nos países em desenvolvimento o problema da educação é, ainda, fundamentalmente, o de permitir o acesso da população aos veículos escritos de transmissão da cultura, o de caracterizar e preservar a identidade cultural. O problema é complexo e urgente, visto como o paternalismo dos países desenvolvidos, de um lado, e o mimetismo dos países em desenvolvimento do outro, convergem para a implantação, nestes, de valores importados. Daí por que se impõe acrescentar um conteúdo crítico ao já enorme esforço educacional de parcelas ponderáveis da população — a partir de bases exíguas em recursos humanos e materiais.

No Brasil, passado o período de educação elitista de herança colonial, que perdurou até há pouco, o esforço nacional se concentra, no momento, em procurar introduzir esse elemento crítico que nos permita melhor adequar ao nosso meio o sentido e os resultados da educação.

Nesse contexto, evidentemente, a cultura nacional não pode ser encarada como objeto de ostentação nem estar ligada, fundamentalmente, a valores importados de antigas matrizes ou de novas matrizes culturais. Da mesma forma como revemos criticamente o conteúdo dos objetivos da educação, estamos revendo criticamente o conteúdo e os objetivos da ação do Estado na promoção da cultura.

O que é válido para a educação e a cultura se aplica igualmente ao plano do desenvolvimento científico e tecnológico. Aí, também, não é menos dramática a situação dos países em desenvolvimento, que enfrentam o desafio de crescer rápida e livremente. Vêm-se eles mais uma vez a braços com o dilema de seguir os tutores que prometem soluções pré-fabricadas ou tentar, sem perda de ritmo, encontrar soluções próprias, capazes de conciliar o progresso e a preservação da identidade nacional. Neste, como em outros terrenos, não haverá como recorrer a panacéias, e só o esforço consciente, a disposição de ensaiar, descobrir, adaptar, corrigir e reensaiar, poderão levar cada povo a encontrar os meios de ação propícios ao seu particular desenvolvimento. A condenação desse esforço, criticando-lhe os erros e ignorando-lhe os acertos em nome de ortodoxias estabelecidas, revela, no mínimo, insuficiente percepção do próprio processo histórico, que terá necessariamente de estar aberto para o futuro. Estamos, hoje, convencidos de que os avanços científicos e tecnológicos mudaram as condições

de progresso, e que se abrem novas perspectivas para os países em desenvolvimento. Não precisaremos repetir cada etapa do progresso anteriormente palmilhado pelos atuais países desenvolvidos, sendo-nos facultado abreviar caminhos para a obtenção de soluções próprias.

Menciono, finalmente, outro relevante domínio de competência da UNESCO, que é o da comunicação social. Também aí é notória a contribuição conceitual trazida ao debate pelos países em desenvolvimento. Segundo todos sabemos, o que se deseja não é substituir os atuais privilégios por outros que beneficiem novos sujeitos da comunicação, como as fontes oficiais. O que se quer é criar condições para que a liberdade de informar corresponda o direito de ser informado e zelar por que a função de informar se exerça de forma responsável. Essa responsabilidade é um compromisso com os fatos — com a verdade, portanto — mas é, também, uma responsabilidade ética, em face dos próprios fins sociais inerentes à Nação.

Senhor Diretor-Geral,

Meus Senhores,

Ao terminar, quero reafirmar perante todos a inabalável confiança do meu Governo nos ideais da UNESCO. Envidaremos todos os esforços para que esses ideais — que são os do nosso País, um dos fundadores da Organização — prevaleçam internamente e se expandam internacionalmente. O Brasil tem prestado e pretende prestar sempre o seu concurso a fim de que a cooperação internacional se fortaleça, eliminando progressivamente as causas de conflito entre as nações e incrementando incessantemente as condições de progresso harmônico entre os povos. Nesse sentido, vemos com parti-

cular satisfação o crescente entendimento entre os países em desenvolvimento e a confiança cada vez maior nas formas de cooperação horizontal, a qual não se faz em confronto com a vertical, mas em complemento a ela.

Senhor Diretor-Geral,

Dentro de três meses Vossa Excelência estará visitando oficialmente o Brasil. Pela segunda vez será hóspede do Governo brasileiro, tendo a primeira ocorrido no seu mandato anterior. O Governo e o povo do Brasil, que o aguardam de braços abertos, reconhecem em Vossa Excelência um legítimo representante das nações irmãs da África e um perspicaz e infatigável lutador pelo direito de todos os povos, de cada povo, à justiça, à liberdade e ao progresso — objetivos subjacentes nos ideais que inspiram o Ato Constitutivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

29 DE JANEIRO
PALÁCIO GRAND TRIANON
VERSALHES — FRANÇA

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA FRANCESA, SENHOR VA-
LÉRY GISCARD D'ESTAING

Excelentíssimo Senhor Presidente
da República Francesa, Valéry Giscard d'Estaing:

Agradeço sensibilizado as palavras de simpatia e amizade de Vossa Excelência. Elas testemunham o conhecimento e o interesse de Vossa Excelência em relação ao Brasil.

A visita que ora realizo à França ultrapassa o plano dos resultados imediatos. Faz parte de um processo, que podemos considerar consolidado, de encontros entre os Chefes de Estado dos dois países.

Esse processo foi iniciado com a visita ao Brasil do Presidente Charles de Gaulle, que acolhemos não só como um grande estadista francês, senão também como uma das personalidades centrais da História contemporânea. Ao retribuir, em 1976, aquela visita, o Presidente Ernesto Geisel foi alvo de recepção calorosa e amiga, por parte do povo e do Governo franceses.

De sua parte, Vossa Excelência, durante sua ainda recente viagem ao Brasil, deu grande e feliz impulso ao fortalecimento de nossos laços em todos os domínios, e entre nós encontrou a mesma visão construtiva que o animava.

Minha visita é mais uma etapa no processo de consolidação de nosso relacionamento. Venho à França em ocasião particularmente significativa na evolução de nossos países e num momento pleno de riscos e oportunidades para o mundo.

Senhor Presidente,

Tradicionalmente, a França tem-se colocado em posição ímpar perante a comunidade internacional, como fonte inesgotável de cultura e de conquistas intelectuais e políticas. Juntam-se, na sociedade francesa, o respeito ao passado e a coragem diante do futuro. A nação francesa mostra uma cultura sedimentada e reconhecida, a que se soma uma criatividade empenhada na busca de novos rumos, novas formulações e novas idéias.

Por precisão de pensamento e elegância de expressão, Vossa Excelência é reconhecido como autêntico representante da cultura e da política da França. Em seu trabalho cotidiano, Vossa Excelência orienta o Governo francês em direção a idéias e instituições que, concebidas no presente, servirão às futuras gerações. Concretizam-se, assim, os grandes ideais de seu país e renova-se a contribuição que sempre deu ao progresso do Homem e da Civilização.

Em seu ofício de pensador e político, Vossa Excelência identificou três caminhos para o relacionamento entre os indivíduos e a coletividade.

- a realização da unidade pela justiça;
- a constituição de uma comunidade de homens livres e responsáveis;
- a criação de uma sociedade de comunicação e participação.

Tais princípios, sucintamente enunciados, transcendem o plano da realidade interna dos Estados, pois a idéia de «uma sociedade a partir do homem» deve permeiar a própria evolução das relações internacionais.

Ao aceitar o convite formulado por Vossa Excelência, tive em mente que o diálogo entre nossas duas nações, desenvolvimento e franco, se alicerça em valores compartilhados. São valores que nos levam, de um lado, ao apreço à identidade nacional própria, e, de outro, ao respeito à individualidade de nossos parceiros. Se, deixando de lado outros pontos de convergência, quiséssemos definir o denominador comum de nossos povos, talvez o encontrássemos no repúdio à uniformidade.

A França e o Brasil convivem no espaço político ocidental. Temos o desejo de ver o Ocidente prosperar de forma harmônica e que respeite toda a sua variedade. Precisamos viver autenticamente os nossos próprios valores e praticar o diálogo flexível e aberto.

É fundamental que, em nosso comum espaço político, cada país possa dispor de meios práticos para realizar seus destinos. E que o faça livre de interferências, restrições ou imposições, pois este é o traço que nos distingue no cenário internacional. Repelimos as hegemônias e as decisões unilaterais. A sociedade internacional deve ser um campo de coordenação e não de subordinação. A busca do consenso deve partir do respeito às características de cada nação.

Com suas identidades próprias, situando-se em contextos distintos, a França e o Brasil apresentam semelhanças importantes em sua atuação internacional.

O Brasil aprecia em Vossa Excelência a compreensão que tem demonstrado da relevância, para o mundo de hoje, das expectativas dos países em desenvolvimento. Desde os primeiros passos das negociações Norte-Sul, a França tem sido sensível à necessidade do diálogo, pois, como o Brasil, pôde perceber nitidamente os riscos inerentes à continuidade dos presentes impasses econômicos.

A busca de uma ordem econômica mais justa deve ser concreta e refletir-se na melhoria da qualidade de vidas dos povos.

Deve, portanto, repudiar rótulos e idéias fixas que apenas encobrem a falta de um desejo sincero e profundo de cooperação.

Senhor Presidente,

Na conjuntura internacional particularmente complexa e delicada em que vivemos, mais do que nunca se faz urgente o entendimento, a cooperação, a boa convivência entre as nações.

Devemos evitar a redução das relações internacionais a sínteses utópicas, mas compreender a diversidade das nações e buscar um relacionamento que contribua efetivamente para a paz e para o desenvolvimento.

A atual situação é especialmente dramática no campo econômico, em que injustiças se perpetuam em prejuízo maior para a maioria dos países em desenvolvimento. Apesar de seus árduos esforços internos e dos resultados obtidos no campo do desenvolvimento, o Brasil

tem sido duramente atingido pela crise econômica mundial. Não se pode deixar de reconhecer que, se a atual conjuntura afeta negativamente o mundo desenvolvido, é ela ainda mais adversa para as economias vulneráveis dos países em desenvolvimento.

Os momentos difíceis que vivemos exigem soluções prontas. É preciso um esforço internacional conjunto com vistas a um entendimento verdadeiro sobre essas questões que a todos afligem. Se esse esforço não prosperar, é mais do que provável que se criem ressentimentos e desconfianças, de efeitos imprevisíveis, que a ninguém beneficiarão.

O impasse nos foros econômicos internacionais não é problema acadêmico, pois desencadeia tensões e conflitos abrangentes. E poderá contaminar a cena política internacional.

Senhor Presidente,

A meu ver, duas condições são essenciais para que se possa impulsionar esse empreendimento conjunto. De um lado, o sentido claro de prioridade, nascido de um processo realmente negociado, sem imposições, mas com justiça e equilíbrio. Do outro lado, a disposição verdadeira para negociar.

Conheço as dificuldades objetivas que se colocam diante do ânimo negociador. Mas tenho a esperança de que as verdadeiras conseqüências da atual crise econômica, em particular sobre os países em desenvolvimento, possam ser adequadamente entendidas pelos países industrializados e de que, em benefício mútuo, sejamos capazes de quebrar a inércia que caracteriza as relações Norte-Sul.

Tenho a esperança de que saberemos vencer esse desafio, que certamente imporá sacrifícios a todos, matiza-

dos, porém, de acordo com os respectivos estágios de desenvolvimento. De toda forma, cumpre que essas negociações sejam levadas a efeito dentro de uma atmosfera de absoluto respeito às autonomias individuais dos países participantes e num verdadeiro sentido de solidariedade.

Senhor Presidente,

Os esforços que nossos países têm envidado para enriquecer as relações bilaterais ganharão — estou certo — renovado ímpeto. Novas oportunidades continuarão a surgir, num quadro institucional já abrangente e aperfeiçoado, que reflete as raízes das relações franco-brasileiras.

As relações de amizade que, tradicionalmente, mantemos com a França constituem fator de enriquecimento da política externa brasileira. A dinamização desse relacionamento abre para o Brasil melhores oportunidades de expressão política em seu permanente diálogo com as nações da Europa Ocidental e de todo o Ocidente. Ao transcenderem o plano bilateral, nossas relações com a França ativam importante vertente de nossa diplomacia e fortalecem nossa capacidade de sustentar os princípios da autodeterminação dos povos, da igualdade soberana dos Estados e do respeito às diversidades nacionais.

Dentre os fatores que, de modo mais patente, nutrem a amizade entre o Brasil e a França, levanta-se o intercâmbio cultural, denso e fecundo.

Nossos povos acreditam que as relações culturais, empreendidas em moldura de compreensão recíproca, longe de descaracterizarem a essência de cada nação, contribuem para o enriquecimento de seus patrimônios respectivos.

É esse entrosamento das culturas, essa ligação profunda entre as almas dos povos, que constitui a razão mais profunda de nossa crença na possibilidade de resolver, pelo diálogo, os problemas de nossa época.

A França soube ser ponto focal da integração europeia, revelando claro discernimento ao sublinhar as vantagens da união contra a perpetuação de rivalidade passada e modos de relacionamento anacrônicos. Para esse nobre papel, preparou-a sua tradição cultural aberta e variada, sempre renovada na defesa dos ideais humanistas.

Sob sua orientação realista e segura, Senhor Presidente, a França coloca-se sem dúvida na vanguarda das nações que almejam a construção de um mundo mais justo e equilibrado para todos.

Desejo agora saudar a amizade entre nossos povos. Aos presentes peço que comigo ergam suas taças num brinde a essa amizade e à saúde do Presidente da República Francesa e da Senhora Valéry Giscard d'Estaing.

(1) \mathbb{Z}^2

(2) \mathbb{Z}^3

(3) \mathbb{Z}^4

(4) \mathbb{Z}^5

(5) \mathbb{Z}^6

(6) \mathbb{Z}^7

(7) \mathbb{Z}^8

29 DE JANEIRO

CONSELHO NACIONAL DO
EMPRESARIADO FRANCÊS.

PARIS — FRANÇA

DISCURSO NA ABERTURA SOLENE
DA REUNIÃO EMPRESARIAL BRASIL-
FRANÇA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

É com viva satisfação que venho saudá-los na abertura desta Reunião Empresarial Brasil-França, iniciativa que, de forma auspiciosa, coincide com minha visita oficial à República Francesa.

Quando se verifica ser a França o oitavo parceiro comercial do Brasil, e o sexto, em termos de investimentos, reafirma-se a certeza de que temos ainda pela frente enorme potencial de expansão em ambos os campos. Existem condições para isso. Nossas economias são largamente complementares; acreditamos na eficiência da economia de mercado, produzida pela primazia da iniciativa privada no processo de desenvolvimento; e valorizamos a colaboração no que se refere aos fluxos de capitais privados para investimentos diretos. Acreditamos na importância da cooperação internacional no plano econômico, para evitar que posturas protecionistas e atitudes unilaterais terminem por prejudicar a todos.

O agravamento da situação econômica global deixa claro o caráter estrutural de uma crise que muitos pensavam transitória e indica que passamos a viver uma situação nova. A crise da economia mundial tem, em sua gênese, fatores relacionados com as tensões criadas por um intercâmbio desigual entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Para seu equacionamento eficaz e definitivo, faz-se indispensável uma reformulação abrangente e profunda no quadro normativo das relações entre os países do Norte e do Sul.

A estrutura de convivência entre o Norte e o Sul tem-se alterado apenas marginalmente. Ainda hoje, não permite a formação de bases de relacionamento consentâneas com o papel cada vez mais significativo desempenhado pelos países em desenvolvimento no conjunto da economia internacional.

A real integração do Terceiro Mundo na economia internacional só advirá de seu adequado acesso aos processos decisórios sobre as questões da vida econômica. A tentativa de preservar as estruturas de decisão sobre os fluxos internacionais de comércio, finanças e tecnologias só agravará a situação atual.

A reforma do sistema econômico internacional não será ato de benemerência, mas a reinterpretação do próprio jogo de interesses entre o Norte e o Sul.

Temos de passar da simples interação para um verdadeiro sentido de mutualidade. Do temor de mudanças que se pensam adiáveis, para o reconhecimento de que o desafio a enfrentar é o de administrar mudanças inevitáveis e já em pleno curso. Da crença, errônea, de que estamos todos a disputar lugares em espaço apertado e até decrescente, para a compreensão de que, juntos, Norte e

Sul serão capazes de ampliar imensamente os horizontes de progresso e desenvolvimento ao alcance de todos os povos.

Senhores,

Como país em desenvolvimento, o Brasil atribui a mais alta importância à intensificação de seu comércio exterior. Consideramos o intercâmbio com outros povos insumo importante de nosso próprio desenvolvimento, mas também nos orgulhamos da contribuição que temos dado à ampliação das trocas internacionais, como exportadores crescentemente competitivos e substanciais importadores de capital, serviços, equipamentos e tecnologia.

Não me parece de todo exagerado dizer que, em certo sentido, o Brasil constitui hoje, no plano econômico, um dos mais significativos parceiros de que o mundo industrializado dispõe no Terceiro Mundo.

Se é inegável que alguns países exportadores de petróleo podem apresentar cifras mais elevadas nos movimentos de suas contas comerciais, não é menos verdade que o Brasil ocupa posição singular pelo alto padrão de diversificação de suas relações com os grandes centros econômicos, na exportação como na importação, no comércio como nas finanças, nos serviços como nos fluxos de tecnologia.

Não é negligenciável o aporte que temos oferecido à sustentação da atividade econômica nos grandes países industrializados, neste momento de generalizadas dificuldades por que passa a economia mundial. Embora, como disse antes, nos orgulhemos de tal fato, temos consciência de que é muito o que podemos oferecer à comunidade internacional, pela amplitude de nosso mercado,

pelo dinamismo de nossa indústria e pelos imensos e muitas vezes inigualáveis recursos naturais ainda suscetíveis de incorporação às nossas atividades produtivas.

A plena realização do potencial produtivo brasileiro — que sempre haveremos de assegurar pelo nosso próprio esforço — será certamente facilitada, entretanto, se nossos principais parceiros souberem evitar a adoção, para com o Brasil, de atitudes protecionistas, apressadas e injustificadas.

Com efeito, existem setores do mundo industrializado que parecem ver no surgimento do Brasil como fornecedor relativamente dinâmico de manufaturados um fato preocupante e mesmo ameaçador, a justificar o pronto recurso a medidas restritivas.

Há, por vezes, quem chegue a apontar o Brasil como país praticamente «desenvolvido», como se a árdua e complexa luta pelo desenvolvimento econômico e social pudesse ser reduzida à expressão de relativo adiantamento do setor industrial de nossa economia.

Estamos empenhados em conseguir para o Brasil, no cenário econômico mundial, lugar à altura de nossas dimensões e potencialidades. Esse esforço, longe de configurar ameaça aos interesses de outras nações, constitui na realidade fator de ampliação das oportunidades de atividade produtiva para nossos parceiros, que não devem perder de vista ter o Brasil elevada propensão a importar não só bens e serviços, mas também capital e tecnologia, como antes assinalei.

Se o Brasil, portanto, está empenhado em ampliar sua participação nas trocas internacionais, em reforçar sua capacidade tecnológica e diversificar sua estrutura produtiva, não o faz com base na busca de vantagens

unilaterais. O que buscamos não são ganhos imediatos, mas sim parcerias estáveis e mutualidade de benefícios. Nosso compromisso com uma crescente integração à economia internacional reflete a vocação brasileira para a cooperação amistosa com outros povos, e expressa nossa consciência do muito que podemos fazer pela prosperidade global.

É nesse espírito que vimos enfrentando nossa parcela das dificuldades econômicas do atual momento. Duramente afetado por fatos alheios a nosso controle — como as tendências protecionistas, a elevação nos preços do petróleo, a inflação no mundo desenvolvido — o Brasil opta firmemente por uma estratégia anti-recessiva. Vemos na crise deste momento a oportunidade de ao mesmo tempo aperfeiçoar nossas estruturas e melhorar os termos de nossa inserção na economia internacional.

As soluções para nossas presentes dificuldades econômicas — na área da importação de petróleo, da inflação ou do endividamento externo — estão, com efeito, sendo encaminhadas de modo a assegurar ao País menor vulnerabilidade a fatores imprevisíveis de origem externa, mas sem prejuízo de uma reforçada vinculação com a economia internacional em termos mais estáveis e fecundos, para o Brasil assim como para seus parceiros.

Senhores,

As relações econômicas entre nossos países têm apresentado uma evolução positiva nos últimos anos. A satisfação com os resultados obtidos não deve, porém, impedir-nos de reconhecer que o intercâmbio bilateral está ainda longe de colocar-se à altura das potencialidades oferecidas pelo dinamismo e pujança das economias da França e do Brasil.

No que diz respeito, por exemplo, às exportações brasileiras para o mercado deste País, é patente a assimetria entre o bom desempenho das vendas de produtos primários e, de outra parte, o ainda insatisfatório percentual representado pelas vendas de manufaturados no cômputo global das exportações: só 25% do total das vendas brasileiras à França corresponde a produtos industrializados, quando já se eleva a quase 50% sua participação na pauta geral das exportações brasileiras.

Outra área importante do relacionamento bilateral, na qual se abrem amplas oportunidades, é a dos investimentos de capitais franceses no Brasil. As amplas e sólidas bases da economia brasileira, com seu mercado em acelerada expansão e nível considerável de industrialização, oferecem campo profícuo para uma intensificação de empreendimentos entre setores da iniciativa privada dos dois países. O Governo, assim como, estou certo, o empresariado brasileiro, só pode receber com satisfação uma presença mais expressiva de capitais franceses no esforço de desenvolvimento do Brasil.

As duas partes muito podem fazer para intensificar seu intercâmbio econômico, alargar seu alcance e diversificar sua composição qualitativa. Aos Senhores, como empresários, cabe papel central no desenvolvimento das relações Brasil-França. Estou certo de que, ao longo de seus trabalhos, saberão identificar novas oportunidades de intercâmbio mutuamente benéfico, e de delinear para cada uma das formas e modalidades mais adequadas de execução.

Desejo-lhes pleno êxito em suas tarefas, para que Brasil e França possam mais rapidamente realizar, em proveito de seus povos, os ideais de amizade e cooperação que a todos nos animam.

30 DE JANEIRO
SEDE DA PREFEITURA
PARIS — FRANÇA
DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES
SIMBÓLICAS DA CIDADE

Senhor Prefeito:

Ao voltar a Paris, sinto-me tomado da mesma alegria que experimentei quando aqui estive pela primeira vez.

A essa alegria, no entanto, soma-se agora a satisfação de calorosa acolhida a mim proporcionada, como representante do povo brasileiro.

Venho de Brasília, cidade planejada para simbolizar o futuro que os brasileiros hoje constroem.

À primeira vista, pareceria existir profundo contraste entre as duas cidades — a capital dos brasileiros que inicia sua afirmação como centro das decisões nacionais, e a capital francesa, cujas raízes, adentram, profundamente, o próprio âmago da História.

No entanto, as duas capitais compartilham da mesma vocação de se lançarem ao futuro. Se Paris já se renova através de uma arquitetura pioneira e se orgulha

de formar entre os principais monumentos históricos da Humanidade, seu dinamismo e sua vitalidade estão sempre presentes no seu papel político e econômico e no jovem vigor de seu ambiente cultural, artístico e científico.

A Cidade de Paris, com seus fundamentos no próprio mundo latino, surgiu de uma ilha, que se apresentava como ponto privilegiado de defesa. Durante o longo percurso descrito através dos tempos, Paris adquiriu características privilegiadas de cidadela de defesa da própria cultura ocidental.

Ao se falar da tradição de Paris, por muitos assimilada à da própria Nação francesa, não se deve esquecer que essa tradição possui também o sentido dinâmico da entrega de um legado às novas gerações. Significa, pois, respeito ao passado, adaptação ao presente e preparação para o futuro.

Paris mantém, assim, as qualidades culturais de sua gente e de seus monumentos, enquanto transmite sempre, às novas gerações, a herança intelectual que fecunda o futuro da França.

O próprio ambiente de Paris, cidade tão bem administrada por Vossa Excelência, leva à reflexão e às artes, o que a transforma em terreno fértil para a criação de novas idéias.

Senhor Prefeito,

Em todas as etapas do desenvolvimento do Brasil como Estado independente, é nítida a influência da França e da própria Cidade de Paris. A memória nacional registra, com carinho, a inspiração que os precursores da independência brasileira foram buscar nas idéias dos filósofos franceses do Século XVIII. Mais tarde,

também os fundadores da nossa República tiveram seus olhos voltados para doutrinas francesas. No nosso século, a renovação intelectual do modernismo, por sua vez, vislumbrou na inteligência francesa elementos de mudança que nos eram necessários e que se traduziram numa produção cultural condizente com uma sociedade que se tornava urbana e se industrializava.

Igualmente, no campo das ciências sociais e das humanidades ficou a inteligência nacional reconhecida à inestimável contribuição francesa.

O povo brasileiro tem consciência nítida de que deve sempre proteger, com denodo, seus valores e suas características. O Brasil possui identidade cultural própria, síntese de várias etnias. Resultou nossa personalidade, como nação, de um desenvolvimento natural que desagou na convivência fraterna que nos caracteriza. A defesa de nossos valores culturais confunde-se com a preservação de nossa própria personalidade e independência. Somos, porém, receptivos às idéias que possam enriquecer nosso patrimônio cultural, sem nunca substituí-lo.

Essa atitude se torna ainda mais importante em nossos dias. A difusão dos meios de comunicação e seu alcance crescente representam, a um tempo, conquista e risco para as nações. Se a veiculação de novos conhecimentos e de novas técnicas nos beneficia a todos, devemos ter presente que também nos arriscamos a ver descharacterizadas parcelas importantes do patrimônio cultural de cada povo.

A Nação Brasileira, assim como a Nação Francesa, tem sabido manter íntegra a sua cultura, consciente de ser essa integridade indispensável ao seu futuro. A ambas repugna a uniformidade inespecífica, e nisso teremos sempre um aspecto em comum.

Senhor Prefeito,

Paris, síntese do povo francês, possui um elo fundamental que a liga ao povo brasileiro: o gosto pela vida, com sua variedade e suas peripécias, manifestação do humanismo sempre presente em ambos os povos.

Faço votos de que nossa sólida amizade, amparada pela continuidade no passado, seja eterna como Paris.

30 DE JANEIRO
MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES
EXTERIORES (QUAI d'ORSAY)
PARIS — FRANÇA

DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFE-
RECIDO PELO PRIMEIRO MINISTRO
DA REPÚBLICA FRANCESA, SENHOR
RAYMOND BARRE

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro da República
Francesa, Raymond Barre:

Muito agradeço as palavras de Vossa Excelência, que traduzem, de forma viva e sincera, o conhecimento que a França tem das potencialidades brasileiras e dos nossos esforços para transformá-las em realidade.

O testemunho de Vossa Excelência é, certamente, o resultado de suas experiências de intelectual e de estadista. Soube Vossa Excelência fazer com que a reflexão da cátedra contribuisse para suas atividades públicas, razão pela qual merece amplo reconhecimento internacional.

Profundamente empenhado em desenvolver-se, o Brasil procura enfrentar, com determinação e criatividade, o desafio de um quadro econômico internacional sobremaneira adverso, com vistas a dar satisfação concreta às necessidades de realização de um povo consciente e de um país onde há muito a construir.

Optamos por um itinerário em certos aspectos diferente do escolhido pelos países industrializados.

Temos consciência de que não podemos reproduzir em nosso caminho a trajetória dos países que até aqui conduziram o fio do progresso. A História, nós a vemos sob ótica própria, como nação do Hemisfério Sul. Nossas necessidades de desenvolvimento e de transformação são mais acentuadas, e mais prementes nossos anseios de estabelecer uma nova ordem econômica internacional justa e equitativa.

Não aspiramos a transformar-nos em potência no sentido tradicional da palavra, pois isso significaria mera transposição de papéis e não uma solução para os problemas que nos afligem a todos. Por outro lado, nossos ideais de paz e justiça, de igualdade e cooperação, são tão firmes quanto nossa crença no diálogo e na capacidade humana de superar aqueles problemas.

O estágio de desenvolvimento do Brasil, caracterizado por grande contingente de população jovem e pela necessidade cada vez maior de promover sua absorção pelo mercado de trabalho, nos obriga a manter o crescimento econômico.

Apesar da conjuntura negativa, descartamos a opção da ortodoxia. Adotamos, ao contrário, o caminho de, através de medidas realistas e graduais, estimular setores que poderão, a médio e longo prazo, dar contribuição efetiva à resolução de nossos problemas básicos.

Nossa estratégia tem-se fundamentado em quatro princípios essenciais: manutenção de um ritmo adequado de desenvolvimento, redução da dependência externa, diminuição dos índices inflacionários e promoção de melhor distribuição pessoal e regional da renda.

Partimos da premissa de que apenas a continuidade dos investimentos permite o crescimento do produto a taxas compatíveis com a necessidade de geração anual de mais de um milhão e meio de empregos.

Nessa ordem de idéias, coloca-se a estratégia de concentração de esforços na agricultura, na exportação e na diversificação das fontes energéticas, sem nos descuidarmos de estimular a elevação dos níveis de poupança interna e de apoiar sempre, também, a iniciativa privada e a participação das forças de mercado no sistema econômico.

As potencialidades do País no campo energético e no domínio agrícola, a que se somam os nossos recursos minerais, indicam a viabilidade das decisões adotadas.

Os nossos esforços de desenvolvimento requerem, no entanto, para que tenham êxito, que o relacionamento com as demais nações se estabeleça em bases justas e eficazes e que a economia internacional apresente condições tão favoráveis quanto possível. Nem os países do Sul, nem os do Norte, podem ter a veleidade de depender das condições econômicas globais.

Por isso, cremos ser de todo indispensável o êxito das negociações Norte-Sul que neste ano de 1981 ocuparão, justamente, boa parte de nossas atenções como chefes de governo. Não são apenas os países em desenvolvimento, como bem sabe Vossa Excelência, os que se beneficiarão de um ordenamento mais justo da economia internacional.

Os efeitos positivos do êxito que alcançaremos serão por todos sentidos, dadas as interligações existentes entre o Sul e o Norte. Quanto mais justa e equilibrada a

ordem econômica internacional, mais intensas e proveitosas serão as relações entre os países em desenvolvimento e os países desenvolvidos.

O Brasil, assim como os países em desenvolvimento em geral, está preparado para encarar essas negociações com espírito altamente construtivo e positivo, sem radicalismos estéreis e sem buscar vantagens exclusivistas.

Esperamos e consideramos de importância fundamental que os países desenvolvidos mostrem igual clareza, pois o preço da inoperância é crescente tanto em termos econômicos quanto no tocante à própria paz e segurança do mundo.

Preocupa-nos, portanto, que, em resposta à crise que a todos afeta, vários países industrializados recorram a medidas imediatistas, em vão esforço para atenuar seus problemas, no que contribuem para que nos aproximemos de situações econômicas de impasse.

Inquieta-nos, assim, a manutenção de tendências protecionistas, não apenas pelas dificuldades que criam às exportações dos países em desenvolvimento mas também porque prejudicam a própria prosperidade dos países que as adotam. O protecionismo constitui apenas um paliativo, que não atinge as raízes mais profundas dos grandes problemas atuais.

Senhor Primeiro-Ministro,

A Comunidade Européia tem dinamizado sua participação no contexto internacional, em todos os setores, com base numa unidade que não seria possível sem o papel primordial, e mesmo catalisador, que a França exerce.

O Brasil, por seu turno, tem aumentado sua participação no campo econômico internacional, e se situa en-

tre as dez maiores economias mundiais, embora ainda país em desenvolvimento e com nítida consciência das dificuldades inerentes a essa condição.

O Brasil tem hoje na Comunidade Européia seu maior parceiro econômico, e dentro dela avulta a participação francesa em nosso intercâmbio.

Senhor Primeiro-Ministro,

Posso afirmar que a França e o Brasil já deram largos passos no caminho da cooperação. Temos sabido avaliar constantemente nossas funções e responsabilidades na economia internacional; buscamos na cooperação bilateral uma relação que complementa, sem subordinar, duas economias dinâmicas.

Esse aspecto das relações franco-brasileiras se desenvolve de forma extremamente positiva em variadas áreas. No campo energético, estão em execução importantes projetos nos setores hidrelétrico, termelétrico, carbonífero, e na prospecção de petróleo. No científico e tecnológico já ficou demonstrada a viabilidade de trocas eficazes de conhecimentos entre um país industrializado e um país em desenvolvimento.

Por outro lado, nota-se o interesse francês em, compreendendo o momento histórico, participar de nosso desenvolvimento na indústria de bens de produção e de consumo.

Esses exemplos não esgotam, no entanto, as reais possibilidades de intercâmbio. Não nos devemos satisfazer com o muito já alcançado, mas sim aproveitar essas realizações como base para o favorecimento de uma evolução cada vez mais dinâmica e diversificada.

Senhor Primeiro-Ministro,

Verifico, com satisfação, que nossa maneira própria e singular de enfrentar as dificuldades por que passa a economia internacional é objeto de reflexão por parte de Vossa Excelência, desde os idos de 1958.

Em seu livro «O Desenvolvimento Econômico, Análise e Política», lembrava Vossa Excelência que um dos perigos mais graves a que se expõe a política econômica dos países em desenvolvimento é a simples transposição de instrumentos já utilizados pelos países desenvolvidos. As diferenças de estrutura impõem que se recorra a «instrumentos novos, criados por meios específicos».

Ao escolher seu caminho, o Brasil o faz com fé no futuro, pautando suas ações pela modéstia e pelo realismo. Não pretendemos sugerir soluções nem mesmo aos países com problemas semelhantes aos nossos, mas procuramos compreender as dificuldades que encontram e ajudá-los na medida do possível.

Com meus melhores agradecimentos pela homenagem que o Governo francês, na pessoa de Vossa Excelência, me presta, rogo a todos que me acompanhem no brinde que faço à saúde e à felicidade pessoal do Primeiro-Ministro e da Senhora de Raymond Barre.

30 DE JANEIRO
RESTAURANTE LE PRÉ CATELAN
PARIS — FRANÇA

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA RE-
PÚBLICA FRANCESA, SENHOR VA-
LÉRY GISCARD D'ESTAING

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Francesa, Valéry Giscard d'Estaing:

A cortesia e a hospitalidade são valores que sensibilizam profundamente o indivíduo, qualquer que seja a dignidade de que se ache revestido. Muito maior o desvanecimento quando é o nosso próprio país que está sendo homenageado.

E foram exatamente esses valores que marcaram todos os momentos de minha permanência na França.

Sob o signo, da efetuosa acolhida do povo e governo franceses, pude ter com Vossa Excelência diálogo fluente e construtivo, que contribui para maior aprofundamento de nossa tradicional amizade.

Registro com satisfação a ampla convergência de nossos enfoques e entendimentos. No plano bilateral, ressalto o empenho comum em desenvolver as potencialidades do comércio e da operação econômica, científi-

ca, tecnológica e cultural em benefício de ambos os países. No âmbito mundial, verifico que há importantes coincidências na avaliação da situação presente e preocupações muito próximas, o que deve levar à continuidade de nossas proveitosas consultas.

Para o equacionamento dos problemas com que se defronta a Humanidade, todos os países devem estar prontos a dar sua contribuição, na proporção dos recursos de que dispõem. Nossos objetivos são os da paz e do desenvolvimento, guiados pelo ideal da justiça.

Senhor Presidente,

O mundo em que vivemos atravessa período de especial dificuldade. A compreensão da natureza dos atuais problemas políticos e econômicos nos auxiliará a enfrentá-los conjuntamente. Para esse fim, requer-se amplo diálogo, como o que manteremos.

Estou certo de que esta nova etapa de contatos entre os Chefes de Estado do Brasil e da França não se encerrará aqui. Encontra, antes, novo começo, pois se enquadra na moldura mais ampla da fraterna amizade que nos une, com base na observância dos valores e princípios inerentes à boa convivência internacional.

Tenho inabalável crença em que a nossa cooperação encontrará plena realização e que, embora não queiramos fixar regras de comportamento, virá a constituir modelo para a convivência harmônica entre países de diferentes níveis de desenvolvimento.

Nesse espírito, convido os presentes a brindar à amizade de nossos dois povos e à saúde e felicidade pessoal de Sua Excelência o Presidente da República Francesa e da Senhora de Valéry Giscard D'Estaing.

01 DE FEVEREIRO
AEROPORTO INTERNACIONAL
PORTELA DE SACAVÉM
LISBOA — PORTUGAL
DISCURSO AO DESEMBARCAR EM
PORTUGAL

Sob a emoção da chegada a esta terra, saúdo a valorosa gente portuguesa.

Com minhas palavras e com minha presença, expresso a mensagem de profunda amizade que todos os brasileiros enviam a este povo amigo e irmão.

Para nós, do Brasil, este é um dia de festa, porque hoje nos encontramos em Portugal.

Brasileiros e portugueses se irmanam em séculos de convivência e em seu comum e cotidiano devotamento à causa do Progresso, da Liberdade e da Paz.

A gente deste país, por sua coragem e seu trabalho, soube construir laços que se estendem além-oceano e que firmemente unem nossas duas nações.

Esses laços de história e de convivência fraterna propiciam também uma rica oportunidade e um desafio: o de prosseguir, com determinação e renovada criatividade, no fortalecimento de nossas relações e na luta pela realização dos anseios de nossos povos.

Portugueses e brasileiros não precisamos de explicações para os sentimentos que distinguem nossos vínculos. Eles brotam e se desenvolvem de forma natural, espontânea.

E numa situação de crise internacional, em que se multiplicam os obstáculos à boa convivência entre os povos, mais valiosos e exemplares se tornam a nossa afeição, cordialidade e respeito recíproco.

Nestes próximos dias, buscarei novas áreas de interesse comum e de entendimento. Além disso, procurarei conviver com o nobre povo português, ouvir suas vozes, escutar seus corações.

É este o espírito que me traz a Portugal.

Viva Portugal! Viva o Brasil!

02 DE FEVEREIRO
CÂMARA MUNICIPAL
LISBOA — PORTUGAL
DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA
À CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara
Municipal de Lisboa,
Senhores Vereadores,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao receber-nos nesta Casa, Vossas Excelências prestam significativa homenagem ao Brasil e aos brasileiros. Testemunham, no plano oficial, a acolhida espontânea e generosa que nos foi reservada nesta cidade. A população lisboeta e a seus insígnos representantes, nosso conhecido agradecimento.

A Cidade de Lisboa, nosso preito de admiração por seu presente, cheio de promessas, e por seu passado de glórias imorredouras. Já no Século XIII, afirmava-se ela por eventos decisivos na história de Portugal.

Em Lisboa, eclodiu o movimento que entregou o poder ao Mestre de Avis e preservou a autonomia nacional. O arrojo lisboeta fez nascer, aqui, sob o Duque de Bragança, a pátria restaurada.

O espírito renovador desta cidade reflete-se na vida de toda a nação. Faz com que a verdade das palavras do cronista Fernão Lopes se entenda além de seu tempo: «Lisboa era mais que a capital do Reino, era a razão de ser de sua independência».

Hoje, como outrora, Lisboa projeta-se, conduzindo o país rumo ao progresso e ao bem-estar. Além de grande porto, para esta Metrópole convergem linhas aéreas de todo o mundo. Situada no eixo das rotas do turismo, muito tem a oferecer: beleza, arte e clima incomparáveis.

Jovem cidade milenar, Lisboa, mais que qualquer outra capital, é capaz de conciliar o novo e o velho, a ciência e o mistério. Desde os ângulos retos formados pelas largas ruas do Rossio até a alegre indisciplina que identifica a Alfama, o que se percebe é a harmonia entre o que se faz, por engenho e arte, e o que o tempo e a natureza vêm fazendo espontaneamente.

Seus imponentes edifícios públicos, ricos em perspectivas, e seus bairros amplos e modernos em nada desrespeitam o passado e a geografia. Conservam, carinhosamente, um legado de deleza que fecunda o presente.

Senhor Presidente da Câmara,

Diante da cidade majestosa, a contemplar do alto de suas sete colinas o Tejo; diante da grandiosa obra resultante do amor dos portugueses à sua terra; diante da energia renovada pelo denodado esforço que lhe confere eterna juventude, sinto-me feliz por não poder dizer, como Tomás Ribeiro: «eu nunca vi Lisboa, e tenho pena».

02 DE FEVEREIRO
PALÁCIO DE SÃO BENTO
LISBOA — PORTUGAL
DISCURSO AO SER RECEBIDO EM
SESSÃO SOLENE NA ASSEMBLÉIA DA
REPÚBLICA

Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembléia da República,
Senhores Deputados,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

É-me grata a oportunidade de saudá-los e, por seu intermédio, ao povo que representam, povo que sempre foi a grande riqueza deste país, por seu trabalho, sua perseverança, sua coragem, seu patrimônio.

Agradeço, Senhor Presidente, suas palavras de acolhida, que bem dizem da generosa hospitalidade desta Casa legislativa.

Vossas Excelências desempenham com brio a elevada tarefa de captar e exprimir as aspirações nacionais, consubstanciadas em glorioso passado e projetadas no seguro porvir da brava gente lusitana.

Síntese da vontade política dos portugueses, a Assembléia da República é o reflexo fiel do espírito cívico

e do amadurecimento do povo português. Apegados aos valores fundamentais da democracia, os portugueses, neste alto Parlamento, fazem ouvir sua voz e definem com consciência aberta, com participação de todos, os objetivos maiores da nacionalidade.

Não é outro o sentido básico do processo político brasileiro. Estamos, como os portugueses, na trilha de afirmação democrática, de consolidação do pluralismo, de abertura à participação. Todos, e cada um de nós brasileiros, do Governo e dos variados setores e segmentos da população, estamos empenhados no fortalecimento da prática democrática. A cada dia que passa, os cétricos são desmentidos. A cada dia que passa, vai-se evidenciando quão falacioso era o raciocínio dos que só viam escolhos para a democracia. O vigor da sociedade civil mostra-se a cada momento, na independência com que se organiza e se articula em instituições; o Estado sabe governar com a mão estendida, sem que o gesto signifique medida paternalista ou de superioridade, mas de igualdade, de vontade de trabalhar em conjunto pelo progresso do país. Tanto aqui, quanto em minha terra, não vemos caminho mais seguro, dentro da realidade específica de cada sociedade.

O papel do Legislativo avulta na história do Brasil, desde a abertura da primeira Assembléia nos primórdios da Independência. Aliás, nossas histórias parlamentares quase se confundem em seus momentos iniciais. Próceres da Independência brasileira foram membros da Assembléia Portuguesa, quando esta iniciava seu processo de definição institucional. E, feita a Independência, vários deles participaram das primeiras legislaturas do Império.

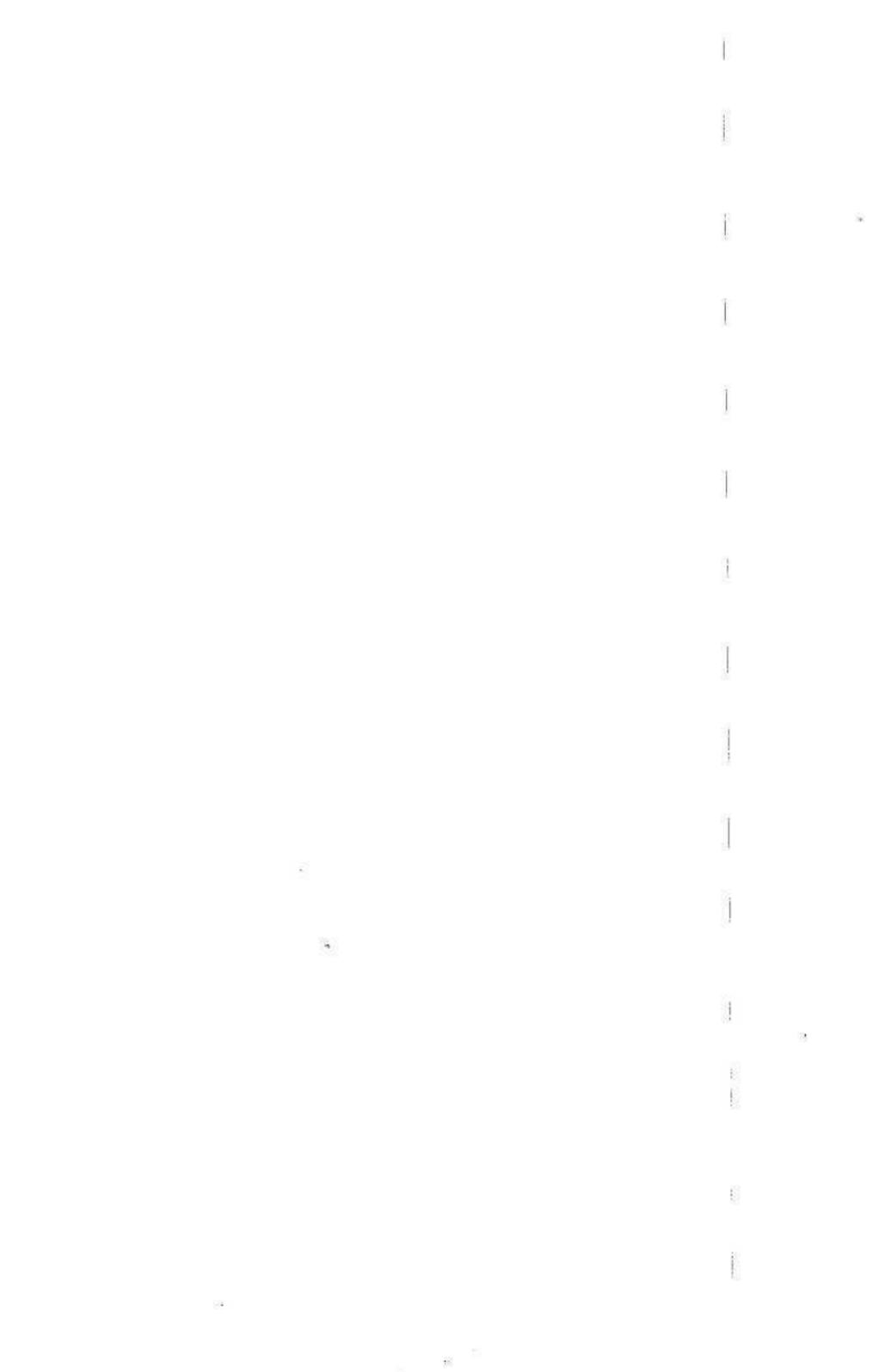
Senhor Presidente da Assembléia da República,

Desejo significar, com minha presença nesta nobre Casa, o mais alto apreço da nação brasileira pelo Legislativo português. Num momento de crises e dificuldades políticas em todo o Mundo, são particularmente relevantes as funções dos Legislativos na busca da melhor opção política com base no diálogo e na negociação.

A sólida amizade entre os povos brasileiro e português, de que minha visita oficial dá testemunho, há de florescer sempre, mantendo-se viva e atuante.

A Vossas Excelências, Senhores Deputados, formulo sinceros agradecimentos pelo apreço com que nesta Casa se distingue, na minha pessoa, o povo e o governo do Brasil.

Muito obrigado.



02 DE FEVEREIRO
PALÁCIO DA AJUDA
LISBOA — PORTUGAL
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR
ANTÔNIO DOS SANTOS RAMALHO
EANES

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Portuguesa, Antônio dos Santos Ramalho Eanes:

O honroso convite de Vossa Excelência, por mim aceito, dá ensejo a que eu retribua o seu gesto para com o Brasil, quando nos visitou há três anos. Entre os brasileiros, a presença de Vossa Excelência reforçou antigos laços de fraterna amizade. Idêntico propósito traz-me agora a Portugal.

Une nossos países, mais que o passado de harmonia e cooperação, mais que a língua comum, mais que afinidades de cultura, o imperativo do sentimento de nossos povos. Por isso, a relação entre nós transcende às contingências e inclinações de regimes e Governos, porque se realiza no mais elevado dos planos — no coração e no espírito de homens livres.

Essa comunhão, Senhor Presidente, constitui elemento evidente e tangível de nossas respectivas naciona-

lidades. Governo algum poderia modificá-la. Cabe a nós, governantes, tão-somente interpretá-la, e facilitar-lhe a plenitude da expressão. Desta convicção de comunhão tão cara a todos os brasileiros.

Os caminhos que se abrem a nossos povos tendem a ser paralelos; rumam num mesmo sentido e guardam analogia de fins. Querem o Brasil e Portugal assegurar o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Temos consciência de que o esforço de desenvolvimento é, em sua essência, nacional. Depende do trabalho e do empenho de cada qual. Não pode, porém, o ingrediente internacional ser dispensado. Não há mais lugar para a autarcia, se a meta é o desenvolvimento efetivo e amplo, criador de oportunidades de acesso aos bens econômicos, sociais e culturais da modernidade. Daí, ser fundamental a cooperação em bases igualitárias, que aproxime os povos em empreendimentos comuns e fraternos.

Talvez aí Portugal e Brasil encontrem um ponto comum em suas concepções de estilo e objetivos diplomáticos: participação plena na vida internacional, mas voltada para a cooperação e a harmonia; convivência destinada a contribuir em cada momento, ainda que modestamente, para que a paz e o desenvolvimento dêem passos à frente.

Essa coincidência de propósitos está assentada na irrestrita adesão de nossos países aos princípios basilares do convívio entre Nações: igualdade soberana, autodeterminação, não-intervenção e respeito mútuo. Portugal, como o Brasil, reconhece o caráter dinâmico da vida internacional. Nossa adesão a princípios não aceita a estagnação. É uma proposta de superação dos vícios do sistema internacional, mas que traz o sentido de que a melhor mudança é aquela feita com a preservação do

melhor na ordem atual. E a autodeterminação e a independência são conquistas necessárias. Dessa forma, o diálogo voltado para a transformação será feito em bases de participação universal, construído pelo esforço de todos, países desenvolvidos e em desenvolvimento, para a criação de uma ordem internacional mais justa.

Escolhemos no Brasil um caminho universalista, de boa convivência com todas as nações, buscando, com cada uma, o empreendimento equilibrado, que satisfaça às necessidades do povo brasileiro e do seu parceiro. O universalismo implica o respeito e a compreensão pela individualidade das nações, sem veleidades e sem desconfianças estéreis. A imposição de esquemas globalizantes simplistas, os diagnósticos gerais sobre a vida internacional, as convocações unilaterais em nome da defesa de toda a Humanidade, geram menos aproximação do que desavença e tensão entre os povos. Trazem o pecado grave do desrespeito às particularidades individuais, quando o vício ainda maior do intervencionismo e da hegemonia.

Do lado dos sinais positivos do momento internacional, parece-me que a aproximação entre Portugal e seus vizinhos europeus é passo decisivo e importante. É natural que Portugal se volte cada vez mais para os seus vizinhos e que a Europa mostre crescente receptividade à presença portuguesa. O Brasil vê com interesse e agrado o progresso da integração européia. No novo perfil da política externa da Europa Ocidental, que surge seguro e promissor, discernimos um fator significativo para a construção da paz mundial e para a vivência dos valores que nos são caros.

O Brasil, por sua vez, extravasa dos estreitos conceitos tradicionais. Pertencemos, simultaneamente, ao

Ocidente e ao Terceiro Mundo. Não cabe optar entre um e outro, pois para nós eles se definem pelo próprio exame das circunstâncias de fato, e não são universos conflitantes. O Ocidente e o Terceiro Mundo devem buscar o caminho da mutualidade de interesses. Não será lícito, porventura, a um país ocidental defender seu direito ao desenvolvimento e à participação nas instâncias mundiais de decisão? O que obrigaria um país do Terceiro Mundo a renegar sua identidade cultural, ou a divorciar-se dos valores ocidentais, desvinculando-se de países com que mantém denso relacionamento? O Brasil certamente não se coloca em escaninhos arbitrários, mas reflete o que é.

A presente conjuntura internacional não mais se ajusta a padrões pré-estabelecidos, oriundos, em grande parte, de interesses de poder. Embora discrepantes da nova configuração internacional, esses padrões continuam a impregnar os mecanismos de decisão, em matéria tanto política quanto econômica. Há imobilidade, quando a vida internacional reclama fluidez e dinamismo.

É preciso que tenhamos, todos, uma percepção nítida do quadro global, sem mitos nem artificios. Não devemos permitir que fórmulas exógenas prejudiquem a visão de nossas realidades imediatas.

Tampouco devemos deixar-nos levar por concepções que pouco ou nada têm de construtivo; concepções que prejudicam o entendimento entre os Estados e o progresso da Humanidade. Refiro-me a ideários políticos, que buscam enquadrar a realidade em esquemas cristalizados. Exigem dos protagonistas na cena internacional definições extremas e impõem-lhe rótulos simplistas, que

violentam as personalidades nacionais. Tais atitudes só fazem alimentar diferenças, ao invés de explorar aquilo que une as nações.

Os Estados — como os homens — não se amoldam a categorias absolutas. Têm peculiaridades próprias, e diferenciações por demais sutis, a que se repugnam enquadramentos rígidos.

O Brasil acredita no respeito às particularidades nacionais e às dinâmicas regionais. Refuta toda tentativa de transpor conflitos de uma esfera para outra. Tensões globais transferidas para o nível regional não se atenuam. Pelo contrário, propagam-se e tornam-se fonte permanente de crises.

À realidade econômica da interdependência deve corresponder uma nova realidade política. A participação na gerência dos negócios e destinos internacionais necessita ser ampla, autêntica e fundada em participação aberta. Não pode ser domínio exclusivo de países desenvolvidos, pois a manter-se a presente situação não é difícil prever que todo o movimento negociador vai reproduzir a injustiça, ao invés de superá-la. Não é essa a aspiração dos povos.

Por tudo isso, o Brasil deseja ver estabelecida uma nova ordem mundial, fundada no consenso e na participação democrática. Acreditamos que todos os Estados têm o direito e, mais ainda, o dever de participar de modo eqüitativo.

Nenhum Estado pode invocar a prerrogativa da omissão. Assim como cada indivíduo é responsável perante a sociedade em que vive, cada país é também responsável perante a Humanidade. Todos têm o mesmo

dever essencial de contribuir ativamente, na medida de suas responsabilidades, para a paz e para o progresso dos povos.

O Brasil fala com voz própria e sempre em nome próprio. Não queremos mandatos ou delegações. Não temos, pronta e acabada, nenhuma utopia, nem mesmo receita para as dificuldades contemporâneas do sistema internacional. Mas nossa atitude internacional, de cooperação e de boa convivência, está fundada em certos pressupostos e práticas que, acredito, podem valer com utilidade para a harmonização dos interesses das Nações. Temos fidelidade à negociação serena e equilibrada, e lutamos para que nesta base se propague um clima de confiança, longe do qual a paz não pode prosperar.

Brasil e Portugal possuem hoje percepção clara de seus respectivos papéis no cenário mundial. Estou certo de que não nos falta a coragem necessária ao desempenho das tarefas que a História impõe. Mercê de seu bom cumprimento, ter-nos-emos alçado à altura de nossas responsabilidades.

Ambos os países têm, igualmente, concepção precisa de seu relacionamento recíproco, no qual sobressai amplo acervo de entendimento e cooperação. Há vasto campo para que se alargue e aprofunde o intercâmbio bilateral. Dispomos de amplo quadro institucional a alicerçar nossas realizações conjuntas. Resta-nos dar a esse instrumental a mais intensa e extensa aplicação, para que as formas concretas do relacionamento bilateral adquiram dimensões condizentes com os anseios dos dois povos e com as potencialidades de cada país.

Senhor Presidente,

Em terra portuguesa, comove-me a acolhida espontânea e generosa que recebi. Cresce meu sentimento de

admiração por esta civilização que, com tanta felicidade, conjuga valores multisseculares com o dinamismo dos empreendimentos e das técnicas modernas. Possa o nosso encontro servir de inspiração a brasileiros e a portugueses para a busca de formas inovadoras e fecundas de adensar a cooperação bilateral.

Em nome de todos os brasileiros, ergo minha taça pela crescente prosperidade do povo português, pelo progresso das relações luso-brasileiras, e pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Ramalho Eanes.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

10

20

30

03 DE FEVEREIRO
PALÁCIO DA VILA
SINTRA — PORTUGAL

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMO-
ÇO OFERECIDO PELO PRIMEIRO-
MINISTRO DA REPÚBLICA PORTU-
GUESA, SENHOR FRANCISCO PINTO
BALSEMÃO

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro, da República Portuguesa, Francisco Pinto Balsemão:

Muito me honram e lisonjeiam as palavras que Vossa Excelência acaba de pronunciar. Traduzem elas a nímia fidalguia com que os brasileiros, de há muito, são recebidos em Portugal.

Renovo, hoje, a satisfação de nosso encontro no Rio de Janeiro, quando das comemorações do quarto centenário de Luís de Camões, no Real Gabinete Português de Leitura. Juntos celebramos, então, o poeta maior de nossa língua e o símbolo de cultura que marcava orgulhosamente sua presença na Renascença europeia.

Vossa Excelência deixou, entre nós, a imagem de um político lúcido e capaz de influir, com decisão, nos destinos do seu país.

Estar novamente com Vossa Excelência, ora investido na Chefia do Executivo português, redobra-me a satisfação de ser o primeiro Chefe de Estado e de Governo cuja visita o VII Governo constitucional de Portugal recebe.

Os povos brasileiro e português encontram-se ligados por vínculos naturais, sobejamente conhecidos, de história e cultura. Compartilhamos muitos valores, além do patrimônio lingüístico, que tanto contribuíram para a formação da unidade nacional brasileira.

O legado português fundiu-se, entre nós, com outras influências fundamentais, trazidas por povos autóctones ou vindos de outras terras. Todos nos juntamos na construção do País. Amoldadas às condições locais, essas influências cinzelaram o perfil próprio dos brasileiros, onde as superposições ou justaposições culturais encontraram nova harmonia que, a justo título, nos envaidece.

No plano interno, essa vocação pluralista manifesta-se na busca incessante do ideal democrático, único conducente à realização dos legítimos anseios de todo o povo. No plano externo, temos espontânea disposição para melhor convívio com as demais nações.

Agimos imbuídos da crença inabalável de que todos os países têm o direito de se realizar plenamente no seio da comunidade internacional. No entanto, a concretização desse ideal está, ainda, distante. Perpetuam-se desníveis de riqueza e de poder, concentrando-se o processo decisório nas mãos de poucos, que já deram prova de incapacidade nas tentativas solitárias de ordenar o Mundo. Sucedem-se as crises e acirram-se as tensões, ao arrepio das normas do bom convívio internacional.

Buscamos, portanto, normas que definam com clareza a possibilidade de instauração de uma nova ordem internacional, fundada em princípios de equidade e de justiça. Ordem que reflita, com maior adequação, a contribuição dos países em desenvolvimento ao processo econômico internacional. Ordem que dê conta das responsabilidades históricas pelo desenvolvimento e que saiba incorporar a difícil problemática de nossos dias.

A situação requer medidas urgentes. Não há espaço para delongas e tergiversões. Temos diante de nós um calendário de encontros, todos significativos, todos estratégicos, para definir situações, para encaminhar negociações, para propor mecanismos de solução de impasses históricos, para avaliar frustrações de muitos anos.

Os países desenvolvidos, que se mostraram tão intransigentes na História, tiveram a iniciativa de alguns destes encontros. Esperamos que, com essa iniciativa, venha também a vontade política real de negociar e cooperar com os países em desenvolvimento.

Os Governos brasileiro e português compartilham numerosas aspirações e ideais. Partem em suas políticas externas de uma sólida defesa de princípios, voltados para a construção de um modo mais seguro e mais justo, despido de hegemonias e de blocos excludentes nas áreas de decisão. Ambos defendem a intensificação do intercâmbio, a necessidade de cooperação internacional mais ampla. Ambos lutam pela instauração de uma era de paz.

Portugal e Brasil estão também ligados pela participação num mesmo universo de valores ocidentais. Penso que os portugueses, como os brasileiros, afastam-se da concepção restrita, estática e defensiva do que seja Ocidente.

Os valores ocidentais, que moldaram a nossa civilização, não são propriedade de um país ou de uma ideologia. Ao contrário, constituem meta e meios de organização social. Constituem suporte filosófico para a fidelidade ao diálogo e à tolerância; constituem o cerne da crença na igualdade, no pluralismo e na democracia. Além disto, são proposta de transformação e de progresso em que todos participam.

O Ocidente é essencialmente proposta de democracia e projeto de igualdade e de justiça social, com respeito à individualidade e aos condicionamentos de cada país. Confiná-lo a uma dimensão estratégica, em benefício de posições específicas, como forma de aglutinação forçada de compromissos, é restringir o conceito e convidar à desconfiança e à tensão.

Uma análise não egoística dos valores ocidentais revela que o Ocidente repele as injustiças sociais, e, por isto, quando os transpor para a vida internacional, devem ser um motivador incessante de equilíbrio e harmonia entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos. O Brasil, como país do Terceiro Mundo de inequívoca dimensão ocidental, acredita que as diferenças que separam os países pobres e ricos são superáveis, desde que o Ocidente esteja disposto a pautar-se por seus próprios ideais de progresso e de justiça para todos, sem discriminação. É preciso afastar definitivamente idéia do conflito necessário entre o Terceiro Mundo e o Ocidente, mito que apenas encobre anseios localizados de perpetuação de um estado de desequilíbrio e injustiça.

Senhor Primeiro-Ministro,

Temos pois uma variedade de fatores que constituem a urdidura e a trama da estreita malha de relações

entre o Brasil e Portugal, nos mais variados campos e atividades. Múltiplos são os setores em que nossos interesses podem entrelaçar-se, com reais possibilidades de êxito.

Cumpra a nossos povos, mediante o necessário apoio governamental, dinamizar o intercâmbio bilateral, nos campos da economia, da cultura, da ciência e da tecnologia. Para tanto, criamos, através dos tempos, amplo mecanismo institucional, a que urge dar pleno aproveitamento, em benefício de uma cooperação cada vez mais intensa e fecunda.

Em matéria econômica, registro, com fundadas esperanças em seu desempenho, a reativação da Comissão Econômica Luso-Brasileira, que já nos proporcionou os Acordos sobre Cooperação no Domínio do Turismo e sobre Cooperação Econômica e Industrial, a serem assinados por nossos chanceleres. Mas é, sobretudo, à ousadia e à criatividade insubstituíveis do setor privado que incumbe velar pelo florescimento dessas relações.

O modesto valor de nosso intercâmbio comercial constitui permanente desafio a nossas sinceras intenções de elevá-lo a patamares mais altos.

Não obstante a modéstia que timbrei em apontar, injusto seria omitir que, no final da década de 70, havíamos ultrapassado, em larga medida, os índices com que a iniciáramos. É, porém, dever recíproco continuar envidando esforços para superar o progresso alcançado e para transpor, com mútuo benefício, os obstáculos que porventura se oponham a esse objetivo.

Saibamos, ainda, aproveitar as oportunidades que surjam e delas extrair todas as conseqüências positivas.

Nesse sentido, o Brasil espera que o futuro ingresso de Portugal nas Comunidades Econômicas Europeias contribua auspiciosamente para a causa da liberalização das correntes de comércio internacionais e para a melhor distribuição de seus benefícios entre todos os parceiros.

No âmbito da cooperação cultural, sempre houve e haverá um campo fértil a ser trabalhado por brasileiros e portugueses. Graças aos esforços da Comissão Mista Cultural, são cada vez mais promissores os caminhos que se descortinam. Entre tantos outros, já tradicionalmente explorados, ativa-se o intercâmbio entre nossos veículos de comunicação social, permitindo que nossos povos, mercê da expressão comum, melhor se conheçam e se compreendam.

Também no setor tecnológico, acumulam-se as perspectivas de cooperação, mormente nos domínios do estado de fontes alternativas de energia, da petroquímica, da informática e da agricultura. Importa, principalmente, um esforço conjunto de investigação e colaboração para fazermos frente às dificuldades de acesso a tecnologias avançadas, que muitas vezes nos são onerosamente impostas pelos países que as detêm.

Senhor Primeiro-Ministro,

Não nos seria possível falar de cooperação bilateral entre países sem recordar aqueles que constituem o elo vivo de nossas relações: os bravos portugueses que engrandecem, em nossa terra, o nome de Portugal e tanto serviço prestam à causa de nossa aproximação. Contribuem, com atividade incansável, para a prosperidade do país onde são recebidos — permitam-me dizê-lo — com fraterna e merecida hospitalidade. Para eles, sejam quais forem as vicissitudes que o futuro nos queira reservar, as portas do Brasil jamais se fecharão.

Peço a todos que me acompanhem num brinde à felicidade do Senhor Primeiro-Ministro e da Senhora de Pinto Balsemão, à amizade e ao entendimento exemplares existentes entre os povos brasileiro e português, à grandeza e à prosperidade de Portugal.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

03 DE FEVEREIRO
LISBOA — PORTUGAL
AUDITÓRIO DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO
ENCONTRO EMPRESARIAL LUSO-BRASILEIRO

Minhas Senhoras, meus Senhores:

A feliz circunstância de estarmos hoje reunidos aviva a perspectiva histórica, secular, que vincula, não só Portugal e Brasil, mas, também, com um caráter muito especial, Governo e iniciativa privada. Nas mais importantes etapas de nossa história, a associação entre o Governo e os homens de negócio constituiu-se em forma eficaz de alcançar riqueza e bem-estar para nossos povos.

Dos portugueses, herdamos mais do que a língua e território. Herdamos o espírito de luta e de iniciativa, herdamos o destemor diante dos grandes desafios e a disposição de empreender.

Esses traços comuns aos nossos dois povos certamente influem no relacionamento entre Portugal e Brasil. Do lado brasileiro — asseguro-lhes — sempre poderão contar os portugueses com a fraternal disposição de compreender e colaborar de um parceiro confiável.

A despeito dos efeitos negativos da crise energética, vivemos, em nossas relações bilaterais, momento de otimismo. No ano passado, o mercado português absorveu 96 milhões de dólares de produtos brasileiros, representando isso um crescimento de 110,5% sobre o ano anterior.

Por outro lado, os ganhos portugueses na balança de serviços têm garantido a Portugal, nos últimos anos, um saldo positivo em conta-corrente.

Os brasileiros acompanham, com saudável atenção, a evolução dos acontecimentos em Portugal. Após as importantes transformações estruturais na economia e na política, verificadas na última década, encontram-se os portugueses, hoje, no limiar de uma nova era. Em breve, a integração com a Comunidade Européia estará concretizada, abrindo novas e importantes oportunidades para a economia portuguesa.

Estamos confiantes em que a opção européia não se refletirá de forma negativa sobre o relacionamento entre nossos dois países. Se no Brasil há — e sempre haverá — um amplo espaço para Portugal, a recíproca, estou certo, é também verdadeira.

As oportunidades, de um e outro lado, continuarão a existir e devem mesmo expandir-se. A união de esforços, a associação entre empresários portugueses e brasileiros, para explorá-las, são perspectivas que vemos com entusiasmo.

O relacionamento econômico entre nossos dois países felizmente não se tem maculado por práticas negativas que hoje já se tornaram comuns no quadro internacional, onde o ressurgir de uma forte tendência

protecionista tem bloqueado a expansão do comércio, inibido iniciativas econômicas e financeiras, e frustrado justas expectativas de desenvolvimento.

O Brasil ainda não deixou de ser um país em desenvolvimento. O estágio de avanço industrial, alcançado em algumas áreas localizadas, longe está de ser suficiente para eliminar as distorções que afetam nossa realidade social e econômica.

Por isso, não aceitamos rótulos aparentemente envaidecedores, como os de «país em desenvolvimento avançado» ou de «país recentemente industrializado». Tais conceitos intentam a nossa separação dos demais países do Sul, buscando, com falsa legitimidade, negar-nos o tratamento que deve caber aos países em desenvolvimento.

Nos foros mundiais, o Brasil continuará a se opor, vigorosamente, contra todas as formas, diretas ou indiretas, de neoprotecionismo. A despeito da persistente surdez dos países industrializados, continuaremos serenamente a formular propostas construtivas de diálogo.

Ao mesmo tempo, nos limites do nosso alcance, trabalharemos para que se transforme em realidade o ideal de intensificar a cooperação entre os países em desenvolvimento e de criar uma forma nova, mais justa e equitativa, de relacionamento econômico comercial entre estes e as nações industrializadas.

A despeito das resistências protecionistas, o Brasil conquistou posições sólidas e vende crescente quantidade de manufaturados. Essa expansão só não se acelera em virtude dos obstáculos comerciais, que se multiplicam e renascem numa infinidade de fórmulas imaginativas para proteger setores industriais sem condições de competir no mercado.

Esquecem os que advogam estas fórmulas que os países em desenvolvimento continuarão a ser compradores importantes e com grande potencial de absorção de produtos de países industrializados. Esquecem também que as exportações para as economias altamente desenvolvidas são essenciais para garantir um fluxo estável de comércio e, por conseguinte, o fornecimento de bens de equipamento que os países em desenvolvimento não têm condições de produzir internamente.

Em todo esse quadro, a iniciativa privada detém a responsabilidade maior. O exportador, no Brasil, é agente, dos mais importantes, para a fixação da imagem de empreendimento e seriedade com que o Brasil se apresenta entre seus parceiros de comércio.

Com a herança de destemor que recebemos de Portugal, não é de surpreender o ânimo com que o Brasil se dedica à construção de uma economia moderna, capaz de superar as distorções de seu desenvolvimento. Menos surpreendente ainda será, para todos aqui presentes, Governo e iniciativa privada, brasileiros e portugueses, a identificação do comércio com outros povos como forma de estreitar uma colaboração que possibilite um relacionamento mutuamente vantajoso.

Foi do impulso dessa idéia que surgiu o primeiro traço a nos unir. Foi da reiteração dessa crença que resultou esta Reunião Empresarial, que ora encerro com a emoção de quem testemunha a perenidade do entendimento entre o Brasil e Portugal.

03 DE FEVEREIRO
PALÁCIO DE QUELUZ
LISBOA — PORTUGAL
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR
ANTÔNIO DOS SANTOS RAMALHO
EANES

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Portuguesa, Antônio dos Santos Ramalho Eanes,
Senhor Primeiro-Ministro Francisco Pinto Balsemão,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

É com vivo prazer que me encontro em sua companhia esta noite. Do momento em que pisamos o solo português, minha mulher, minha comitiva e eu próprio fomos cercados de demonstrações de estima e amizade. Em cada aceno, gesto e palavra discernimos, além da renomada hospitalidade lusitana, o sentimento profundo a irmanar o povo brasileiro à gente desta terra.

Vossas Excelências conhecem bem o Brasil. Ambos lá estiveram e viram os sinais da presença portuguesa, não só nos vestígios de nosso passado, mas, sobretudo, em nosso presente. Refiro-me aos portugueses que conosco cooperam na edificação da civilização brasileira.

Muitos deles organizaram-se em influentes associações, através das quais prestam serviço ao saber, como é o caso do Real Gabinete Português de Leitura e do Liceu Português. Outros projetaram-se no campo da saúde e assistência, instituindo os modelares hospitais de beneficência. Outros ainda cultuam as tradições da terra que deixaram num sem número de Casas, espalhadas por todo o Brasil, a recordar-nos, em seus nomes e atividades, todas as Regiões e Províncias de Portugal.

Dos portugueses, que fizeram no Brasil o seu lar, e de todos os brasileiros, das mais diversas origens, trago uma mensagem de confiança nos destinos de Portugal e no futuro das relações luso-brasileiras.

A muitos surpreende a unidade na diversidade, que caracteriza a personalidade nacional brasileira. Sofremos influências de vários povos, de todos os continentes. Nenhuma predomina, todas se harmonizam. É patente a importância das populações autóctones na formação do Brasil. Entretanto, de nós não se poderá dizer que somos uma Indo-América. Temos na África profundas raízes, que se manifestam no cotidiano de todos os brasileiros. Nem por isso pretendemos ser uma Afro-América. Devemos à Europa muitas das bases de nossa cultura. Mas isso não fez de nós uma Euro-América.

Caldeamos, isto sim, numa nação singular as influências múltiplas que recebemos, isto sim, numa singular as influências múltiplas que recebemos, inclusive de outras partes do globo.

Não renunciamos a qualquer dessas influências. Pelo contrário, orgulhamo-nos de tê-las bem absorvido, de modo a criar a originalidade de nosso caráter nacional.

Todos esses aspectos do perfil brasileiro estão refletidos em seu comportamento externo. Daí nossa atitude, franca e aberta, perante nós mesmos e perante o Mundo.

Senhor Presidente,
Senhor Primeiro-Ministro,

Minha visita a Portugal nos permitiu efetuar ampla troca de idéias sobre a realidade internacional que nos envolve. Ensejou o exame de novas formas de cooperação bilateral, econômica, científica e tecnológica. Acima de tudo, reafirmou a solidariedade entre nossos povos e o bom entendimento entre nossos Governos.

Que floresçam as relações entre o Brasil e Portugal, com frutos abundantes para ambos os lados.

Esse desejo me inspira a propor um brinde ao desenvolvimento das relações luso-brasileiras, à prosperidade da nação portuguesa e à felicidade pessoal do Senhor Presidente e Senhora de Ramalho Eanes e do Senhor Primeiro-Ministro e Senhora de Pinto Balsemão.

1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100
 101
 102
 103
 104
 105
 106
 107
 108
 109
 110
 111
 112
 113
 114
 115
 116
 117
 118
 119
 120
 121
 122
 123
 124
 125
 126
 127
 128
 129
 130
 131
 132
 133
 134
 135
 136
 137
 138
 139
 140
 141
 142
 143
 144
 145
 146
 147
 148
 149
 150
 151
 152
 153
 154
 155
 156
 157
 158
 159
 160
 161
 162
 163
 164
 165
 166
 167
 168
 169
 170
 171
 172
 173
 174
 175
 176
 177
 178
 179
 180
 181
 182
 183
 184
 185
 186
 187
 188
 189
 190
 191
 192
 193
 194
 195
 196
 197
 198
 199
 200
 201
 202
 203
 204
 205
 206
 207
 208
 209
 210
 211
 212
 213
 214
 215
 216
 217
 218
 219
 220
 221
 222
 223
 224
 225
 226
 227
 228
 229
 230
 231
 232
 233
 234
 235
 236
 237
 238
 239
 240
 241
 242
 243
 244
 245
 246
 247
 248
 249
 250
 251
 252
 253
 254
 255
 256
 257
 258
 259
 260
 261
 262
 263
 264
 265
 266
 267
 268
 269
 270
 271
 272
 273
 274
 275
 276
 277
 278
 279
 280
 281
 282
 283
 284
 285
 286
 287
 288
 289
 290
 291
 292
 293
 294
 295
 296
 297
 298
 299
 300
 301
 302
 303
 304
 305
 306
 307
 308
 309
 310
 311
 312
 313
 314
 315
 316
 317
 318
 319
 320
 321
 322
 323
 324
 325
 326
 327
 328
 329
 330
 331
 332
 333
 334
 335
 336
 337
 338
 339
 340
 341
 342
 343
 344
 345
 346
 347
 348
 349
 350
 351
 352
 353
 354
 355
 356
 357
 358
 359
 360
 361
 362
 363
 364
 365
 366
 367
 368
 369
 370
 371
 372
 373
 374
 375
 376
 377
 378
 379
 380
 381
 382
 383
 384
 385
 386
 387
 388
 389
 390
 391
 392
 393
 394
 395
 396
 397
 398
 399
 400
 401
 402
 403
 404
 405
 406
 407
 408
 409
 410
 411
 412
 413
 414
 415
 416
 417
 418
 419
 420
 421
 422
 423
 424
 425
 426
 427
 428
 429
 430
 431
 432
 433
 434
 435
 436
 437
 438
 439
 440
 441
 442
 443
 444
 445
 446
 447
 448
 449
 450
 451
 452
 453
 454
 455
 456
 457
 458
 459
 460
 461
 462
 463
 464
 465
 466
 467
 468
 469
 470
 471
 472
 473
 474
 475
 476
 477
 478
 479
 480
 481
 482
 483
 484
 485
 486
 487
 488
 489
 490
 491
 492
 493
 494
 495
 496
 497
 498
 499
 500
 501
 502
 503
 504
 505
 506
 507
 508
 509
 510
 511
 512
 513
 514
 515
 516
 517
 518
 519
 520
 521
 522
 523
 524
 525
 526
 527
 528
 529
 530
 531
 532
 533
 534
 535
 536
 537
 538
 539
 540
 541
 542
 543
 544
 545
 546
 547
 548
 549
 550
 551
 552
 553
 554
 555
 556
 557
 558
 559
 560
 561
 562
 563
 564
 565
 566
 567
 568
 569
 570
 571
 572
 573
 574
 575
 576
 577
 578
 579
 580
 581
 582
 583
 584
 585
 586
 587
 588
 589
 590
 591
 592
 593
 594
 595
 596
 597
 598
 599
 600
 601
 602
 603
 604
 605
 606
 607
 608
 609
 610
 611
 612
 613
 614
 615
 616
 617
 618
 619
 620
 621
 622
 623
 624
 625
 626
 627
 628
 629
 630
 631
 632
 633
 634
 635
 636
 637
 638
 639
 640
 641
 642
 643
 644
 645
 646
 647
 648
 649
 650
 651
 652
 653
 654
 655
 656
 657
 658
 659
 660
 661
 662
 663
 664
 665
 666
 667
 668
 669
 670
 671
 672
 673
 674
 675
 676
 677
 678
 679
 680
 681
 682
 683
 684
 685
 686
 687
 688
 689
 690
 691
 692
 693
 694
 695
 696
 697
 698
 699
 700
 701
 702
 703
 704
 705
 706
 707
 708
 709
 710
 711
 712
 713
 714
 715
 716
 717
 718
 719
 720
 721
 722
 723
 724
 725
 726
 727
 728
 729
 730
 731
 732
 733
 734
 735
 736
 737
 738
 739
 740
 741
 742
 743
 744
 745
 746
 747
 748
 749
 750
 751
 752
 753
 754
 755
 756
 757
 758
 759
 760
 761
 762
 763
 764
 765
 766
 767
 768
 769
 770
 771
 772
 773
 774
 775
 776
 777
 778
 779
 780
 781
 782
 783
 784
 785
 786
 787
 788
 789
 790
 791
 792
 793
 794
 795
 796
 797
 798
 799
 800
 801
 802
 803
 804
 805
 806
 807
 808
 809
 810
 811
 812
 813
 814
 815
 816
 817
 818
 819
 820
 821
 822
 823
 824
 825
 826
 827
 828
 829
 830
 831
 832
 833
 834
 835
 836
 837
 838
 839
 840
 841
 842
 843
 844
 845
 846
 847
 848
 849
 850
 851
 852
 853
 854
 855
 856
 857
 858
 859
 860
 861
 862
 863
 864
 865
 866
 867
 868
 869
 870
 871
 872
 873
 874
 875
 876
 877
 878
 879
 880
 881
 882
 883
 884
 885
 886
 887
 888
 889
 890
 891
 892
 893
 894
 895
 896
 897
 898
 899
 900
 901
 902
 903
 904
 905
 906
 907
 908
 909
 910
 911
 912
 913
 914
 915
 916
 917
 918
 919
 920
 921
 922
 923
 924
 925
 926
 927
 928
 929
 930
 931
 932
 933
 934
 935
 936
 937
 938
 939
 940
 941
 942
 943
 944
 945
 946
 947
 948
 949
 950
 951
 952
 953
 954
 955
 956
 957
 958
 959
 960
 961
 962
 963
 964
 965
 966
 967
 968
 969
 970
 971
 972
 973
 974
 975
 976
 977
 978
 979
 980
 981
 982
 983
 984
 985
 986
 987
 988
 989
 990
 991
 992
 993
 994
 995
 996
 997
 998
 999
 1000
 1001
 1002
 1003
 1004
 1005
 1006
 1007
 1008
 1009
 1010
 1011
 1012
 1013
 1014
 1015
 1016
 1017
 1018
 1019
 1020
 1021
 1022
 1023
 1024
 1025
 1026
 1027
 1028
 1029
 1030
 1031
 1032
 1033
 1034
 1035
 1036
 1037
 1038
 1039
 1040
 1041
 1042
 1043
 1044
 1045
 1046
 1047
 1048
 1049
 1050
 1051
 1052
 1053
 1054
 1055
 1056
 1057
 1058
 1059
 1060
 1061
 1062
 1063
 1064
 1065
 1066
 1067
 1068
 1069
 1070
 1071
 1072
 1073
 1074
 1075
 1076
 1077
 1078
 1079
 1080
 1081
 1082
 1083
 1084
 1085
 1086
 1087
 1088
 1089
 1090
 1091
 1092
 1093
 1094
 1095
 1096
 1097
 1098
 1099
 1100
 1101
 1102
 1103
 1104
 1105
 1106
 1107
 1108
 1109
 1110
 1111
 1112
 1113
 1114
 1115
 1116
 1117
 1118
 1119
 1120
 1121
 1122
 1123
 1124
 1125
 1126
 1127
 1128
 1129
 1130
 1131
 1132
 1133
 1134
 1135
 1136
 1137
 1138
 1139
 1140
 1141
 1142
 1143
 1144
 1145
 1146
 1147
 1148
 1149
 1150
 1151
 1152
 1153
 1154
 1155
 1156
 1157
 1158
 1159
 1160
 1161
 1162
 1163
 1164
 1165
 1166
 1167
 1168
 1169
 1170
 1171
 1172
 1173
 1174
 1175
 1176
 1177
 1178
 1179
 1180
 1181
 1182
 1183
 1184
 1185
 1186
 1187
 1188
 1189
 1190
 1191
 1192
 1193
 1194
 1195
 1196
 1197
 1198
 1199
 1200
 1201
 1202
 1203
 1204
 1205
 1206
 1207
 1208
 1209
 1210
 1211
 1212
 1213
 1214
 1215
 1216
 1217
 1218
 1219
 1220
 1221
 1222
 1223
 1224
 1225
 1226
 1227
 1228
 1229
 1230
 1231
 1232
 1233
 1234
 1235
 1236
 1237
 1238
 1239
 1240
 1241
 1242
 1243
 1244
 1245
 1246
 1247
 1248
 1249
 1250
 1251
 1252
 1253
 1254
 1255
 1256
 1257
 1258
 1259
 1260
 1261
 1262
 1263
 1264
 1265
 1266
 1267
 1268
 1269
 1270
 1271
 1272
 1273
 1274
 1275
 1276
 1277
 1278
 1279
 1280
 1281
 1282
 1283
 1284
 1285
 1286
 1287
 1288
 1289
 1290
 1291
 1292
 1293
 1294
 1295
 1296
 1297
 1298
 1299
 1300
 1301
 1302
 1303
 1304
 1305
 1306
 1307
 1308
 1309
 1310
 1311
 1312
 1313
 1314
 1315
 1316
 1317
 1318
 1319
 1320
 1321
 1322
 1323
 1324
 1325
 1326
 1327
 1328
 1329
 1330
 1331
 1332
 1333
 1334
 1335
 1336
 1337
 1338
 1339
 1340
 1341
 1342
 1343
 1344
 1345
 1346
 1347
 1348
 1349
 1350
 1351
 1352
 1353
 1354
 1355
 1356
 1357
 1358
 1359
 1360
 1361
 1362
 1363
 1364
 1365
 1366
 1367
 1368
 1369
 1370
 1371
 1372
 1373
 1374
 1375
 1376
 1377
 1378
 1379
 1380
 1381
 1382
 1383
 1384
 1385
 1386
 1387
 1388
 1389
 1390
 1391
 1392
 1393
 1394
 1395
 1396
 1397
 1398
 1399
 1400
 1401
 1402
 1403
 1404
 1405
 1406
 1407
 1408
 1409
 1410
 1411
 1412
 1413
 1414
 1415
 1416
 1417
 1418
 1419
 1420
 1421
 1422
 1423
 1424
 1425
 1426
 1427
 1428
 1429
 1430
 1431
 1432
 1433
 1434
 1435
 1436
 1437
 1438
 1439
 1440
 1441
 1442
 1443
 1444
 1445
 1446
 1447
 1448
 1449
 1450
 1451
 1452
 1453
 1454
 1455
 1456
 1457
 1458
 1459
 1460
 1461
 1462
 1463
 1464
 1465
 1466
 1467
 1468
 1469
 1470
 1471
 1472
 1473
 1474
 1475
 1476
 1477
 1478
 1479
 1480
 1481
 1482
 1483
 1484
 1485
 1486
 1487
 1488
 1489
 1490
 1491
 1492

04 DE FEVEREIRO
CÂMARA MUNICIPAL
PORTO — PORTUGAL
DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA
À CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal
do Porto,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

É-me grata a oportunidade de visitar esta nobre e valorosa cidade, tão apreciada por todos os brasileiros que tiveram a ventura de conhecê-la. Em cada esquina e sob cada arco, sente-se aqui a presença física da História, carregada de glórias e de tradição, lado a lado com o renovado vigor e com as esperanças de nosso século.

Aqui se escreveu a gesta que é também de Portugal. Berço da Nação lusitana e de personalidade tão ilustres como Dom Henrique, o Navegador, que abriu a Portugal os oceanos e ao Mundo a descoberta de novas terras, o Porto — defensor incansável de seus soberanos — bem merece o título de «Leal Cidade».

Reduto da liberdade e do culto aos valores liberais, abrigou as Cortes que geraram a primeira Constituição portuguesa. E soube protegê-la bravamente, sob o co-

mando de Dom Pedro IV, quando ameaçada pelas forças do absolutismo. Essa página do passado português fez desta cidade a merecedora guardiã do coração daquele que proclamou a independência do Brasil.

As sucessivas etapas da história de Portugal estão aqui representadas em monumentos sem conta. Na riqueza dos estilos arquitetônicos, harmoniza-se o passado de um dos mais antigos burgos da Península com conjuntos urbanísticos da mais moderna concepção. A beleza e a majestade do Porto inspiraram o poeta Miguel Torga a dizer, com justiça, que «os valores autênticos da vida têm de ser sólidos como a Praça da Liberdade e altos como a Torre dos Clérigos».

Tenho para mim, contudo, que o monumento mais notável erguido pelo trabalho da gente portuense é a própria pujança de sua terra.

A perseverança do agricultor conferiu fertilidade às dunas arenosas e movediças, fez crescer as zonas de cultura da região, tornando-a uma das mais produtivas de Portugal. A indústria, rica e diversificada, aliada a uma incessante atividade comercial, especialmente portuária, eleva aquela que chamais «capital do trabalho» a uma posição vital na economia do país.

A importância desta cidade não se restringe, porém, ao campo econômico e comercial. Por acolher as mais variadas manifestações intelectuais, o Porto fez-se conhecer, também, como significativo centro de cultura. Nesse contexto, duas de suas modelares instituições de ensino ganharam renome internacional — a Escola de Belas-Artes e sua gloriosa Universidade.

Senhor Presidente,

Ainda mesmo sem conhecer a região do Porto, nós, brasileiros, aprendemos a admirar a alegria que o portuense põe em tudo que faz. Para isso, não precisamos sair da nossa terra, tantos são aqueles que desta região partiram para fazer da nossa a sua pátria. Levaram consigo o amor ao trabalho, o entusiasmo construtivo e a fé no futuro, que constituem o apanágio da gente do Porto. São eles, hoje, parte integrante do povo brasileiro, a lutar conosco, ombro a ombro, em prol do desenvolvimento do Brasil. Emprestam-nos a força de seus braços, a inteligência de suas mentes e o devotamento de suas almas, instilando, na obra que ajudam a erigir, um pouco da presença portuense.

À população do Porto, generosa como o vinho de sua terra, trago o apreço e a amizade dos brasileiros. Ao Senhor Presidente meu sincero e comovido agradecimento, pela inesquecível acolhida e por todas as demonstrações de estima que muito nos honram, a mim e ao povo que represento.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

04 DE FEVEREIRO
SEDE DA BOLSA DE VALORES
PORTO — PORTUGAL

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA, SENHOR ANTONIO DOS SANTOS RAMALHO EANES

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Portuguesa, Antonio dos Santos Ramalho Eanes,
Excelentíssimo Senhor Prefeito da Cidade do Porto,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao aproximar-se o momento da partida, desejo manifestar plena satisfação com o transcurso desta visita a Portugal. Nos dias que aqui passei, em companhia de minha mulher, foi-me dado sentir de perto a amizade reinante entre as nações brasileira e portuguesa. Graças às conversações que membros de minha comitiva e eu próprio mantivemos com nossos anfitriões, encaro com renovado otimismo o futuro das relações luso-brasileiras.

Coerentes com o carácter franco e aberto dessas relações, os encontros aqui havidos decorreram, sempre, em clima de entendimento construtivo. Auguram proficuos resultados. Em variados aspectos do relacionamento multilateral, identificamos ampla gama de coincidências

de opinião. No âmbito bilateral, aventamos novos campos de cooperação formas de tornar mais intenso o intercâmbio existente.

Neste momento das relações internacionais, em que se pronunciam tensões, dificuldades e incertezas, avulta a importância da compreensão e da cooperação entre nações amigas. Assente no respeito mútuo, no entendimento liso e no interesse real, tal cooperação produzirá frutos recíprocos e reverterá em benefício da paz mundial.

Situa-se ainda aquém de nossos propósitos sinceros a cooperação que o Brasil e Portugal se prestam. Desejamos vê-la florescer e prosperar. Esperamos que ela cresça, desimpedida e livre, sempre que o interesse mútuo vier a propiciá-la. Possa tal cooperação levar nossos países a patamares cada vez mais elevados de entendimento e progresso.

Senhor Presidente,

Certo estou de bem interpretar o sentimento de todos aqueles que me acompanham, ao exprimir sincero reconhecimento, ao povo e ao governo portugueses, pela inolvidável acolhida que nos proporcionaram.

O clima que preside a este encontro, a confraternização aberta que marcou esta visita, dão-me a sensação de estar em casa. Assim como os portugueses terão sempre no Brasil seu segundo lar, creio poder afirmar que os brasileiros sempre se sentirão aqui como eu próprio no dia de hoje.

Essa convicção, Senhor Presidente, me inspira a propor, com a mais viva gratidão, um brinde à felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Ramalho Eanes, e à crescente prosperidade da nação portuguesa.

12 DE FEVEREIRO
PALANQUE-PRAÇA DA PREFEITURA
DOURADOS — MATO GROSSO DO SUL
IMPROVISO DURANTE VISITA AO ES-
TADO

Senhor Governador do Estado, Pedro Pedrossian; Senhor Prefeito de Dourados; Srs. Senadores, Deputados federais, estaduais, Srs. Prefeitos, vereadores, Srs. líderes regionais, meus caros patrícios de Dourados, meus caros patrícios de Mato Grosso do Sul.

Eu desejo agradecer, sobremaneira sensibilizado, a afetiva recepção que me foi proporcionada pela gente de Dourados, por mais que faça por me acostumar ao carinho com que tenho sido recebido, em todos os recantos de nossa Pátria, pelo nosso povo.

É cada vez com a emoção forte que vejo a gente humilde de minha terra chegar até junto a mim, para ouvir as minhas razões ou para ouvir os meus argumentos. Desejo agradecer, também, as bondosas palavras do Sr. Governador, palavras benevolentes demais, mas que de qualquer maneira marcam a afeição que me une ao Governador Pedro Pedrossian.

Ao agradecer estas gentilezas, devo dizer ao povo deste Estado que o que eu e os meus Ministros e os au-

xiliares do meu Governo trouxemos para esta terra, eu sei bem, é pouco, é ainda muito pouco para as necessidades da região.

Todos os Senhores sabem e sentem as dificuldades de ordem econômica por que passa o nosso País. Jamais tentei esconder os esforços que temos feito para mais rapidamente podermos sair da inflação importada, em particular, devido ao preço do petróleo que lá fora compramos. Jamais procurei esconder que os esforços que temos feito no Governo não têm correspondido aos nossos desejos.

Mesmo assim, apesar dessas dificuldades, conseguimos o aporte de mais de 6 bilhões de cruzeiros para o Estado, agora, além do aval do Governo no empréstimo de 30 milhões de dólares para o Estado de Mato Grosso do Sul. E devo dizer aos Senhores que esse esforço todo que temos feito, trazendo esses recursos, que repito, são poucos, são os que no momento o Governo pode dispor.

São dados apenas a uma região que, eu sei, há de ser, no futuro, o celeiro do Centro-sul brasileiro. E para isso só falta a infra-estrutura de transportes, a infra-estrutura de armazenagem e um pouco mais de recursos, para que o agricultor possa plantar e possa mais produzir.

Eu tenho a certeza de que, no dia em que esses recursos aqui chegarem, o Estado do Mato Grosso do Sul, em particular a região de Dourados, há de alimentar a maior parte da população brasileira.

De minha parte, eu prometo aos Senhores a procura, com afinco, cotidianamente, de mais recursos para que isso possa acontecer. De outra parte, eu tenho a cer-

teza de que o povo já está cansado de questiúnculas políticas, de rivalidades que nada trazem para o futuro da Pátria e ambições destemperadas de quem não tem condição de governante; de gente que, antes de pensar na grandeza deste País e no bem-estar do seu povo, só pensa nos seus interesses políticos.

Eu chamei a todos, pares e ímpares, da direita, do centro e até mesmo da esquerda, para comigo virem conversar sobre os problemas da Pátria e apresentarem sugestões, para que os Senhores pudessem ter uma amanhã um pouco mais feliz.

E, ao invés disso, tenho recebido pedradas, tenho recebido insultos, tenho recebido sarcasmos, mas, mesmo assim, eu os concito mais uma vez: Venham para o nosso lado nos ajudar a fazer deste país um país digno das dimensões e digno de seu povo. E deixem essa gente trabalhar e produzir e ser feliz como quer, e não acreditar em palavras de demagogos, que prometem amanhã, um amanhã feliz, mas que não sabem nem ao menos uma das soluções para os nossos problemas.

E repetem todos os dias que já apresentaram muitas sugestões ao Governo. Eu repito o que já disse várias vezes: apresentam generalidades, tais como: é preciso aumentar a distribuição de renda; é preciso modificar o modelo econômico; é preciso apressar a democratização do País, mas nenhum deles diz como vamos pagar o petróleo que importamos, porque os Senhores é que vão dar os dólares de que nós precisamos para pagar este petróleo.

Não há de ser A, B ou C na Presidência da República, no Senado ou na Câmara quem vai dar dólares ao País para pagar o petróleo importado; são os Senhores que vão dar, com o seu suor de todo dia.

Alguém já disse aqui, nesta terra, que eu viria aqui para receber beijos das criancinhas e abraços das velhinhas. Felizes os governantes que em cada lugar da sua terra por onde passam podem receber beijos das criancinhas e serem abraçados pelas velhinhas. Se as crianças não gostam deles, se as velhinhas não os prestigiam, é porque eles não servem, porque não têm nada a dar, a não ser sua ambição. Como eu não tenho ambição nenhuma, estou aqui para cumprir apenas uma missão que me deram. Eu continuo sendo o que sempre fui. Hei de beijar as criancinhas e abraçar as velhinhas de minha Pátria. Para desgosto deles. E se querem dizer que eu faço por ser um presidente popular, que eu sou um presidente populista, que o digam quantas vezes quiserem, porque eu vou continuar abraçando o povo, porque eu gosto de abraçar o povo.

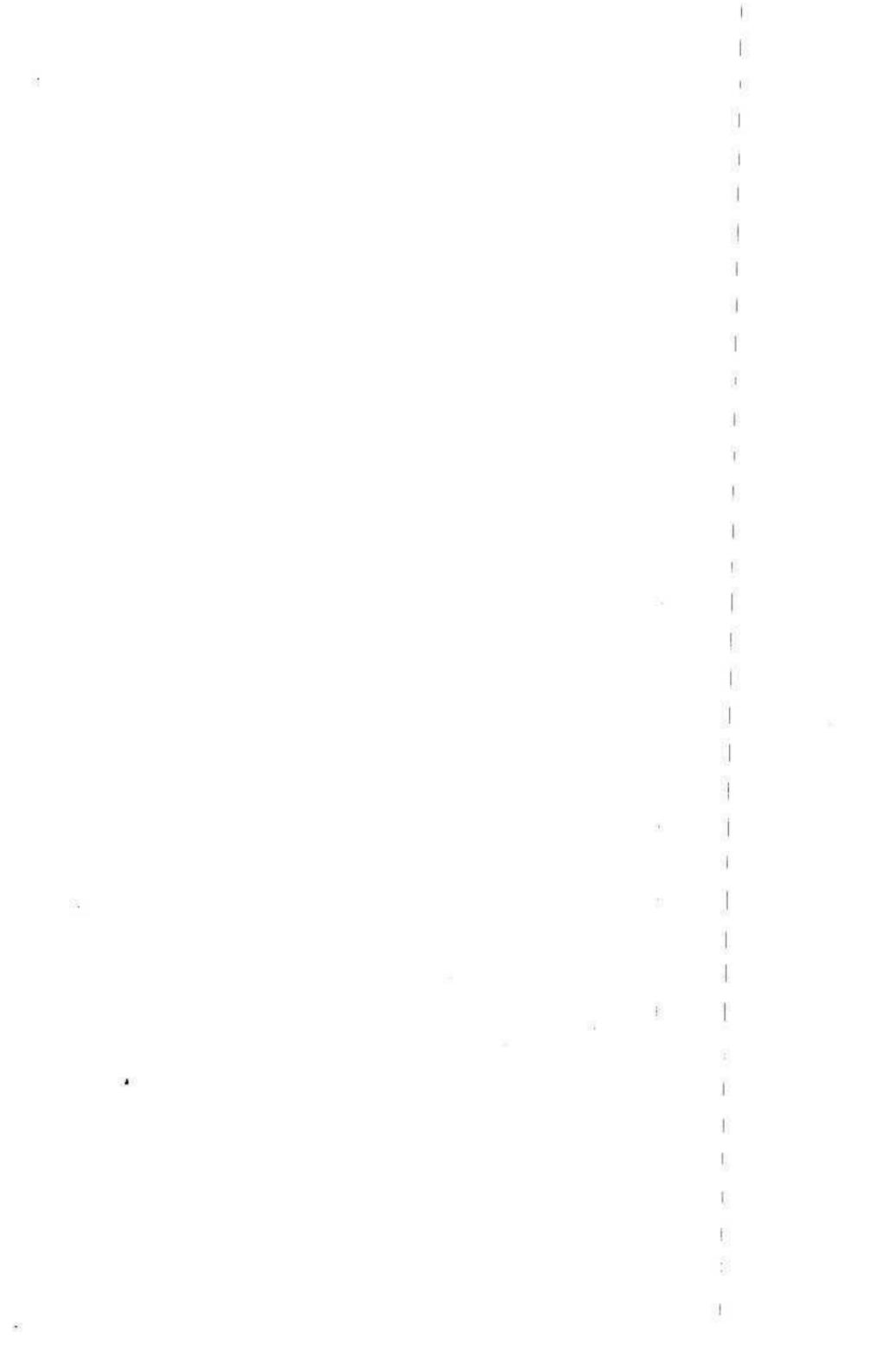
Mas não me façam a injustiça de dizer que alguma vez, em alguma região desta terra, eu alguma vez disse alguma mentira, ou fiz promessa que não cumpri. E o povo com quem eu me entendo há de saber dizer-lhes entre aquilo que eu tenho dito e o que eles dizem de mim. Eu tenho a certeza de que amanhã, quando eu estiver já em casa, retirado, o povo há de reconhecer, pelo menos, uma parte no meu Governo.

Eu posso não acertar em coisa nenhuma, mas na minha sinceridade eu tenho a certeza de que o povo acredita. Eu agradeço aos Senhores esta manifestação de apreço, de carinho, agradeço a todos vocês por virem aqui, reunidos, para me ouvir, mas saiam daqui na certeza de que cada um dos Senhores pode ter a confiança de que eu confio na gente da minha terra. Mas eu confio em quem trabalha, eu confio em quem produz. Não confio em quem fala e faz promessa. Eu sei que a gran-

deza da nossa Pátria e o bem-estar de seu povo, repito, está muito menos na capacidade dos governantes do que na tenacidade da sua gente das fábricas. O futuro da nossa Pátria está mais na mão dos Senhores. Eu tenho que me situar como um juiz de futebol: eu tenho que entrar em campo para permitir que os Senhores façam os gols que nos vão dar a vitória.

— Eu tenho que me situar como juiz, que deixa os Senhores jogarem o futebol que sabem e tenho que tomar cuidado com o jogo bruto dos demagogos. Para esses, o meu apito estará sempre de prontidão.

Muito obrigado.



10 DE MARÇO
AEROPORTO INTERNACIONAL
ELDORADO
BOGOTÁ — COLÔMBIA
DISCURSO AO DESEMBARCAR NA
COLÔMBIA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

Causa-me particular emoção ser o primeiro Chefe
de Estado brasileiro que visita a valorosa Cidade de Bo-
gotá.

Com minha presença, desejo simbolizar a antiga e
fraterna amizade entre a Colômbia e o Brasil.

Harmoniosa síntese de culturas, bem representa a
Colômbia os ideais de liberdade, justiça e progresso que
inspiram a América Latina.

Minha vinda à capital colombiana assinala também
o trabalho fecundo realizado por ambos os Governos
em prol de nossas relações bilaterais, para torná-las mais
densas, ricas e variadas.

Não apenas longa fronteira comum liga os nossos
países. O espírito colombiano e a maneira de ser brasi-

leira sustentam os mesmos valores democráticos. Sustentam a mesma luta pelo desenvolvimento econômico e social.

Impulsionam o nosso diálogo cotidiano a aproximação do Brasil com os países do Grupo Antino e o esforço por uma cooperação amazônica cada vez mais vigorosa e voltada para os legítimos interesses dos povos da região.

Estamos unidos, ainda, pelo firme propósito de trabalhar, ao lado dos demais países irmãos, pela paz e pelo bem-estar em nossa região.

Com esse ânimo, saúdo cordialmente Vossa Excelência, sua excelentíssima esposa e a altiva gente colombiana.

Ao iniciar minha visita oficial desejo expressar, em nome de todos os brasileiros, o nosso apreço, admiração e respeito por seu grande país.

Agradeço a Vossa Excelência o convite que me dirigiu e expressei o nosso reconhecimento pelo que tem realizado em favor da amizade entre a Colômbia e o Brasil.

Muito Obrigado, Senhor Presidente.

11 DE MARÇO
PREFEITURA MUNICIPAL
BOGOTÁ — COLOMBIA
DISCURSO AO RECEBER AS CHAVES
SIMBÓLICAS DA CIDADE

Senhor Prefeito,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Recebo das mãos de Vossa Excelência, digno sucessor de Baltazar Maldonado, as chaves da Cidade de Santa Fé de Bogotá. Maior é minha emoção por ser eu o primeiro Chefe de Estado brasileiro que visita a capital deste país irmão, a nós unido por séculos de história comum.

Senhor Prefeito,

Quando o avião que nos trouxe iniciou sua descida rumo a esta bela cidade, pude ver e muito me impressionaram o colossal relevo da Cordilheira Oriental colombiana e a exuberante e variada vegetação que cobre as montanhas e a fértil savana de Bogotá.

Embora eminentemente andina, Bogotá é também ponto de convergência das três grandes vocações da na-

ção colombiana: a do Pacífico, a do Atlântico e a Amazônica. Para cá afluem habitantes de todas as regiões do país, os quais enriquecem, com sua presença, o já diversificado quadro humano desta metrópole.

No belo conjunto arquitetônico da Plaza de Bolívar, posso identificar outro aspecto do importante papel que esta capital desempenha: ligar o passado ao futuro. Coexistem na cidade os marcos de uma história gloriosa e da construção da cultura latino-americana, ao lado dos símbolos do progresso. Belas torres de concepção futurista se erguem neste altiplano, terra de lenda, que o fundador de Santa Fé de Bogotá, Jiménez de Quesada, quis chamar Valle de los Alcazares.

Cidade natal de Antonio Mariño, precursor da libertação da América Latina, Bogotá foi berço de intensa atividade filosófica e ideológica que iria impulsionar os povos da América na luta pela independência.

Fiel a essa tradição, Bogotá é, hoje, um dos mais importantes centros políticos e culturais do Continente, um Continente que, como todos sabemos, tem sérios problemas a superar, sérias distorções a corrigir.

As expressões concretas de progresso, como as de Bogotá, me animam, no entanto, a olhar o futuro com otimismo, com a firma convicção de que haveremos de vencer todos os obstáculos a caminho do bem-estar dos povos da Colômbia, do Brasil e, na verdade, de toda a América Latina em fraterno e construtivo entendimento.

11 DE MARÇO
SEDE SOCIAL DO COUNTRY CLUB
BOGOTÁ — COLÔMBIA
DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMO-
ÇO OFERECIDO PELA CLASSE EM-
PRESARIAL DA COLÔMBIA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

É com viva satisfação que me dirijo a tão represen-
tativa platéia, integrada por empresários colombianos e
brasileiros.

Desejo registrar, com prazer, que o Presidente Júlio
César de Turbay Ayala se dispôs, com sua presença, a
prestigiar este encontro entre empresários colombianos e
brasileiros. Certamente, não é por acaso que os Presi-
dentes da Colômbia e do Brasil aqui estejam. Nossa pre-
sença, quero crer, simboliza o desejo de ambos os Go-
vernos em contribuir, na sua esfera de atribuições, para
a dinamização de nosso relacionamento econômico. Aos
empresários dos dois países caberá transformar esse de-
sejo numa realidade inovadora, dinâmica e mutuamente
benéfica.

Em nossos dois países, os desafios impostos ao desenvolvimento — e a disposição de enfrentá-los frontalmente — conduzem em bases sólidas ao entendimento entre o Governo e a iniciativa privada.

De nossa parte, persistimos na firme convicção de que a economia de mercado é instrumento adequado para a construção do progresso nacional e o equacionamento dos sérios problemas econômicos e sociais com que ainda convivemos.

Os esforços de modernização e diversificação da economia aqui realizados nos últimos anos, e os resultados obtidos, merecem nossa mais autêntica admiração.

Esses novos contornos, fruto dos esforços conscientes de cada uma de nossas pátrias, fazem florescer condições para um relacionamento de muito maior densidade, rico em oportunidades de renovação. Os espaços criados abrem-se, agora, para uma cooperação ampla, recíproca e igualitária.

As possibilidades de cooperação entre países como os nossos apenas começam a ser aproveitadas. Pela dupla condição de nação latino-americana e de economia em desenvolvimento, participa o Brasil da preocupação de buscar o aperfeiçoamento das formas de integração regional e sub-regional.

Poderemos, assim, agilizar os processos de desenvolvimento e de intercâmbio, tanto dentro da região, quanto entre ela e o conjunto de países em desenvolvimento, e, também, alcançar maior homogeneidade nas negociações econômicas com os países desenvolvidos.

Entre nós, latino-americanos, reduzem-se, felizmente, as dificuldades de comunicação, de reconhecimento da existência de problemas comuns, e mesmo de identifi-

cação de uma cultura que nos é própria. Os esforços de unidade, conscientes e criativos, já abrem caminhos de aproximação. Estamos ultrapassando as estruturas que antes nos afastavam e limitavam o potencial de cooperação e de trabalho conjunto.

Os resultados animadores alcançados no âmbito regional nos estimulam à participação ativa no nível mais amplo das relações Sul-Sul, em que um esforço amplo e metodizado se torna imprescindível para alargar as bases de entendimento e cooperação.

Ao consenso em torno de certos pontos no diálogo Norte-Sul, é fundamental que acrescentemos fluxos efetivos de comércio e capitais entre os países em desenvolvimento.

Estou convencido de que o êxito do trabalho pioneiro com vistas ao estabelecimento de laços de efetiva parceria entre os países em desenvolvimento vai depender de inequívoco empenho político por parte dos Governos e de positiva atuação das classes empresariais.

O empenho político e a ação empresarial terão de ser tanto mais amplos quanto maiores as dificuldades opostas à ampliação dos vínculos entre as nações em desenvolvimento, por tanto tempo alheias umas às outras, e ainda hoje predominantemente voltadas, nos planos econômico, comercial e financeira, para os grandes centros industriais.

Diante de maior unidade de ação por parte dos países do Sul, o mundo industrializado mais facilmente perceberá que a reforma do sistema econômico internacional representa a reinterpretação de um jogo de interesses em que eles, desenvolvidos, não são partícipes exclusivos.

As nações em desenvolvimento, por esforço próprio, conquistaram novo e importante espaço na economia internacional. Seu potencial de expansão vê-se, porém, comprometido, pela continuidade dos fundamentos que regem o relacionamento entre o Norte e o Sul.

As reuniões multilaterais não geram transformações de fundo. As reivindicações do Terceiro Mundo obtêm uma ou outra concessão marginal, que nem sequer chega a compensar os obstáculos de neoprotecionismo, da transmissão de tensões inflacionárias e da elevação generalizada das taxas de juros nos mercados de capitais.

A insensibilidade dos países desenvolvidos, que relutam em perceber as novas realidades, os tem impedido de agir racionalmente. E é simples verificar que os interesses que os ligam aos países em desenvolvimento podem, e devem, ser reconstruídos num contexto de mutualidade.

A situação que prevalece não só reproduz as estruturas de poder já existentes, como bloqueia a articulação e o curso de fórmulas alternativas.

Deve a sociedade internacional representar um campo de coordenação e não de subordinação. A geometria a impor é a da horizontalidade e não a da verticalidade, que inibe as adaptações e transformações.

Trata-se de passar de simples interação para um verdadeiro sentido de mutualidade, o que pressupõe a consciência de um desafio concreto e de que as mudanças a administrar são inadiáveis. Deve, para tanto, ser superada a crença errônea de que se disputam lugares em espaço estreito e decrescente, com a certeza de que juntos, Norte e Sul, teremos capacidade para ampliar consideravelmente os horizontes de progresso e desenvolvimento ao alcance de todas as nações.

Existem, hoje, no mundo industrializado, setores que insistem em ver no surgimento econômico dos países em desenvolvimento, como fornecedores relativamente dinâmicos de manufaturados, motivo de preocupação e ameaça a justificar o recurso a medidas restritivas.

O esforço em conseguir para nossos países, no cenário mundial, lugar à altura de nossas potencialidades não deve ser interpretado como ameaça aos interesses de outras nações. Ao contrário, constitui fator de ampliação das oportunidades de atividade produtiva para todos os nossos parceiros.

Temos sido a base larga de uma pirâmide que já não suporta o excessivo peso dos privilégios de seu topo, e por isso reivindicamos seriamente maior linearidade na distribuição dos custos e benefícios havidos ao nível internacional.

Repudiamos como sutis expressões de distanciamento do Norte em relação ao Sul a tentativa de introduzir categorizações restritivas entre os países em desenvolvimento, seja segundo seu nível de renda ou grau de industrialização, seja segundo sua condição de importadores ou exportadores de petróleo.

O que deve ficar claro é que, se estamos empenhados em ampliar nossa participação nas trocas internacionais e no reforço de nossa capacidade tecnológica e estrutura produtiva, não o fazemos com base na busca de vantagens unilaterais.

As soluções para as presentes dificuldades econômicas brasileiras estão sendo encaminhadas de modo a assegurar ao País menor vulnerabilidade a fatores imprevisíveis de origem externa, mas sem prejuízo de uma re-

forçada vinculação com a economia internacional, em termos mais estáveis e fecundos, para o Brasil assim como para seus parceiros.

Senhores,

As relações econômicas entre a Colômbia e o Brasil registram saudável comportamento de expansão. Persistem, porém, possibilidades amplas de um e outro lado, que continuam a aguardar aproveitamento.

O fato de se constituir o café no principal produto de exportação da Colômbia e do Brasil não tem acarretado quebra de sintonia entre nós. Ao contrário, nossos dois países têm adotado posições comuns e atuado em concerto, beneficiando-se, no mercado internacional do café, das vantagens de cooperação a que me referi anteriormente.

A unidade dos produtores tem, com frequência, se mostrado instrumento eficaz para contrapor-se à falta de vontade política dos consumidores, em busca do pleno funcionamento do Convênio Internacional do Café.

Temos consciência de que o relacionamento estável e progressivo é o que se apóia em vantagens recíprocas. De nossa parte, prevalece plena abertura para a Colômbia. Seus empresários devem sentir o Brasil como um parceiro comercial amplo e confiável, com condições, já, de absorver ampla gama de produtos industrializados colombianos, complementares à nossa produção. Estamos receptivos às suas visitas e desejosos de seus negócios.

Verdadeiramente esperamos que iniciativas como a da exposição colombiana, realizada em Manaus, em 1979, que tão bons frutos produziu, se multipliquem pelas demais regiões brasileiras.

O importante é que não deixemos de perceber com clareza que somos duas nações vizinhas, com grau de industrialização relativamente elevado e potencial de incremento das transações, nos dois sentidos. Há muito a percorrer, tanto em termos absolutos quanto em termos relativos.

O fluxo de importações e exportações entre o Brasil e a Colômbia representa menos de 0,5% do comércio externo brasileiro. Do mesmo modo, a participação do Brasil no comércio externo colombiano é modesta, situando-se abaixo dos 2,5%.

Elevar os níveis desse intercâmbio será responsabilidade dos Senhores, a quem caberá buscar novas formas e novos mecanismos para o pleno aproveitamento das oportunidades existentes e para a criação de novas, dando forma e movimento ao quadro de bom entendimento que tradicionalmente une nossos dois governos e nossos dois povos.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

11 DE MARÇO
SEDE DO CONGRESSO
BOGOTÁ — COLÔMBIA
DISCURSO POR OCASIÃO DA VISITA
AO CONGRESSO COLOMBIANO

Senhores Congressistas:

Sinto-me profundamente honrado por ser recebido no recinto do Capitólio Nacional, sede deste magno Congresso, instituição representativa da Nação colombiana e um dos mais fortes esteios da tradição democrática deste povo, sempre voltado para a participação coletiva nas decisões nacionais.

Agradeço, Senhor Presidente, suas palavras de boas-vindas, que bem traduzem o espírito generoso e hospitaleiro desta Casa legislativa.

Não haverá democracia, por certo, sem uma sociedade civil fortalecida, independente, que saiba articular autonomamente os seus projetos de organização.

A verdadeira democracia caracteriza-se, a nível individual, por completo respeito aos direitos do homem e do cidadão.

Nela, a ação governamental está orientada pelo firme propósito de construir formas de justiça social e de buscar a igualdade de oportunidades.

Já não teremos uma nação democrática quando lhe falte o esforço coletivo pelo desenvolvimento ou quando os sacrifícios exigidos deixem de ser distribuídos com autêntico sentido de equidade.

Para a realização de tais propostas, em que no Brasil estamos decididamente empenhados, a participação de cada setor da sociedade é essencial.

É no quadro estratégico da realização e da prática da democracia, da ligação entre a sociedade e a política, que o Congresso desempenha sua melhor e mais perfeita vocação. A de transformar a voz dos grupos sociais em parte do espectro de opções políticas nacionais: a vocação de representar o povo.

No processo de representação, a vida parlamentar deve englobar a totalidade do povo, ao mesmo tempo que espelhe as variações entre os diversos segmentos, buscando harmonizá-los pela negociação justa e equilibrada, em benefício do ordenado e crescente progresso da nação.

Não me parece que, nas democracias modernas, o Congresso deva ser, dada a necessidade de formulação técnica das decisões, uma instituição fraca. Muito ao contrário. As sociedades modernas tornaram por vezes os processos de escolha governamental complexos e difíceis, mas não por seu lado técnico. As tarefas de decisão tornaram-se complexas e difíceis justamente porque a busca de consenso, processo essencialmente político, é mais trabalhosa e mais exigente.

Os objetivos políticos se ampliaram. É fundamental aceitar os espaços adversários e saber encontrar pontos de conciliação. Tais tarefas, que exigem invulgar capacidade e responsabilidade política, indicam a necessidade de um parlamento fortalecido e representativo. A realização humana e justa do desenvolvimento requer parlamentos fortes.

Creio que, de diferentes formas e em diferentes ritmos, a busca desses ideais está sendo tentada por muitos outros países latino-americanos.

A experiência brasileira, nesse e em outros terrenos, não se julga modelar. Sabedores da delicadez e complexidade do esforço, apreciamos e respeitamos as realidades regionais.

Por isso e porque conhecemos e prezamos o que o Congresso colombiano tem condições de realizar, é-me grato dizer aos ilustres deputados e senadores do país irmão que o momento brasileiro é de afirmação democrática.

Está na essência do ideal brasileiro de realização política um Congresso atuante e inspirador de caminhos políticos; uma democracia que saiba renovar-se e atender aos apelos de desenvolvimento nacional, sem perder o sentido original de participação e de liberdade.

Senhores Congressistas,

Nesta augusta assembléia, é apropriado que eu reafirme, com ênfase, a dimensão latino-americana de nossa política externa. O Brasil assume plenamente a sua condição latino-americana.

Temos buscado, no diálogo com os países irmãos do Continente, a harmonização de posições comuns no plano político e a concretização de empreendimentos comuns no da economia.

Em qualquer instância, as nossas propostas serão permeadas dos princípios de respeito às individualidades nacionais e à autodeterminação.

Procurarão contruir bases de cooperação que neguem as políticas de poder e as direções hegemônicas.

Em suma, estarão também orientadas substancialmente pelo mesmo sentido democrático e conciliador que identifica o relacionamento internacional entre nossos países.

Penso que, diante das dificuldades da conjuntura internacional, não poderia ser outro o comportamento latino-americano.

Devemo-nos voltar, séria e decisivamente, para as tarefas do diálogo e da integração.

Devemos explorar sem hesitação e em profundidade as potencialidades da cooperação bilateral, sub-regional e regional.

Devemos compor projetos que reforcem nossas posições negociadoras nos foros internacionais, num momento da vida internacional em que nosso entendimento é indispensável para preservar a independência, o desenvolvimento e o bem-estar de nossos povos.

Minha visita ao Congresso colombiano está marcada por esta proposta de aproximação e de fraternidade. Queremos formas sólidas e permanentes de amizade com o nobre povo colombiano. Esta é, Senhores, a mensagem que trago ao Congresso colombiano.

Muito obrigado.

11 DE MARÇO
PALÁCIO NARIÑO
BOGOTÁ — COLÔMBIA
DISCURSO AO SER CONDECORADO
COM O GRANDE COLAR DA ORDEM
DE BOYACÁ

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

Com profunda emoção, recebo das mãos de Vossa Excelência o Grande Colar da Ordem de Boyacá, insígnia suprema com que a generosidade colombiana quis enaltecer e distinguir, por meu intermédio, a Nação brasileira.

Aceite, Senhor Presidente, os meus agradecimentos mais sinceros por esta singular prova de amizade e apreço, que me honra e desvanece. Vem ela coroar as numerosas homenagens e atenções de que eu e minha comitiva temos sido cumulados, desde que pisamos o solo hospitaleiro de Bogotá.

Aceite, igualmente, Senhor Presidente, o meu reconhecimento pelas palavras que Vossa Excelência acaba de proferir, inspiradas na mais espontânea e genuína simpatia.

Ao receber esta Ordem, que perpetua o nome da memorável Batalha da Ponte de Boyacá, não posso deixar de evocar a lembrança de um velho soldado brasileiro de alma latino-americana, o General José Ignácio de Abreu e Lima. Ombro a ombro com seus camaradas desta terra valorosa, Abreu e Lima cobriu-se de glória naquela jornada histórica.

Meio século depois, recordando os feitos da Independência de que participara ao lado do Libertador Simón Bolívar e do General Santander, afirmava Abreu e Lima em carta escrita em espanhol:

«Hice de Colombia mi patria, asistí a la infancia de Colombia en Nueva Granada, soy de los pocos de Boyacá! Conservo aún la misma medalla que me dió Santander, de su uso, con la esmeralda de Muzo, por el arrojio con que pisé el puente con los Guías, creo que de Muji-ca. Tengo orgullo en haber servido a Colombia. Hago gala de mis cruces de Boyacá».

Da mesma forma os representantes oficiais do Brasil já independente falariam a linguagem da solidariedade latino-americana.

Este é, na verdade, o sentido das instruções enviadas em 1829 ao nosso primeiro Ministro Plenipotenciário em Bogotá.

Após lembrar a determinação com que o Imperador apoiava a causa americana, o Governo brasileiro recomendava ao seu representante não perder ocasião de estabelecer com o governo da Colômbia e agentes diplomáticos aqui sediados «relações fixas e permanentes, até por meio de Tratados que pouco vão lançando as bases de um Sistema Americano».

Tais sentimento encontraram pronta receptividade na então República da Grã-Colômbia.

Nesta mesma Cidade de Santa Fé de Bogotá, há mais de 150 anos, o Ministro Plenipotenciário brasileiro Luiz de Souza Dias apresentava, em 30 de março de 1830, suas credenciais.

E pôde ouvir de Bolívar, em seu discurso de acolhimento, a definitiva evidência da compreensão do papel brasileiro no Continente, «es una de las garantías más poderosas que han recebido las repúblicas de América, en la carrera de sua independencia».

Senhor Presidente,

Encontra-se na diversidade a riqueza da Colômbia. Na multiplicidade de seus aspectos. Em sua vocação ao mesmo tempo andina e amazônica. Em suas vertentes atlântica e pacífica. Em sua projeção no Caribe. No policentrismo de seu povoamento, que implantou vários núcleos dinâmicos irradiadores de progresso.

Daí a predestinação da Colômbia a ser palco de convivência harmônica de regiões e personalidades autônomas, verdadeira ponte de contato e entendimento. Daí representar este país, de certo modo, toda a rica variedade latino-americana.

Essa visão ampla do mundo de que se pode orgulhar a Colômbia, sua aceitação da diversidade, sua atitude lúcida na avaliação do panorama contemporâneo, decorre também do papel que sempre teve, ainda à época colonial, nos estudos humanísticos, nas letras, nas artes, na vocação de seu espírito para a dimensão ética e estética da vida.

Por sua disposição para a convivência, por seu reconhecido senso de moderação, a Colômbia presta inestimável contribuição a toda a América Latina.

Vivemos um momento histórico em que se multiplicam os riscos e em que predomina a sensação de crise. Por isso mesmo, pouco servem as fórmulas unilaterais ou fechadas, as soluções simplistas.

Em nossa região, apesar de todas as dificuldades internacionais, e como países irmãos que somos, buscamos juntos articular uma participação mais eficaz e sistemática nas questões internacionais e interamericanas.

A América Latina tem longa tradição de engajamento criativo nos negócios internacionais. Nossas propostas de convivência são sólidas e bem estruturadas. Nossos interesses e aspirações podem e devem ser realizados.

Nossa participação, portanto, estará sempre interessada em impulsionar o processo de mudança internacional. E por termos irrenunciável compromisso com a causa da paz e do desenvolvimento, nossa atitude será sempre marcada pela serenidade, pelo descontraimento e pela vontade de dialogar.

Outro padrão de comportamento latino-americano é a busca permanente de empreendimentos equilibrados de cooperação. Essa opção torna os nossos países objeto de confiança internacional, como tão bem exemplificava a ação colombiana, ao mesmo tempo conciliadora e criadora, dentro e fora do âmbito regional. Nossas diferenças regionais, quando existem, têm sido sanadas com o recurso ao pleno diálogo diplomático.

Partimos do respeito à nossa diversidade, às marcantes individualidades que compõem a história comum, para articular e conjugar internacionais.

Sei que o exemplo e as boas intenções não são tudo nesse cenário. A participação dos países em desenvolvi-

mento nos negócios internacionais encontra sérios entraves, mas, vejo que o meio natural de ação latino-americana é a criação de condições de negociar com bases próprias.

A transferência das tensões globais para os quadros regionais e a exacerbação de ideologias transnacionais deformam gravemente a compreensão e o encaminhamento dos problemas. Tornam-se instrumento de desavenças e cisões. Abrem caminho para o intervencionismo.

No entanto, a experiência indica que os intentos de hegemonia, de patrocínio político, de transposição mecânica de modelos já se mostraram fracassos cabais.

É importante, pois, repudiá-los. Afastar os diagnósticos que exageram temores e esquecem as raízes reais dos problemas, que negam as necessidades de superação de situações injustas. Ou — igualmente tão grave — que apregoam uma fórmula inexorável de transformação da realidade.

Haverá, ainda, paralelamente, outros tantos fatores econômicos que limitam as nossas possibilidades de agir.

Entre os países em desenvolvimento, as fórmulas de cooperação se multiplicam. O Brasil mesmo tem estimulado a cooperação Sul-Sul. Ela, porém, não será suficiente.

É fundamental recompor as forças, insistir em que siga adiante, em bases realistas, o diálogo com os países industrializados.

Estes devem compreender que a existência de importantíssimos interesses mútuos entre o Norte e o Sul permitirá abrir espaço para o atendimento de reivindicações dos países em desenvolvimento.

Tantas dificuldades não permitem esmorecimento. Exigem, ao contrário, mais participação, mais criatividade e mais capacidade de convencimento.

O caminho para esse esquema de participação deve envolver projetos de transformação e de progresso, E, para isso, penso que o fundamental será compor nossa ação internacional em moldes rigorosamente fiéis aos nossos povos e aos nossos modos de ser e de pensar.

A tarefa não é simples. Significará, de um lado, dispensar as utopias simples, ou automatismos mecânicos. A conciliação de vontades de muitas nações é tarefa ingrata. Implicará, de outro lado, abandonar as atitudes derrotistas, que se acanham diante dos desafios da conjuntura e que não contemplam as possibilidades de mudança.

Faço essas reflexões, que simplesmente retomam temas forjados pela história latino-americana, num momento especialmente importante para o continente.

Reiniciamos o trabalho de integração; aprofundamos a experiência com fórmulas sub-regionais, as quais, pelo que já fizeram em prol do desenvolvimento e da paz, deve ser estimuladas; aceitamos os caminhos da negociação quando algumas desavenças enraizadas emergiram, e soubemos, com nossos próprios meios, buscar as sendas do reencontro entre vizinhos.

Entendemos a relevância dos exemplos para que os ideais institucionais encontrem melhores condições de execução. As molduras internacionais bem construídas são elemento indispensável para a mais fácil realização dos processos internos. Não será por conselhos ou interferências, mas pela boa convivência, pela redução das

tensões, pela cooperação igualitária, que ajudaremos no contesto de nossos ideais permanentes o desenvolvimeto dos processos internos das nações latino-americanas.

Senhor Presidente,

Nesse mesmo quadro, as relações bilaterais entre a Colômbia e o Brasil vigorosamente se intensificam, sempre à volta de alguns pontos fundamentais de cristalização.

Em torno da produção e exportação do café, tivemos papel pioneiro ao unir esforços para a assinatura do Acordo do Café, primeiro acordo de estabilização de mercado para um produto essencial aos países em desenvolvimento.

Marcamos nossa presença com o Tratado de Cooperação Amazônica e com a cooperação bilateral entre nossos países. Acertamos dispositivos fundamentais a fim de que se reafirme a responsabilidade exclusiva dos países amazônicos para com o aproveitamento econômico da região e a superação do desafio tecnológico que representa.

No campo do desenvolvimento, batem-se Colômbia e Brasil pelo progresso econômico e social. Resta agora aos dois países canalizar sua criatividade para a ampliação e o aprofundamento de fórmulas originais e promissoras, como o Acordo do Carvão; devem também descobrir novas formas da cooperação no domínio da ciência e da tecnologia.

Plantar o marco inicial de uma nova e dinâmica etapa nas fraternas relações entre o Brasil e a Colômbia — eis, a meu ver, a significação fundamental de minha presença neste magnífico país em atendimento ao convite que Vossa Excelência tão generosamente me estendeu.

Minha visita vem reforçar uma simpatia e um desejo de entendimento que datam de antes da luta pela independência de nossos povos.

Nesse espírito, e em nome de todos os brasileiros, ergo minha taça pela crescente prosperidade da nação colombiana, pelo estreitamento ainda maior das relações entre o Brasil e Colômbia, e pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Turbay Ayala.

12 DE MARÇO
PALÁCIO NARIÑO
BOGOTÁ — COLÔMBIA
DISCURSO POR OCASIÃO DA ASSINA-
TURA DE ATOS INTERNACIONAIS

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Senhor Júlio César de Turbay Ayala:

Em seu eloqüente significado, esta cerimônia representa o coroamento de um esforço continuado e eficaz para abrir novas avenidas à cooperação entre o Brasil e a Colômbia.

O conjunto de atos internacionais, que acabam de ser firmados, vem somar-se aos tratados e documentos que, desde a Independência, permitiram construir entre nossos dois países um relacionamento verdadeiramente exemplar e que agora adquire nova e mais ampla dimensão.

A convivência harmoniosa, o diálogo aberto, a colaboração fecunda e leal têm sido os frutos desta diplomacia de amizade e boa vizinhança praticada por brasileiros e colombianos.

Não nos basta, porém, consolidar a admirável obra diplomática herdada dos que nos antecederam.

Através da imaginação conceitual e da energia na implementação, queremos hoje enriquecer com novas linhas de ação o presente e o futuro de nossas relações.

O universo variado desses vínculos encontra expressão em dois documentos cuja tônica é a globalidade e a abrangência.

Síntese do que a Colômbia e o Brasil pensam e propõem diante dos problemas mundiais e regionais, a Declaração Conjunta tem seu complemento indispensável no Tratado de Amizade e Cooperação, moldura normativa e programática do conjunto das relações bilaterais.

A articulação prática dos princípios e objetivos gerais é, entretanto, assegurada por instrumentos especializados, ou pelo tema, ou pela área de aplicação.

Sobressai, entre estes, o Acordo que, em harmonia com o Tratado de Cooperação Amazônica, estimulará, no âmbito bilateral, o trabalho conjunto e o intercâmbio em nossas vastas zonas fronteiriças da Amazônia. Nosso esforço redobrado se beneficiará da tradição de contatos em torno dos pólos irradiadores de Letícia e Tabatinga.

Outro tema que traz a marca da contemporaneidade é o do Acordo de Cooperação Nuclear, que se inspira na premente necessidade de buscar alternativas energéticas eficazes. Nesse campo, hoje prioritário para todos, nossa cooperação poderá estender-se a outras modalidades energéticas.

A mesma idéia de promover a cooperação econômico-comercial entre países de estruturas produtivas e mercados significativos, como o Brasil e a Colômbia, inspirou os parágrafos sobre o carvão na Declaração Conjunta. Tendo já em seu ativo considerável acervo de

realizações, desde a sua celebração em 1976, o Acordo ingressa agora em nova fase, que lhe abrirá a possibilidade de criar, já no decorrer de 1981, substancial corrente de exportação de carvão colombiano para o Brasil.

Finalmente, inscrevem-se no domínio dos contatos culturais e das modalidades de cooperação internacional de inspiração social o Ajuste de Cooperação entre entidades científicas, o Acordo sobre Drogas e o Convênio Turístico, que agregam áreas promissoras à agenda de trabalho brasileiro-colombiana.

Senhor Presidente,

O esboço resumido de vasto terreno coberto pelos nossos entendimentos é suficiente para assinalar a amplitude das coincidências e o equilíbrio na preocupação com aspectos que se harmonizam e completam.

Ao cristalizar em forma jurídica estes entendimentos, os atos assinados inauguram etapa mais avançada e ambiciosa do relacionamento bilateral.

Sinto-me honrado de participar com Vossa Excelência deste encontro, que há de gerar, estou certo, forte impulso de fortalecimento da amizade e da colaboração cada vez mais intensas e fraternas entre os povos da Colômbia e do Brasil.

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

12 DE MARÇO
HOTEL TEQUENDAMA
BOGOTÁ — COLÔMBIA

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA RE-
PÚBLICA DA COLÔMBIA, SENHOR
JÚLIO CÉSAR DE TURBAY AYALA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

Ao ver aproximar-se o momento da partida, desejo expressar meu agradecimento pela hospitalidade e o carinho de que fomos rodeados — minha mulher, minha comitiva e eu próprio — a partir do momento em que pisamos terra colombiana.

Visitar a Colômbia significa, para um brasileiro, recordar a luta pela independência política da América Latina, que aqui teve um de seus mais importantes centros de coordenação.

Significa também lembrar o ideário bolivariano de união americana: «Façam — disse o Libertador — que o amor ligue com laço universal os filhos do Hemisfério de Colombo, e que o ódio, a vingança e a guerra se afastem do nosso seio».

Ao longo de nossa história comum, criamos sentimentos de igualdade e de respeito. Criamos, ao mesmo tempo, ideais comuns, latino-americanos, de realização política e de realização social. Sobre esses ideais é que eu gostaria de falar. Sei que minhas palavras encontrarão fraterna audiência. Sei que minhas palavras vão soar como assunto de família, de irmãos.

Senhor Presidente,

Uma parcela da grandeza latino-americana, do convívio internacional entre nossos povos estará, sem dúvida, na generosidade com que formularam seus anseios.

Neste momento de dificuldades de todo tipo, temos que recorrer unidos às nossas aspirações, às nossas metas e esperanças.

Pela coragem, manter-nos-emos fiéis aos ideais que nos legaram os próceres latinos-americanos. Pelo compromisso com a igualdade e pela disposição inabalável para o trabalho, alcançaremos a justiça social e a equidade. As fórmulas simples e repetitivas já não têm o condão de fazer com que a vida democrática seja acompanhada de progresso e de bem-estar para todos.

No Brasil, sofremos os efeitos da crise econômica mundial e vamos enfrentando as dificuldades com otimismo, mas conscientes de que ela exige soluções globais. Teremos, porém, muito que trabalhar em cada um de nossos países, e na dimensão regional certamente poderemos esforçar-nos mais do que temos feito.

Creio ser conveniente e necessário dedicar-nos a uma reflexão séria na busca de fórmulas viáveis de integração, de desenvolvimento dos mecanismos sub-regionais, de instrumentos de trabalho comum. Não devemos, contudo, ficar apenas nesse plano.

A América Latina soube construir esperanças e ideais de progresso. Jamais nos furtamos a apontar fórmulas concretas de aperfeiçoamento da ordem econômica entre as nações. Ao contrário, temos sido invariavelmente vanguardeiros no diagnóstico das precariedades do sistema, na proposta de renovação, na indicação do caminho da negociação.

Mais do que nunca, devemos combinar a capacidade de diagnóstico e a de aglutinação política. Como parte do mundo em desenvolvimento, no âmbito dos 77, devemos ter posições ativas, renovadoras e ousadas, mas realistas, para que o processo de negociação Norte-Sul, marcado por conferências importantes nos próximos meses, deixe de causar frustração.

São demasiado graves as dificuldades econômicas para que adie, uma vez mais, a tentativa séria de um encontro de posições comuns.

O diálogo Norte-Sul nunca pretendeu estruturar-se a partir da caridade ou generosidade do Norte; mas, hoje, palpavelmente, obviamente, as linhas que apontam para a negociação e a conciliação de interesses estão claras.

No Norte, faltam, contudo, vontade política e sensibilidade para que o processo se desencadeie plenamente.

Em contrapartida, ressurgem fórmulas que buscam renovar o egoísmo nacional como solução para a crise. As conseqüências econômicas dessa atitude, certamente danosas, irão reproduzir as dificuldades econômicas que vivemos. Suas implicações políticas serão, sem dúvida, desastrosas para o sistema internacional, especialmente para os laços de confiança que cabe restaurar entre o Mundo Ocidental e o Terceiro Mundo.

Outra lição que nossa presença latino-americana nos ensina, e que compartilhamos com os colombianos, é a da fidelidade aos princípios da boa convivência internacional.

Em situações de crise, em momentos de tensão e conflito, certificamo-nos de que estão vivas as bases jurídicas de nosso convívio. Aprendemos que, em situações extremas, a sabedoria política exige níveis inéditos de tolerância. Aprendemos que a tolerância e a moderação não trazem frutos amargos e são demonstração irretorquível de fidelidade ao verdadeiro ideal de democracia.

Senhor Presidente,

A paz e a harmonia são os verdadeiros modos de ser latino-americanos, que têm superado, em sua história política, as formas envelhecidas e precárias dos equilíbrios de poder e hegemonias.

Não nos devemos medir, em nossa vida regional, pelos graus de poder, mas pelas possibilidades de cooperação que a geografia combinada com problemas comuns e idéias compartilhadas abrem a nossos povos.

A verdadeira paz e a boa harmonia repelem patrocinadores e orientadores.

Devem nascer da ação conjugada entre iguais, a partir do respeito mútuo, da consideração plena pela autodeterminação dos povos, da adesão firme aos mecanismos de solução pacífica, sem intervenções de preceptores.

Devem provir de esforço latino-americano próprio; temos tradição para tanto, temos bons princípios e bons instrumentos de convivência diplomática.

Senhor Presidente,

Foi essa tendência profunda que presidiu às conversações por nós mantidas e à redação dos documentos que hoje firmamos, em especial do Tratado de Amizade e Cooperação que pretende oferecer amplo lastro jurídico ao incremento das relações entre Brasil e Colômbia.

É essa vocação para a permanente ajuda mútua que espero ver reforçada com a minha visita a Bogotá, a qual deverá marcar o início de nova fase de nossas relações, de etapa que venha a caracterizar-se por um intercâmbio cada vez mais frutífero e por uma amizade ainda mais sólida.

Esse desejo me inspira a propor, com a mais viva gratidão, um brinde ao desenvolvimento das relações entre a Colômbia e o Brasil, à prosperidade da nação colombiana e à felicidade pessoal do Senhor Presidente e Senhora de Turbay Ayala.

Como expressão adicional do sentimento que me trouxe a Bogotá e como prova do reconhecimento de suas qualidades pessoais e de estadista, e do muito que já realizou pelo desenvolvimento das relações entre os nossos dois países, permita-me Vossa Excelência impor-lhe, neste momento, as insígnias da mais alta honorífica concedida pelo Brasil, o grande colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, que lhe outorga o Governo da República Federativa do Brasil.

Senhor Presidente,

Não lhe falo somente como Presidente do Brasil. Quero agora, movido pela emoção que sinto ao largo de minha visita, falar-lhe em caráter pessoal, como amigo sincero e leal da Colômbia e seu.

Falo agora como homem que traz em suas palavras a sinceridade do soldado, a humildade do cristão e um pouco da sensibilidade do brasileiro. Um homem de colocar a sua alma pela boca. Desde o primeiro momento em que tivemos a oportunidade de dialogar, senti a impressão de estar na presença de um velho amigo.

O senti porque reconheço em Vossa Excelência a generosidade de seu espírito e o espontâneo e genuíno afeto que tem pelo meu País e meu povo. Encontrei um Júlio César Turbay Ayala um homem a meu gosto. Um homem com quem se pode falar. Um homem que, a despeito de sua alta posição, continua sendo um homem que todos procuramos incessantemente como amigo. O símbolo do homem da Colômbia.

A essas qualidades pessoais que o distinguem se devem as expressões agradáveis com que me honrou Vossa Excelência. Da mesma forma, as palavras com que Vossa Excelência colocou em relevo o papel do meu País no Continente se inspiram visivelmente na amizade e no carinho. Essas manifestações comoveram profundamente a mim e a todos os brasileiros.

De nossa parte, o único afã que nos move a contribuir para que a América Latina seja cada vez mais o resultado de um esforço de todos, com participação igual de cada de nossos países. A proposta que trago, em diálogo permanente com os meus irmãos latino-americanos, é de igualdade, de colaboração, de fraternidade.

Recebi ontem de suas mãos, com um nobre gesto de amizade latino-americana, o Grande Colar da Ordem de Boyacá. Não poderia ser mais profunda a minha emoção. Recebi a Ordem que foi criada pelo Libertador. Quem serviu de modelo nas lições de patriotismo e civismo que recebi na casa paterna.

Bolívar permanece vivo em nossa recordação e em nosso afeto. Suas exortações à unidade e a solidariedade da América Latina são tão válidas, hoje, como no momento em que foram formuladas.

Minha admiração por Bolívar, como estadista, militar e libertador de povos, me anima ao entendimento e a tratar com a Colômbia e com os países irmãos da América Latina.

Quero expressar-lhe nesse momento que o esforço pessoal, a inteligência criativa, e a visão de homem de Estado de Vossa Excelência foram os fatores que asseguraram o pleno êxito desta visita.

Com este testemunho de justiça e gratidão, desejo, Senhor Presidente, reafirmar minha convicção de que temos trabalhado para criação do futuro, para o fortalecimento crescente da fraterna amizade que nos une os povos da Colômbia e do Brasil.

Muito obrigado.

4

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

100

16 DE MARÇO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AGRADECENDO SAUDAÇÃO DO MINISTRO ABI-ACKEL, PELA PASSAGEM DO 2º ANIVERSÁRIO DE SEU GOVERNO

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,
Senhores Ministros:

Eu agradeço, por demais honrado, a deferência dos Senhores por estarem presentes em meu Gabinete para assinalar o segundo aniversário do Governo.

Agradeço, comovido, as generosas palavras que acabo de ouvir do Ministro Abi-Ackel, um pouco levadas tal pelo sentimento de afeição que nos liga e bastante exageradas no seu conteúdo. Confesso que essa reunião eu interpreto apenas para assinalar o segundo aniversário do nosso Governo, porque nós não somos dados a comemorações. É bem verdade que nesses dois anos, num exame isento de consciência, nós poderíamos, todos nós, nos envaidecermos e comemorarmos alguns fatos realizados pelo nosso Governo. Mas, também, é verdade que neste mesmo exame iríamos constatar que em alguns setores os êxitos não foram aqueles esperados por cada um de nós; e também iríamos constatar que as

causas desses poucos êxitos foram devidas mais a fatores externos independentes de nossas decisões. Mas podem, o Senhor Ministro Abi-Ackel e os Senhores Ministros, estar certos de que a nossa consciência não nos acusa de omissão, não nos acusa de falta de coragem de decisão nos momentos difíceis; a nossa consciência diz apenas, talvez da nossa incapacidade para orientar cada um dos Senhores naqueles problemas que não tivermos resolvidos satisfatoriamente. Mas a nossa consciência diz, também, de que esses pequenos êxitos que alcançamos deveram-se, unicamente, à sabedoria, à dedicação e à confiança de cada um dos Senhores.

Que Deus permita que nos próximos dois anos nós estejamos aqui reunidos, nesta mesma sala, para aí sim, comemorar êxitos maiores do que aqueles que nós podemos apresentar à Nação brasileira. Muito obrigado aos Senhores.

16 DE MARÇO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER OS CUM-
PRIMENTOS DA EXECUTIVA DO PDS,
PELA PASSAGEM DO 2º ANIVERSÁ-
RIO DE SEU GOVERNO

Senhor Presidente do nosso Partido,
Senador José Sarney,
Senhor Presidente do Senado Federal,
Senador Jarbas Passarinho,
Senhor Presidente da Câmara Federal,
Deputado Nelson Marchezan,
Senhores Membros do Diretório Nacional do Partido,
Senhores Membros da Comissão Executiva,
Senhores Senadores, Senhores Deputados:

É uma grande honra para mim tê-los aqui reunidos, na oportunidade em que completamos dois anos de Governo. Diria aos Senhores que se alguma coisa de bom foi realizada e se alguns males piores foram evitados nesses dois anos de Governo, devo confessar aos Senhores que isso deve à dedicação dos meus Ministros e à atuação dos Senhores no Senado Federal e na Câmara. Não fora este apoio que sempre obtive dos Senhores, eu não sei se teria completado estes dois anos tendo conseguido

algumas metas e tendo evitado alguns males que se desenhavam quando assumi o Governo. Se é verdade, repito, que alguma coisa de positivo existiu nestes dois anos de Governo, em sã consciência, devo confessar, que elas não teriam sido possíveis se eu não tivesse o apoio, apoio decidido do Partido no Senado e na Câmara Federal.

Posso ficar com a consciência tranquila de que, aquelas promessas que fiz, como candidato, aquelas afirmações que fiz na convenção do Partido, então Arena, que apoiou a minha candidatura, e aquelas outras afirmações que fiz como empossado, essas eu tenho tentado realizar na medida do possível. E esse possível só o foi porque vi sempre o apoio dos elementos que estavam na Câmara e no Senado, que foram os Senhores. Vejo indícios evidentes, na imprensa falada e escrita, de desconfiança a respeito do futuro do nosso projeto político. Persisto, perante aos Senhores, a reafirmar aquilo que disse ainda como candidato e que hei de conseguir fazer a despeito de todas as pressões ou dificuldades que possa ter de, ao fim de meu Governo, entregar ao meu sucessor um país normalmente democratizado.

Eu tenho a certeza que esse trilhar que não vai ser fácil porque muitos não querem esse objetivo por desconfiança, e muitos não o querem porque querem o pior para o nosso País. Mas nesse trilhar eu estou absolutamente seguro que conto com o apoio dos Senhores. Nunca tive dúvidas a respeito do apoio do Partido a este Governo. E mesmo aqueles que porventura, por razões regionais, por momentos decidiram, eu ainda tenho esperança de fazê-los voltar ao nosso seio e juntos, nós e a Oposição, construirmos de fato um país a que se referiu o Senador José Sarney, de que os nossos filhos possam se orgulhar no futuro. Muito obrigado aos Senhores.

26 DE MARÇO
PALÁCIO DOS BANDEIRANTES
SÃO PAULO — SP
IMPROVISO DURANTE JANTAR OFE-
RECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL
DE SÃO PAULO

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Esta homenagem que hoje os Senhores me prestam tem um alto significado. Não apenas por vir das classes produtoras do Estado mais poderoso da Federação. Não apenas por vir da gente de São Paulo, a quem me ligam laços de sangue e de afeição. Não apenas por partir de muitos amigos diletos de muitos anos. Mas principalmente por parte da classe que eu mais tenho castigado e que, por força das circunstâncias difíceis por que passa a Nação, eu sou obrigado a castigar.

Entre as coisas que prezo e que trago da casa paterna e da caserna, há duas que eu prezo acima das demais: uma é dizer sempre a verdade e só a verdade; e a outra é saber dizer não. Todos nós conhecemos a situação difícil da economia brasileira. Nenhum de nós pode esconder que talvez seja, na história contemporânea do Brasil, a crise mais grave por que passa a Nação.

Se formos rebuscar as causas dessa crise, a nossa consciência não nos acusa de sermos culpados. Pelo contrário, no peso da balança, no prato da culpa temos a consciência tranqüila de que as causas são externas. Nos meus poucos conhecimentos, alguns dos quais aprendidos com os Senhores, eu não conheço nenhum remédio ameno para combater a inflação. Todos os remédios que os mestres me têm ensinado e que eu tenho lido são remédios amargos. São remédios que, se não adotados, fazem apenas com que o peso da inflação incorra sobre o assalariado. Felizmente, os Senhores têm consciência de que eu não posso, absolutamente, permitir que, apesar da inflação que nos assola, o País continue a crescer como se nós estivéssemos em situação normal. E eu tenho que tomar medidas para impedir que esse crescimento se faça a tal ponto que o povo venha a sofrer mais. Daí porque os remédios que tenho de adotar provocam sofrimentos para todos, mas que eles sejam menos amargos para aqueles que têm menos possibilidade de enfrentar a vida.

Daí porque, repito, a homenagem que os Senhores me prestam tem um significado muito especial para mim. Eu sei que os Senhores têm consciência de que eu não posso satisfazer todos aqueles anseios a que os Senhores têm direito, porque tenho que olhar para o outro prato da balança, que são 120 milhões de brasileiros que necessitam comer. Talvez algumas medidas que o Governo tenha tomado, ou seja obrigado a tomar, não sejam os melhores, mas são o que minha inteligência e a minha capacidade de perceber o fenômeno econômico permitem adotar. Talvez outros em meu lugar tomassem medidas outras que não essas. Mas eu desafio que tomassem medidas que pudesse satisfazer ao produtor e ao consumidor, ao empresário e ao assalariado. Se elas

não satisfazem nem a mim, como é que eu vou exigir que satisfaçam a todos? E Deus me livre que 120 milhões de brasileiros aceitassem todas as decisões do governo. Este seria um povo infeliz, no dia em que não houvesse uma voz discordante ou uma voz opositora.

Dáí porque, repito pela terceira vez, a homenagem dos Senhores tem um grande significado para mim. Os senhores têm consciência das dificuldades que atravessa o governo e estão dispostos a cooperar. E, o que é mais belo, estão dispostos a se sacrificar um pouco em benefício da nossa gente que tanto merece.

Muito obrigado.

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

10

03 DE ABRIL
ED. SEDE DA SUDENE
RECIFE — PE
DISCURSO POR OCASIÃO DE REU-
NIÃO NA SUDENE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Volto ao Nordeste e testemunho, com alegria, a confiança com que sua brava gente, após dois anos seguidos de secas, retempera as energias e se dedica ao plantio de suas lavouras, na esperança de novas e promissoras colheitas.

Mas a alegria que hoje sinto não me impede de lamentar, com grande pesar, as vidas sacrificadas e os danos materiais causados, em várias regiões do Nordeste, pelas fortes chuvas de março.

Assisti, ontem, ao magnífico espetáculo de Nova Jerusalém — um eloqüente exemplo da criatividade e da capacidade de organização coletiva do povo do Nordeste. Percorri o agreste pernambucano, descendo, hoje de manhã, o Vale do Capibaribe.

Ao ver, com entusiasmo, essa paisagem que rapidamente se veste de verde e se adensa em umidade, não pude esquecer, entretanto, a tristeza das caatingas resse-

quidas, o desalento das comunidades rurais sem água, a angústia das populações carentes de alimentos — tudo o que vi, o ano passado, no auge da seca, no sertão do Nordeste.

Mas creio que todos temos a convicção de que a vida humana e a atividade produtiva no semi-árido do Nordeste são viáveis. E de que é possível estabelecer, pela ação do homem sobre o meio, modos de convivência menos penosos e menos dramáticos.

E mesmo que, para desgraça nossa, isso não fosse verdadeiro, seria dever patriótico de todo brasileiro empenhar-se para que ela se tornasse uma realidade.

O Nordeste, já não digo que seja também um pedaço do Brasil. O Nordeste é um pedaço do Brasil que, junto com os bandeirantes de São Paulo e os gaúchos do Rio Grande do Sul, possibilitou a existência de uma pátria de 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados.

A grande vulnerabilidade no Nordeste semi-árido a situações vencidas, no plano de sua infra-estrutura produtiva, pela ampliação das várias formas de captação e uso das águas, quer de chuvas, quer superficiais, quer subterrâneas.

Pode ser vencida, no aspecto econômico, mediante a adaptação da agricultura às condições peculiares da ecologia regional, pelo uso disseminado e combinado de técnicas de produção simples, conhecidas, testadas.

Pode ser vencida, na dimensão social, pela elevação dos níveis de vida dos mais carentes: os trabalhadores rurais sem acesso à terra e os pequenos proprietários, que constituem a parcela da população mais exposta aos efeitos das secas.

Por tudo isso, não há uma solução para combater os efeitos das secas do Nordeste. Há sim, um conjunto de soluções, que deve ser perseguido com vigoroso esforço de ação coordenada, orientado para buscar, gradativamente, essa adequação estrutural das condições de vida e de trabalho na vasta região do polígono das secas.

Não se pode dizer que nada foi feito no Nordeste visando a esse objetivo. Muita coisa foi feita, tanto no que respeita aos recursos hídricos, quanto na produção e no uso de tecnologias agrícolas adequadas ao semi-árido, ou com vistas a melhoria das condições de vida das populações mais pobres e vulneráveis. Muito também, está hoje sendo feito, graças a programas como o Polonordeste, o Projeto Sertanejo, o de Recursos Hídricos, o de Irrigação ou de ações de desenvolvimento social em áreas como educação, saúde, nutrição, previdência e assistência social. Não vou referir-me ao muito que aqui fizeram os Governos da Revolução, que me antecederam. Nem vou detalhar o que vem sendo feito, na região, com grande empenho, pelo atual Governo, com a colaboração dos Governos dos Estados.

Poderia, por exemplo, destacar que somente os recursos especiais destinados ao Nordeste (os do Finor, Fiset, dos programas especiais de desenvolvimento regional e os do Banco do Nordeste) se elevaram de pouco mais de Cr\$ 55 bilhões em 1979 para cerca de Cr\$ 100 bilhões em 1980, devendo atingir cerca de Cr\$ 200 bilhões em 1981, da ordem de 264%. E mencionar que, somente com as secas de 1980, foram despendidos, até o presente, cerca de Cr\$ 37 bilhões de recursos adicionais.

Poderia, também, referir-me ao tratamento diferenciado que o Governo federal vem assegurando ao Nordeste.

Com efeito, enquanto para 1981, em relação a 1980, o orçamento monetário prevê um aumento de 50%, os recursos orçamentários da União apresentaram um incremento de 59% e a elevação dos orçamento de capital das empresas estatais se situou em torno de 71% o Nordeste teve suas linhas de recursos aumentadas em percentuais bem superiores.

O Finor passou de Cr\$ 16 bilhões para Cr\$ 32 bilhões, o que representou um aumento de 100%. Os recursos destinados aos programas especiais cresceram cerca de 90%. Os orçamentos da Codevasf e do DNOCS evoluíram em 126% e foram duplicados os recursos da União transferidos ao Banco do Nordeste, através do orçamento monetário.

Poderia ainda aludir que, nesta reunião, estão sendo destinados ao Nordeste, ou mantidos na região, no corrente ano, recursos adicionais no valor de cerca de Cr\$ 100 bilhões, destinados a programas em execução no semi-árido e a quitação ou prorrogação de dívidas de produtores rurais das regiões atingidas pelas secas de 1979 e 1980.

Mas não quero alongar-me na análise dessas ou de outras medidas que refletem, concretamente, a prioridade que o atual Governo vem conferindo ao Nordeste.

Tampouco vou fazer promessas que, depois não possa cumprir.

Sabemos o que fazer na região semi-árida do Nordeste, de modo a permitir sua convivência, sem maiores transtornos, com situações de seca:

1º — É preciso ampliar e disseminar a captação dos recursos das águas das chuvas, das águas superficiais e

das subterrâneas: pela perenização de rios, pelos açudes, barreiros, poços, cisternas, tanto para uso comunitário como ao nível das propriedades rurais.

2º — É necessário utilizar bem as águas acumuladas: para o abastecimento humano e dos rebanhos, para a agricultura, através da grande e pequena irrigação, como o emprego de métodos e técnicas simples; pelo uso intensivo das vazantes e das áreas a jusante dos rios, açudes e barreiras; para a piscicultura.

3º — Impõe-se promover as adaptações necessárias nas tecnologias agrícolas da região: pelo emprego de métodos conservacionistas para a retenção de água e de solos; pela disseminação de plantas alimentares resistentes a estiagens; pelos cultivos de pequena irrigação ou de sequeiro, com plantas adequadas com as condições ecológicas de cada sub-região; pela aplicação de práticas de manejo das pastagens nativas e pela introdução de pastagens cultivadas, adaptadas à região; pelo plantio de forrageiras; pela criação de rebanhos de pequeno porte e pela pequena criação bovina; pelo florestamento e reflorestamento, com o uso de espécies florestais nativas ou aclimatadas, sobretudo como meio de proteção dos recursos hídricos e de preservação ecológica.

4º — É importante o reforço da infra-estrutura ecológica da região, com as estradas vicinais, a eletrificação orientada para o melhor uso dos recursos hídricos disponíveis, o armazenamento, a extensão rural, a comercialização, o crédito, a pesquisa aplicada aos verdadeiros problemas da região semi-árida.

5º — É fundamental que se atente, mais especificamente, para as populações rurais mais carentes, promovendo-lhes o acesso à terra, à assistência técnica,

ao crédito, à garantia de preços mínimos — além da educação, da saúde e da nutrição, da extensão a elas dos benefícios da previdência e assistência social.

Com esses objetivos, o Governo Federal, coadjuvado pelos Governos dos Estados e pelas demais lideranças regionais, está examinando e porá em execução um conjunto de ações capaz de permitir que se atinjam esses objetivos. Trata-se de plano exequível a médio e longo prazos, seja mediante intensificação dos programas especiais de desenvolvimento regional com atuação no semi-árido, coordenados pela Sudene, seja mediante a participação dos demais Ministérios e entidades da União e dos Governos dos Estados.

Esse conjunto de ações permitirá, ademais, caso venha a ocorrer uma nova seca, a orientação das medidas emergenciais necessárias de forma convergente com os objetivos da ação permanente antes indicados — como, aliás já foi feito, em parte, nas situações de seca vividas em 1979 e 1980.

Sei que tais medidas, na macroescala da região semi-árida, sómente operarão as transformações desejadas nos anos vindouros.

Desejo obter resultados significativos no meu Governo e por que não dizer? Já durante o corrente ano.

Com esse propósito, determinei as providências seguintes:

I — Prosseguimento do atual programa de assistência às populações e áreas atingidas pelas secas e 1980 e início de 1981, até que se consolide o quadro atual de chuvas e a perspectiva de safras regulares;

II — Ação coordenada, sob a supervisão da Sudene, com vistas á execução de estratégia que vise a solu-

ções definitivas para a convivência com as secas, compreendendo a captação e o uso da água, a adaptação agrícola e a produção de alimento;

III — Fortalecimento e reorientação em 1981, e, com maior intensidade, em 1982-1985, dos programas especiais de desenvolvimento voltados para o semi-árido (programa de recursos hídricos, Projetos Sertanejo, Polonordeste, Programa de Irrigação);

IV — Apresentação, pelos diversos ministérios, de planos de aplicação que remanejam recurso, em 1981, para aplicação no semi-árido, especificando os programas e as fontes de recursos;

— Elaboração, pelos diversos ministérios, de programações para 1982-1985 que confirmam ênfase ao Nordeste semi-árido, a fim de elevar, mediante ações de efeitos permanentes, o grau de resistência regional às secas e atender, com ações de desenvolvimento social, as camadas mais carentes da população urbana e rural.

O que vem retardando o crescimento do Nordeste, nas últimas décadas, é o fraco desempenho de sua agricultura, relativamente à do país. A indústria regional tem crescido mais do que a brasileira. Também tem sido melhor no Nordeste, a evolução dos serviços. E as secas constituem o principal fator determinante desse descompasso nos ritmos de credenciamento.

Para que consigamos essa redução gradativa das desigualdades regionais no País, precisamos acentuar o tratamento especial, de caráter diferenciado, que já vem sendo conferido ao Nordeste, na execução das políticas econômico-financeiras de caráter nacional. Precisamos continuar apoiando, com os incentivos fiscais e financeiros, a industrialização regional. Mas precisamos, sobre-

tudo, enfrentar, com destemor, com vigor, a transformação da agricultura regional, adaptando-a, no semi-árido, as peculiares condições de seu meio-ambiente.

Devemos, também, confiar no Nordeste. Na Sude-
ne. No Governo dos Estados. Propiciar-lhes os meios
materiais e financeiros necessários à execução dessa
grande tarefa. É preciso delegar encargos e atribuições,
descentralizando procedimento e mecanismo.

Já disse que quero resultados. Para isso, vou dar o
melhor de meu esforço, empenhado em propiciar os
meios adequados para alcançá-los.

Eu penso que o meu Governo já tem uma política
definida e permanente para o Nordeste. Para fazer face
a essa política e para apressá-la é que vim hoje aqui pa-
ra presenciar o acréscimo de mais Cr\$ 157 bilhões desti-
nados ao Nordeste e que, somados aos recursos já ante-
riormente alocados e ao que pretendo alocar até 1981,
atingirão a soma de Cr\$ 665 bilhões.

Sei que as necessidades no Nordeste vão muito além
desta quantia, mas é o que pode oferecer o Governo fa-
ce à crise econômica-financeira por que atravessa o País,
face às dificuldades de outros projetos importantes que
não podem ser relegados e que hoje foram sacrificados
para possibilitar essa alocação de recursos ao Nordeste.

É essa a quantia que no momento o Governo pode
destinar ao Nordeste. Devo dizer, sem vaidade e sem
querer diminuir o que fizeram os Governos anteriores,
que jamais o Nordeste teve, em qualquer Governo, tan-
tos recursos destinados em tão curto prazo.

Queira Deus que no futuro eu possa encontrar dos
homens responsáveis por este País o mesmo espírito cívi-
co que encontrei ao apresentar as alternativas para o

Nordeste que possibilitaram, com suas decisões e as suas sugestões, a definição dessa política do meu Governo para o Nordeste.

Desejo nesse particular ressaltar a atuação de todos os meus ministros, em especial a do Ministro Mário Andreazza, que fez, no dia-a-dia, um esforço incansável para buscar recursos para que a política pudesse ser iniciada. Também assinalo a cooperação que obtive dos Governadores dos Estados e injustiça seria também deixar de assinalar o esforço dos parlamentares que foram a mim apresentar sugestões, trazer informações, pedir soluções e até mesmo fazer apelos patéticos para que eu apressasse a minha decisão.

Desejo como última palavra, dizer ao nordestino que, apesar de bem cercado de ministros, parlamentares e governadores; de homens responsáveis em todos os setores, capazes de influir no desenvolvimento do Nordeste, eu quero ouvir como hoje vim ouvir o povo desta terra. Quero senti-lo, quero compreendê-lo, porque só assim eu serei capaz de, na verdade, lá do Planalto, em prestar de fato o sentimento da gente desta terra.

Quero ouvir e quero saber. Quero ter a tristeza de ouvir as recriminações, mas quero também ter a alegria que tive de ver o nordestino durante a seca me abraçar comovido pelo mínimo, o parco recurso que o Governo lhe pode trazer.

Muito obrigado.

10 DE ABRIL,
SEDE PROVISÓRIA DO PDS
RIO DE JANEIRO — RJ
IMPROVISO AO INAUGURAR A SEDE
PROVISÓRIA DO PDS

Eu agradeço, deveras honrado, e por demais sensibilizado, as palavras que acabo de ouvir do Senador Amaral Peixoto e do Senador José Sarney. A homenagem que vem de me ser prestada pelo meu comparecimento à inauguração da sede provisória do Partido Democrático social, não diz bem no quanto passa a valer a minha atitude em aqui comparecer, mas diz muito mais da compreensão de cada um dos Senhores, para com este meu gesto de comparecimento.

Fico, por demais orgulhoso, ao ouvir Sua Excelência, o Senador Amaral Peixoto, dizer que aceitou o convite de ingressar no Partido porque confiava na minha palavra, nas minhas intenções. E mais orgulhoso, ainda, me sinto, quando ele afirma que até hoje ele não teve por que não continuar acreditando na minha pregação.

Na realidade, Senhor Senador Amaral Peixoto, aquelas afirmações que fiz, já como candidato, se não me engano, pela primeira vez em Uruguaiana, de que havia de fazer deste País uma Democracia, tem sido a

preocupação do meu dia-a-dia. E se todos os meus projetos falharem, e acredito que muitos falharão, esse eu tenho a certeza de que irei conseguir. Irei conseguir com o apoio dos Senhores, com apoio dos correligionários do nosso Partido, e tenho certeza, também, de que com apoio de muitos elementos que hoje estão em outros partidos.

Posso assegurar aos prezados companheiros do Partido que esta preocupação de normalizar a vida política do País é tão grande que eu já desprezo até as dificuldades por que passa a Nação no campo econômico-financeiro para poder afirmar que, apesar destas, que são, graves, eu hei de cumprir a minha promessa.

E essa certeza que tenho, de que hei de cumpri-la, é conseqüente a uma outra de que o povo brasileiro já tem maturidade suficiente para saber que o Governo não é o culpado daquelas dificuldades por que a Nação passa, e que, na hora de votar, cada eleitor irá pesar bem e estudar a sua consciência para ver que mais vale uma Democracia em dificuldade do que uma Ditadura progressista.

Muito obrigado.

23 DE ABRIL
CIDADE NOVA
MANAUS — AMAZONAS
IMPROVISO DURANTE SOLENIDADE
DE INAUGURAÇÃO DA CIDADE NO-
VA

Senhor Governador do Estado do Amazonas,
José Lindoso,

Senhores Ministros,

Senhores Senadores,

Parlamentares,

Sr. General-Comandante Militar da Amazônia, Autorida-
des,

Minhas Senhoras, meus Senhores:

É para mim muito grato assistir inaugurações como esta, em que se vê o fruto do trabalho do Governo em proporcionar moradia melhor aos nossos patrícios. Bem sei que os sacrifícios que o Governo tem feito para possibilitar ocasiões como esta, sacrifícios que vão até o ponto de prejudicar projetos importantes para a Nação. São sacrifícios que recompensam a cada um de nós intimamente, porque sabemos que vêm em proveito daquelas populações que até aqui têm sido pouco assistidas

pelo Governo. Bem sei que os números que me têm sido trazidos pelos meus ministros da área social. Se bem que expressivos em comparação com números anteriores ainda não satisfazem o quanto de justiça social necessita a gente de nossa terra. Bem sei que as 1.800 casas aqui em Manaus ainda é pouco, muito pouco para as necessidades da população. O que me preocupa é que o pouco que em habitação, o pouco em saúde, o pouco em educação, e o pouco em possibilidades de trabalho que o Governo tem proporcionado já tem sido muito em face das dificuldades econômicas por que passa o País. Mas devo dizer aos Senhores que hei de persistir com meus ministros, neste afã de buscar por todos os meios uma maneira de sempre encontrar uma boa parcela do que possa a Nação dar, na área do trabalho.

É possível que alcancemos aquelas metas que indiquei ao Ministro Andreazza no setor habitacional. Metas por demais ambiciosas para nós que em 15 anos conseguimos construir hum milhão de unidades habitacionais e agora no meu Governo, em dois anos, já vamos chegar aos dois milhões de unidades habitacionais. E praça aos céus que ao fim do meu Governo oferecer com os parcos recursos de que dispomos os 6 milhões de unidades habitacionais, que era o meu projeto inicial. E para isso, justiça seja feita, devo dizer ao povo desta terra, que a minha equipe de ministros tem sido de razoável para boa, digo de razoável; para não dizer, de comportamento exemplar, porque tem abdicado de projetos de suma importância. Tem adiado, tem alastrado os prazos para o seu complemento, em benefício daquelas obras sociais de que estão à frente o Ministro Andreazza, o Ministro da Previdência Social, o Ministro da Educação, e o Ministro da Saúde. Justiça seja feita a essa equipe, digo a essa minha equipe que tem colaborado comigo na

afã de buscar no dia-a-dia os recursos para possibilitar ocasiões como esta, que são do, digo que tão do agrado são, do meu feitio e do meu Governo.

Muito obrigado.



27 DE ABRIL
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER A COMIS-
SÃO NACIONAL PARA O ANO INTER-
NACIONAL DAS PESSOAS DEFICIEN-
TES

Senhor Presidente da Reabilitación Internacional,
Norman Akton,
Senhores Membros desta Organização,
Senhora Presidente da Comissão Nacional para o
Ano Internacional das Pessoas Deficientes,
Helena Figueiredo,
Senhores Membros da Comissão,
Senhora Presidente da LBA, Léa Leal:

Eu agradeço essa deferência de aqui comparecerem a fim de me trazerem a par de sugestões, a honrosa presença de todos os membros de me trazer a carta para os anos 80, que consubstancia aquelas medidas e delinea aqueles projetos que a Organização acha necessário desenvolver para aqueles objetivos que temos em comum.

Eu me rejubilo pela iniciativa que o meu Governo teve em nomear esta Comissão. E me rejubilo mais ainda por ver o entrosamento desta Comissão com a Reabilitación Internacional.

Vejo que o ambiente nublado que eu tinha diante de mim ao nomear esta Comissão, em que tudo estava praticamente por fazer, já encontro agora, delineado pelo menos, algo já feito e algo que já é muito, porque não só os Senhores membros da Organização com a prática experiência que têm em todo o mundo, como também os Senhores membros da Comissão chegaram a um objetivo comum. Praza aos céus que eu tenha força suficiente para dar aos Senhores o apoio que essa causa necessita.

Muitas felicidades e muito obrigado pela deferência.

29 DE ABRIL
PALÁCIO DAS MANGABEIRAS
BELO HORIZONTE — MG
IMPROVISO AO SER HOMENAGEADO
PELAS CLASSES POLÍTICA E EMPRE-
SARIAL DO ESTADO

Meus Senhores:

Eu fico agradecido e deveras emocionado com esta homenagem que vem de meses prestada pela classe empresarial e pela classe política do Estado e fico satisfeito também porque, junto com a homenagem exagerada para os meus méritos, ouvi verdades. Vi aqui reprisadas, através do orador das classes empresarias, verdades já conhecidas, mas que, como verdades, é bom que sejam sempre reprisadas. E, ao ouvir essas verdades, passava pela minha cabeça aquela euforia de desenvolvimento que se apossou do País nos idos de 1964 e 1965, aquela euforia que esbarrou na crise energética e que, da crise energética, deu inflação importada e uma inflação produzida internamente. E veio-me então a preocupação de que não era mais possível prosseguir o País naquele ritmo de desenvolvimento inicial sem abalar, seguramente, as estruturas da nossa sociedade. Dois caminhos naquela época, já no início do governo do eminente presidente Geisel, se delineavam para o País: prosseguir naquele

ritmo e levar o País a uma dívida externa incalculável e impossível para os recursos de que a Nação poderia dispor a médio prazo. Ou, de outro lado, que era bem fácil fazê-lo, restringir por todos os meios o desenvolvimento nacional e entrarmos numa recessão que a todos viria sacrificar, mas, em particular, iria sacrificar o assalariado e, mais em particular ainda, ao operário brasileiro.

Daí por que optamos por um meio termo. Não parar o desenvolvimento do País e, muito menos, permitir uma total recessão.

É certo que o caminho não é fácil. Um país que chega com esforço a exportar 20 bilhões de dólares, mas consome cerca da metade para pagar o petróleo importado, e a outra metade para amortizar o serviço da sua dívida externa, não pode pensar em grandes vôos.

Daí porque o meu Governo se fixou de saída em apenas dar apoio àqueles projetos para os quais tivéssemos, na realidade, recursos e, ao mesmo tempo, não permitir que, no plano social, tivesse uma ebulição capaz também de abalar a atividade da nossa gente e da nossa sociedade.

O futuro dirá se o caminho foi certo, mas se alguma coisa os dois anos do meu Governo não trouxeram de bem e de progresso para o País, já disse e eu repito isso anteriormente, o meu Governo deve orgulhar-se e eu me orgulho disso, de ter evitado males muito graves para a Nação, males de ordem social e males também de ordem econômica.

Não adianta nós querermos disfarçar, que o futuro desses dois anos é sombrio para nós no que diz respeito ao combate à inflação. Mas nós não devemos temer, porque repito o que já disse em outras ocasiões, não conheço remédios açucarados para combater a inflação. E

se é verdade que ela deve ser combatida, devemos estar convictos de que apenas a nós convém e é possível combatê-la. Com nossos recursos, mas com muito sacrifício. E este sacrifício eu tenho pedido nos primeiros anos do meu Governo, eu tenho pedido a todos os setores da sociedade, e um dos mais sacrificados — porque diminui se o ritmo de desenvolvimento, o crédito está difícil e os juros estão muito altos — são os Senhores.

Bem sei das amarguras por que a classe empresarial passa no momento, mas eu tenho fé de que, passados esses dois anos de combate à crise, possamos enfrentar dias melhores.

É comum ouvir-se na imprensa e por vezes na Oposição, que o futuro é sombrio no plano político, porque a situação econômica é de crise. Alguns apontam não ser possível a normalização política do País, porque o povo não está satisfeito e sofre as agruras da inflação. E, eu pergunto: como é possível os outros países, que sofrem também essa crise inflacionária, alguns em estado, até, mais agudo que a do Brasil, continuar normalmente a sua vida democrática? E se é esse preço que me pedem, de paralisar a normalização política do País, para que se recupere economicamente, eu prefiro tentar aquele caminho em que outros perseveraram, que é persistir na normalização política do País, sem temer eleições, certo de que o nosso povo, a nossa gente, o nosso operário, as nossas classes liberais, as classes empresariais, os estudantes, o povo de uma maneira geral já está suficientemente amadurecido para saber que eles, da oposição, amanhã no governo, também como nós, terão as mesmas dificuldades para atravessar essa crise em prazo curto. Não há de ser a alternância de nomes que vai trazer os dóares de que precisamos para normalizar economicamente a Nação.

O que precisamos, isto sim, e para isto eu conclamo os Senhores, é a união de todos, sejam eles concordantes ou discordantes conosco, mas união em todo dia, em busca de uma possível saída para o País e eu a vejo iniciar para que enfrentemos dias melhores e possamos então pensar, aí sim, em seguir o rumo de um Brasil grande, forte, pacífico, um Brasil feliz.

Muito obrigado.

05 DE MAIO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER OS MEM-
BROS DO CONSELHO DIRETOR DA
CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA
DA CONSTRUÇÃO — CBIC

Meus Senhores:

Eu agradeço a presença honrosa dos Senhores, como também as palavras de estímulo e de incentivo que acabo de ouvir do Doutor João Fortes. Tenho bem consciência do que pode representar para o meu Governo esse apoio que os Senhores podem dar e tenho também a consciência bem alerta para o que de positivo os Senhores poderão trazer junto aos meus ministros em matéria de sugestões e — porque não dizer — também em matéria de reivindicações para cada setor. Não poderia deixar de falar aos Senhores sobre as dificuldades econômicas por que passa a Nação e que se refletem em uma só, que é a falta de recursos para atender àqueles pontos que julgo essenciais para a vida de nossa sociedade e que vieram ficar ainda mais sobrecarregados com a crise do petróleo e com a crise internacional a ponto de — como já tenho referido — metade de nossas exportações serem destinadas ao pagamento da conta do petróleo e a outra metade ao serviço de amortização da nossa

dívida externa, pouco restando para manter aquele ritmo de desenvolvimento que era do nosso desejo nos idos de 74.

Mas eu quero crer que essa anormalidade por que nós passamos poderá ser vencida se cada um de nós tiver a consciência de que é preciso produzir para exportar, é preciso economizar para importar pouco e é preciso dar prioridade àquilo que de fato necessita a Nação para que se mantenha um desenvolvimento capaz de impedir um processo recessivo e uma taxa de desemprego que nos possa alarmar.

Felizmente, pelos dados que obtive hoje à tarde, a nossa taxa de desemprego não está em termos alarmantes. Eu poderia dizer que começa a inquietar em alguns setores, particularmente na indústria automobilística. Mas, com essas palavras de estímulo do Senhor João Fortes, eu vejo nos Senhores uma válvula capaz de diminuir essas nossas dificuldades. Fico muito agradecido a esse apoio e espero vê-los mais amiúde para ouvir as sugestões, ouvir as queixas e — por que não dizer? — cooperar comigo também no meu dia-a-dia, porque os Senhores têm mais experiência do que eu nos setores a que estão afetos. E eu às vezes tenho que decidir nos setores em que os Senhores têm experiência.

Muito obrigado.

06 DE MAIO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER A DIRETO-
RIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE
SANTOS

Deputado Eramos Dias,
Senhor Antônio Manoel de Carvalho,
Meus Senhores Membros da Associação
Comercial de Santos:

Eu fico muito honrado e agradecido com a presença dos Senhores aqui no Palácio do Planalto, minha casa de trabalho, e muito desvanecido com esta manifestação de solidariedade que os Senhores acabam de me dar. De fato, há momentos em que a gente necessita sentir um apoio de retaguarda e os flancos bem guarnecidos — para falar aqui a linguagem do meu amigo Deputado Eramos Dias, que ainda não esqueceu de que já foi soldado — para poder marchar em frente. É mais fácil marchar e aumentar a velocidade no avançar quando se tem os flancos guarnecidos e quando se sente o apoio da retaguarda. E os Senhores vieram aumentar este apoio, e de muito, particularmente porque vem de São Paulo e de Santos. Devo dizer aos Senhores que vou ler o documento e as sugestões apresentadas e discuti-las com as

áreas interessadas, a fim de proporcionar, não digo a melhor solução, mas pelo menos aquela solução que me parece mais consentânea com as possibilidades do Governo. E devo acrescentar aos Senhores que terei o máximo prazer de estar com os Senhores no Guarujá, a fim de que possamos conversar com mais detalhes sobre estas sugestões e sobre os problemas do comércio de São Paulo, de Santos e do Brasil.

Muito obrigado.

06 DE MAIO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER MEMBROS
DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA
INDÚSTRIA

Doutor Albano Franco,
Senhores Membros da Confederação Nacional da Indústria,
Senhores Presidentes das Federações:

Eu agradeço as palavras que acabo de ouvir do Doutor Albano Franco, palavras de incentivo, palavras de apoio, palavras encorajadoras, mas devo confessar, antes de mais nada, que a alteração no decreto a que aludiu o Doutor Albano Franco foi devido a que eu mesmo, relendo, o que havia assinado, cheguei à conclusão de que razões havia para inquietação entre os Senhores, porque a redação de fato dava margem a outras interpretações que não eram a minha intenção. Daí porque me apressei a falar com o Ministro-chefe da Casa Civil, dizendo que, de fato, o que tinha ouvido de alguns empresários, inclusive da voz do próprio Doutor Albano Franco, me levava à conclusão de que a redação não estava boa, e que era preciso colocar a nossa idéia com a interpretação inicial que nós queríamos ter dado.

Devo confessar aos Senhores que o erro não foi do Governo, o erro foi meu, porque levei o decreto pra casa e o li várias vezes e dessas leituras não me ficou essa interpretação. Só depois de alertado pelos empresários é que eu cheguei a conclusão de que estava errado. Daí porque os Senhores não têm nada o que me agradecer. Eu apenas reconheci que a redação não estava boa e resolvi, então, completar, já que ia alterá-lo, completar dando a idéia que foi a disposição inicial que tive com seus homens de Governo.

Quanto ao outro aspecto que o Doutor Albano Franco se referiu, de fato ainda me é mais acalentador saber que eu tenho o apoio dos Senhores. Não é a primeira vez nem será a última que repito, e já o fiz várias vezes, que eu não aceito a violência. Apesar do meu temperamento imperativo, reconheço, eu normalmente não sou um homem violento e não sou um homem que gosta de discutir pela violência. A violência para mim, é a guerra em tempo de paz. Nós temos procurado desde o início a paz, a participação dos espíritos na sociedade brasileira.

Alguns elementos teimam em não aceitar a pacificação. Teimam em copiar exemplos extra-fronteiras. Teimam em apresentar apenas como argumento o barbárie, o crime, a hediondez. E teimam, porque teimam, porque outros argumentos não têm para apresentar, impingir à Nação a idéia de que são capazes de deter o Governo, naquela determinação de normalizar politicamente o País e de pacificar os espíritos.

Repito o que já disse uma vez: se dificuldades sentem na minha presença na chefia do Governo, que ditem de acertar a pontaria das suas bombas, porque enquanto eu permanecer vivo hei de persistir na busca da-

quele objetivo que me fez romper o meu procedimento de mais de trinta e tantos anos de serviço no Exército e tomar parte da Revolução de 64. Mais do que nunca estou convencido de que razões as tinha, como cidadão e como soldado, para tomar a atitude que tomei a 31 de março de 64.

E não hão de ser quantas bombas atirarem que hão de me fazer desviar daqueles mesmos princípios pelos quais entrei nessa Revolução, que era normalizar politicamente a vida do País. Se desvios momentâneos houve, e eu reconheço que houve, alguns até necessários e alguns até apoiados por mim, isso não significa que não possamos voltar às nossas origens e retomar aquele caminho de 31 de março de 64.

Uma coisa é combater idéias. Outra coisa é fazer o que eles estão tentando realizar. Isso eu não aceito.

Dáí porque o apoio dos Senhores para mim tem muita significação e eu fico deveras confortado em saber que qualquer que seja a minha decisão contra a violência, eu terei ao meu lado os homens da Confederação Nacional da Indústria e os presidentes das Federações de Indústria.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

18 DE MAIO
RESIDÊNCIA OFICIAL DO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA FEDERAL DA
ALEMANHA
BONN — ALEMANHA
DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO
OFERECIDO PELO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA,
SENHOR KARL CARSTENS

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federal da Alemanha, Karl Carstens:

Ao receber-me hoje, Vossa Excelência distingue todos os brasileiros, na pessoa de seu Presidente. Mais que cordialidade, suas palavras de acolhida denotam amizade e apreço real. Alegra-me dizer que esse sentimento é recíproco.

No Brasil, como em todo o mundo, a República Federal da Alemanha desperta admiração e respeito. Seu país é exemplo vivo do que um povo pode construir com dedicação, empenho e energia. É testemunho presente do espírito empreendedor, da criatividade e do dinamismo do povo alemão.

Não faz muito, recaiu sobre Vossa Excelência, Senhor Presidente, a responsabilidade da Chefia do Estado Federal. Foi muito feliz a escolha dos alemães, e é grande minha satisfação de estar hoje com Vossa Excelência.

Os laços que unem nossas nações datam dos primórdios da vida independente do Brasil. Ao longo da história brasileira, encontramos sempre alemães entre os que participaram — e participam — da construção de meu País. Há entre eles nomes célebres, numerosos demais para aqui citar sem correr risco de grave omissão. Outros perderam-se no anonimato. Contudo, por menos conhecida, sua obra não é menos valiosa.

No passado, a cooperação teuto-brasileira, embora com escopo limitado, percorreu longa estrada, fazendo parte profunda de nossas vidas nacionais. Hoje, ela se ramifica, atingindo os mais variados setores da atividade humana.

É vultoso e expressivo o acervo de empreendimentos comuns na economia, indústria, comércio, finanças, ciência e tecnologia. Resta, porém, amplo espaço para aprofundar e estender essa colaboração ainda mais. E os benefícios dela resultantes deverão ser de monta, para ambos os lados.

Muito temos a oferecer um ao outro. Nossas realidades, que se transformam, complementam-se de modo dinâmico, apresentando, a cada dia, formas novas de recompensar o esforço comum.

A cooperação bilateral, Senhor Presidente, está solidamente alicerçada no entendimento político. Lealdade, franqueza e lisura marcam o diálogo por nós desenvolvido.

Isso é motivo de grande satisfação para nós e acredito que também o seja para seu país. Coincidem nossos propósitos e nossos objetivos: paz, harmonia, progresso e bem-estar para todos os povos do mundo. Se às vezes percebemos a realidade das perspectivas distintas em que

nos encontramos, isso é útil e natural. Estimula o intercâmbio de idéias, enriquece o diálogo, fecunda o entendimento.

É o nosso um feliz exemplo de cooperação nos dias que correm, porque fundada na autenticidade de cada parte e balizada pelos princípios do respeito mútuo e da equidade.

Se nos detivermos na observação do panorama mundial, veremos que os padrões de relacionamento prevalentes no passado envelheceram. Não há mais espaço para relações de subordinação. A história contemporânea deu lições — por vezes duras — sobre a necessidade de respeitarem-se as individualidades das nações e das regiões. É um fato que cumpre ter sempre presente.

Como país do Ocidente que pertence ao Terceiro Mundo, o Brasil está convicto de que não poderemos chegar ao bem comum com base em conceitos falsos e restritivos, nem através de confrontações exacerbadas e estéreis, mas pela compreensão dos processos de mudança e pelo reconhecimento das diversidades.

Os mecanismos de decisão política e econômica só servirão à causa da paz e da segurança mundiais se levarem em conta esse princípio elementar. Muitos, porém, estão viciados, comprometidos com uma ordem antiga, cada dia mais incapaz de atender à realidade.

Desejamos, pois, uma ordem renovada, uma ordem verdadeiramente democrática, que produza as transformações necessárias ao progresso.

O Brasil congratula-se com a crescente participação da República Federal da Alemanha na cena mundial. Acompanha com agudo interesse a coordenação que seu país promove no quadro europeu e na aliança ocidental.

Respeitamos a atuação da diplomacia federal, voltada, como a nossa, para a boa convivência universal e para a busca de patamares cada vez mais altos de relacionamento entre as nações.

São essas as considerações que inspiram o Brasil a ver na República Federal da Alemanha parceiro e interlocutor indispensável.

Permita-me, pois, Senhor Presidente, manifestar, mais uma vez, meu prazer de estar aqui, desfrutando da companhia de Vossa Excelência e da de seus convidados.

Peço a todos que ergam comigo suas taças, num brinde à crescente prosperidade da República Federal da Alemanha, ao estreitamento contínuo das relações teuto-brasileiras e à saúde e felicidade de Vossa Excelência e da Senhora de Carstens.

18 DE MAIO
SEDE DA DITH
BONN — ALEMANHA

DISCURSO POR OCASIÃO DA REU-
NIÃO EMPRESARIAL BRASIL-REPÚ-
BLICA FEDERAL DA ALEMANHA

Senhores Empresários.

É com prazer muito especial que os venho saudar, ao ensejo desta Segunda Reunião Empresarial Brasil-República Federal da Alemanha.

O relacionamento entre o Brasil e a República Federal tem sido modelar e nossa prática atesta as vantagens que podem ser obtidas, de parte a parte, por um país industrializado e um em desenvolvimento, quando ambos efetivamente se dispõem a cooperar com base no mais elevado sentido de mutualidade.

Alemães e brasileiros podemos, com justiça, nos orgulhar de havermos construído ligações que vão muito além do simples intercâmbio, para constituir uma verdadeira parceria.

A densidade e o dinamismo que ganharam as relações entre o Brasil e a República Federal, são, em grande parte, o resultado do sentido prático e da capacidade

criadora evidenciadas pelos setores privados dos dois países. Estou certo, assim, de que também esta Reunião, por breve que seja, não deixará de aportar contribuição positiva para o processo de aproximação entre as economias de nossos países.

Desejo agradecer, sensibilizado, as palavras do Senhor Wilfried Guth. Para muito além das referências generosas a minha pessoa, são elas significativas pela expressão do continuado interesse do empresariado alemão-ocidental pela aproximação, com o Brasil e pela avaiiação, correta e otimista, das perspectivas da economia brasileira.

Agradeço, igualmente, as palavras pronunciadas pelo Senhor Jorge Gerdau Johannpeter em nome dos empresários brasileiros. Soube ele exprimir, com muita felicidade, o sentimento de amizade e apreço que nutrem os brasileiros pelo povo deste grande país.

A todos os Senhores, meus agradecimentos pela oportunidade deste contacto, para mim muito agradável, com tão expressiva representação do meio empresarial de nossos países. E meus votos de pleno êxito em seus negócios e empreendimentos conjuntos, para o bem de ambas as nações.

19 DE MAIO
REDOUTE
BONN-BAD-GODESBERG-ALEMANHA
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO CHANCELER DA
REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMA-
NHA, SENHOR HELMUT SCHMIDT

Senhor Chanceler Federal:

Em sua generosidade e cortesia, as palavras que Vossa Excelência vem de pronunciar traduzem, fielmente, a acolhida amistosa que, com minha mulher e a comitiva que me acompanha, recebi desde que cheguei a Bonn.

Refletem suas palavras, igualmente, o entendimento entre os nossos dois países e o clima de trabalho que marca minha visita à República Federal da Alemanha.

Vossa Excelência, Senhor Chanceler Federal, é estadista mundialmente respeitado. No Brasil, temos seguido com atenção e interesse a atuação de Vossa Excelência.

Invariavelmente, Vossa Excelência tem trabalhado no sentido da paz e da negociação dos problemas que preocupam a humanidade. E esse comportamento tem redobrada importância não apenas em razão do peso e da influência de seu país, mas também porque a conjun-

tura mundial é de crise política e econômica. O fato de que o Chanceler Federal persiste em seus esforços — e com isso obtém resultados significativos — é um dado positivo e que contribui para gerar renovada confiança internacional.

Graças ao seu amável convite, venho, também, retribuir-lhe a visita que nos fez, em abril de 1979. Recordo-me com satisfação de que Vossa Excelência foi o primeiro Chefe de Governo a estar oficialmente no Brasil, após minha investidura na Chefia do Executivo.

Recordo-me, ainda, de que, naquela oportunidade, mantivemos amplas conversações sobre temas de interesse comum e que Vossa Excelência pôde entrar em contato direto com variados setores da sociedade brasileira, o que certamente contribuiu para aumentar o conhecimento e a compreensão entre brasileiros e alemães.

Senhor Chanceler Federal,

Desde que nos encontramos, o panorama mundial sofreu transformações de grande alcance. Parecem ter recobrado ímpeto as tendências de dividir a realidade internacional em compartimentos mais ou menos estanques. E, no entanto, a conjuntura é hoje mais fluida e complexa do que nunca.

Não encontram aplicação automática fórmulas rígidas e abrangentes. Falharam as tentativas unilaterais de ordenamento internacional através da simples utilização do poder. É, pois, urgente encontrar novas soluções, novos caminhos, cuja legitimidade provenha de uma taxa maior de consenso internacional.

A preservação e o fortalecimento da paz requerem diálogo sereno e construtivo. É preciso não só que se alcance um equilíbrio internacional, mas que esse

equilíbrio se estabeleça nas condições máximas de segurança global, o que equivale a dizer com base em medidas concretas de desarmamento.

Tal diálogo exige níveis de maturidade em todos os que dele mais diretamente participam. Sabemos que a exacerbação das preocupações defensivas gera, com frequência, situações que apenas comprometem ainda mais a segurança. Não se deve esperar por circunstâncias ideais para que se produza o diálogo. O momento requer realismo e coragem de trabalhar criticamente na direção do futuro.

O Brasil espera que as atuais tensões Leste-Oeste possam ser efetivamente contidas. Desejamos que as crises venham a ser tratadas em seus âmbitos específicos, antes que se propaguem. Desejamos que a Europa Ocidental, e especialmente a República Federal, façam valer sua experiência de negociação para facilitar a interação política, no plano internacional.

Também no campo do desenvolvimento econômico é necessário que doseemos as atitudes políticas a partir de uma perspectiva global, objetiva e racional. Os fatos do cotidiano exigem que nos dediquemos, prioritariamente, à resolução dos problemas internacionais de maior transcendência que afetam os povos e as nações.

Refiro-me aos desequilíbrios sociais e econômicos, estruturalmente gerados e que ameaçam crescer ainda mais. Refiro-me, ainda, aos desequilíbrios conjunturais, sobretudo nos campos comercial, financeiro e energético, que constituem poderoso obstáculo à luta legítima pelo desenvolvimento harmônico dos membros da comunidade internacional.

A falharem os esforços em prol de uma ordem internacional mais justa, as desconfianças e os ressentimentos

mentos se acentuarão; tenderá a deteriorar-se o clima internacional. O preço da omissão é, portanto, excessivamente alto.

É preciso que, em seu diálogo, os países do Norte como os do Sul partam da consciência e do reconhecimento de seus interesses mútuos. Dessa consciência nascerá uma renovada vontade política, sem a qual a cooperação entre Norte e Sul estaria fadada ao malogro.

E, nessa empreitada, esperamos o concurso ativo de todas as nações, sobretudo de nossos companheiros na luta pelo desenvolvimento, mas também, e necessariamente, das nações industrializadas.

Nesse espírito, participa o Brasil do esforço para o pronto lançamento das negociações globais multilaterais, e com esse ânimo estarei preparado para reunir-me com os Chefes de Estado ou de Governo de países do Norte e do Sul, em outubro próximo, no México. Penso que é dever de todas as nações acrescentar, na medida de suas respectivas capacidades, aos esforços em prol da paz e do progresso.

A interligação econômica do mundo moderno é fato incontestado e afeta o Norte, assim como o Sul. No plano político, porém, revela-se tênue a consciência da real interdependência nas nações, e por isso mesmo está o processo decisório internacional tão viciado.

É preciso, a todo momento, resguardar-se dos elementos que se interpõem à avaliação clara da conjuntura e de situações específicas. Há que repudiar os rótulos que violam as personalidades nacionais e as dinâmicas regionais, assim como os conceitos rígidos e fórmulas simplistas. Devem, também, ser afastados os diagnósti-

cos que ignoram as raízes reais das questões. Não há porque reduzir o processo político a opções entre atitudes conformistas e medidas traumáticas.

A realidade é mais rica do que isso. Vivemos, hoje, situações críticas em diferentes partes do mundo: aqui mesmo na Europa; na Ásia; no Oriente Médio; na África Meridional; na América Latina. Cada uma dessas situações depende de tratamento específico, atento para as verdadeiras raízes dos problemas e que afaste temores exagerados e silogismos enganadores.

As crises são também sintomas de transformação, de correção de abusos, de superação de injustiças históricas. Por isso, requerem compreensão e serenidade, mais do que o choque e a confrontação. Sua especificidade deve ser respeitada para que venham a ser enfrentadas com êxito pela comunidade internacional.

A estagnação ou o retrocesso não representariam soluções viáveis, num mundo em mudança.

Senhor Chanceler Federal,

A atitude internacional do Brasil é fruto de nosso modo de ser e de pensar. Espelha o caráter e os valores do país e, por isso, exclui delegações ou mandatos.

O Brasil é, também, um país do Terceiro Mundo. A realidade dos fatos o comprova. Buscamos padrões de relacionamento internacional que respeitem as individualidades nacionais, permitam a participação equitativa de todos os Estados nos processos decisórios internacionais e assegurem a todos os povos o direito a sua plena realização, na comunidade das nações.

Se não dispomos de soluções prontas, nem acreditamos em conselhos ou interferências, temos fé na prática da boa convivência universal e na cooperação igualitá-

ria. Acreditamos no direito de cada país de escolher seu próprio caminho. Condenamos a transferência de tensões globais para o plano regional, assim como repudiamos a exacerbação das ideologias transnacionais.

Senhor Chanceler Federal,

Em todos os campos do relacionamento bilateral, frutificam iniciativas que dão corpo e substância a nossa vontade comum de cooperar.

Na área comercial e financeira, a República Federal da Alemanha é o nosso principal parceiro nas Comunidades Econômicas Europeias e o segundo em escala mundial. No ano passado, o intercâmbio comercial já beirava 3 bilhões de dólares.

Nossos países dispõem de amplo acervo de acordos e mecanismos para impulsionar o relacionamento bilateral. São valiosos os trabalhos das Comissões Mistas de Cooperação Econômica e de Ciência e Tecnologia, que se vêm reunindo com regularidade. O Acordo sobre Cooperação Nuclear para Fins Pacíficos, que existe entre nós, é exemplo do que temos feito e do que podemos fazer. O Governo brasileiro mantém e manterá plenamente os seus compromissos, na certeza de que aquele instrumento corresponde, de forma equilibrada, aos interesses de nossos dois países.

Senhor Chanceler Federal,

Minha presença na República Federal da Alemanha exprime o interesse do Brasil em dar prosseguimento, no plano político, ao diálogo, ágil e dinâmico, que se vem desenvolvendo entre nossos países nos últimos anos. Diálogo que nos é imposto por nossas posições nos respectivos cenários regionais e diante dos problemas que afligem o mundo.

Possam as relações entre o Brasil e a República Federal da Alemanha continuar a trilhar o caminho do progresso e do objetivo comum, que é o bem-estar dos nossos povos.

Convido os presentes a me acompanharem num brinde pela prosperidade da República Federal da Alemanha, pelo incessante aprimoramento de suas relações com o Brasil e pela saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Schmidt.

1	1	1
2	2	2
3	3	3
4	4	4
5	5	5
6	6	6
7	7	7
8	8	8
9	9	9
10	10	10
11	11	11
12	12	12
13	13	13
14	14	14
15	15	15
16	16	16
17	17	17
18	18	18
19	19	19
20	20	20
21	21	21
22	22	22
23	23	23
24	24	24
25	25	25
26	26	26
27	27	27
28	28	28
29	29	29
30	30	30
31	31	31
32	32	32
33	33	33
34	34	34
35	35	35
36	36	36
37	37	37
38	38	38
39	39	39
40	40	40
41	41	41
42	42	42
43	43	43
44	44	44
45	45	45
46	46	46
47	47	47
48	48	48
49	49	49
50	50	50
51	51	51
52	52	52
53	53	53
54	54	54
55	55	55
56	56	56
57	57	57
58	58	58
59	59	59
60	60	60
61	61	61
62	62	62
63	63	63
64	64	64
65	65	65
66	66	66
67	67	67
68	68	68
69	69	69
70	70	70
71	71	71
72	72	72
73	73	73
74	74	74
75	75	75
76	76	76
77	77	77
78	78	78
79	79	79
80	80	80
81	81	81
82	82	82
83	83	83
84	84	84
85	85	85
86	86	86
87	87	87
88	88	88
89	89	89
90	90	90
91	91	91
92	92	92
93	93	93
94	94	94
95	95	95
96	96	96
97	97	97
98	98	98
99	99	99
100	100	100

26 DE MAIO
HOTEL PROVINCIAL DE TURISMO
PASSO DE LOS LIBRES — ARGENTINA
DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMO-
ÇO OFERECIDO PELO PRESIDENTE
DA NAÇÃO ARGENTINA, SENHOR
ROBERTO EDUARDO VIOLA

Excelentíssimo Senhor Presidente da Nação Argentina,
Roberto Eduardo Viola:

Muito agradeço a Vossa Excelência as palavras de saudação e a hospitalidade que nos brinda a mim e à minha comitiva.

É com viva emoção e alegria que me encontro mais uma vez em terra argentina e que saúdo, em sua pessoa, Senhor Presidente, as tradições e os anseios de seu povo.

Em maio de 1980, visitei este grande país e, três meses depois, recebi, no Brasil, o Presidente Jorge Rafael Videla. Esses encontros propiciaram a ampliação dos laços de leal amizade e cooperação que caracterizam a convivência entre argentinos e brasileiros.

Não ressaltarei quaisquer aspectos específicos da cooperação dinâmica, ora em curso. São bem conhecidos. O essencial é acentuar que não constituem fatos

ocasionais, mas são parte, e diria parte ainda preliminar, de um processo de entendimento e cooperação maduro, que tem a vocação da permanência e da grandeza.

Senhor Presidente,

Não menos importante é a consciência de que a colaboração entre o Brasil e a Argentina tem reflexos positivos para a tranqüilidade e o progresso de nossa região. Entendemos, com efeito, que a conjugação de nossos interesses e potencialidades deve necessariamente favorecer o esforço mais abrangente da integração e da unidade latino-americana.

A América Latina tem contribuição específica e original a prestar ao processo de aperfeiçoamento da convivência internacional. Valores comuns e interesse convergentes aproximam os países latino-americanos e nos permitirão agir solidariamente e com perfil próprio no cenário mundial.

É, portanto, indispensável manter um diálogo latino-americano intenso, produtivo e igualitário. Não se trata, obviamente, de propiciar eixos ou blocos. Ou de tentar estabelecer, a nível regional, hierarquias ou interlocutores privilegiados para fazer ouvir a vontade latino-americana. Pelo contrário, trata-se de reforçar ao máximo nossa vocação ineludível para o entendimento descontraido entre iguais.

Senhor Presidente,

A circunstância de ser este o primeiro encontro oficial que Vossa Excelência mantém com um Chefe de Estado de país amigo bem demonstra a importância de nossas relações bilaterais.

É significativo tenhamos realizado esta entrevista em Paso de Los Libres e Uruguaiana. Nossas regiões fronteiriças, tão semelhantes aqui por seus costumes e tradições, são o símbolo de nossos laços fraternos. Sobre este Rio Uruguai, que nos une, breve veremos lançados novos exemplos de cooperação e de trabalho conjugado.

É expressivo, sobretudo, que nos encontremos tão próximos à terra natal do Libertador General San Martín, cuja visão de estadista nos estimula a novos passos no caminho do entendimento.

Neste espírito, convido todos os presentes a brindarem comigo à ventura pessoal de Vossa Excelência, Senhor Presidente Roberto Viola, à felicidade crescente do povo irmão da Argentina e ao fortalecimento da amizade entre nossos dois países.

31 DE MAIO
PARQUE DAS EXPOSIÇÕES —
ANHEMBI — SÃO PAULO — SÃO PAULO

DISCURSO DURANTE SESSÃO SOLENE
DE ABERTURA DA 72ª CONVENÇÃO
DO ROTARY INTERNACIONAL

Meus Caros Rotarianos,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Aceitei com grande satisfação o honroso convite que me foi dirigido para presidir a esta Sessão Solene de Abertura da Septuagésima Segunda Convenção do Rotary Internacional.

Antes de mais nada, desejo saudar os milhares de convencionais aqui reunidos e apresentar cordiais boas-vindas aos rotarianos estrangeiros que nos distinguem com sua presença neste País onde se comemora, a 23 de fevereiro, o Dia Nacional do Rotary.

É desvanecedor para nós que, entre tantos países possuidores de Rotary Clubs, tenham os responsáveis pelo organismo internacional escolhido novamente o Brasil para servir de sede à sua Convenção anual, o que ocorreu pela primeira vez em 1948, sendo o Rio de Janeiro, então, a cidade anfitriã.

Creio que o Brasil constitui excelente pano de fundo para a Convenção de uma entidade como o Rotary International, cujos elevados propósitos encontram eco na nossa tradição de boa convivência no plano internacional — um dos traços básicos da grande nação que estamos empenhados em construir.

O reverso da medalha é que nos torna apreensivos, pois como País em desenvolvimento sabemos o quanto é difícil vencer as barreiras que se levantam à nossa ascensão num mundo de posições estratificadas: a das sociedades abastadas em confronto com a dos insatisfeitos com o papel subalterno à que circunstâncias históricas nada inelutáveis os vêm injustamente relegando no concerto das nações.

Como nação preocupada em melhorar a qualidade de vida do seu povo, o Brasil, em particular, só terá a lucrar com a supressão do tratamento discriminatório que o mundo desenvolvido continua dispensado, sob tantos aspectos, aos países em luta pela conquista de um lugar ao sol.

Mais do que nunca, o ideal comunitário e a promoção do entendimento, da boa vontade e de paz nas relações entre os indivíduos e os povos, consubstanciado nos objetivos da entidade, é requisito essencial à solução dos graves problemas que entravam a caminhada do Homem em direção ao anseio de confraternização universal, à margem das diferenças de raça, credo político, religião ou nacionalidade.

O trabalho perseverante e a pregação ininterrupta, características do Rotary International, poderão lograr êxito na tentativa de fazer com que o progresso moral e espiritual da Humanidade alcance ou mesmo supere o nível do seu progresso material.

A solidariedade entre os homens pregada — mais do que isso, praticada — pelos rotarianos faz deles valiosos auxiliares nossos na porfia em prol do desenvolvimento material e moral da sociedade em que vivemos.

Seu exemplo de espírito cristão é inspirador e aumenta a nossa confiança no potencial de amor e bondade latente em cada ser humano, à espera apenas da centelha que o faça despertar e frutificar.

Por tudo isso, ressalto a importância do conclave que ora se inicia.

Esperando que seus resultados sejam profícuos, formulo votos pela felicidade pessoal dos rotarianos integrantes da Septuagésima Segunda Convenção Anual do Rotary International.

Muito obrigado.

1 []

2 []

3 []

4 []

5 []

6 []

7 []

8 []

9 []

10 []

11 []

12 []

13 []

14 []

15 []

16 []

10 DE JUNHO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER O MINISTRO DA EDUCAÇÃO, RUBEM LUDWIG, ACOMPANHADO DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA DOS ESTADOS

Senhor Ministro Rubem Ludwig,
Senhor Secretário Orlando Cavalcanti,
Senhores Secretários,
Senhores Membros do Conselho de Cultura:

Eu agradeço, sensibilizado, a presença dos Senhores aqui, na minha casa de trabalho, deferência especial para comigo. Vejo nesse gesto uma demonstração de que os senhores ainda têm fé de que eu, de fato, estou me empenhando por aquelas promessas que fiz quando ainda candidato, e nas quais eu dava prioridade ao setor educacional. Tenho acompanhado de perto e incentivado o trabalho que o Ministro Rubem Ludwig vem iniciando no Ministério da Educação. E sei bem das dificuldades que ele tem encontrado. Dificuldade de reestruturação, dificuldade de mentalidade e, principalmente, dificuldade de recursos. Disse o senhor Secretário — e

pediu permissão aos companheiros para dizer — que encontrava um lugar comum entre os Secretários, na sua paciência e também na sua determinação em trabalhar pelo setor educacional.

Eu posso garantir aos Senhores Secretários que eu me incluo, também, nesse lugar comum de muito mais paciente e talvez igual determinação em buscar meios e modos para que o setor social, de fato, tenha o ritmo que há de desejar para o desenvolvimento do país. Sei bem que não é fácil, porque isso implica em recursos. E como disse o senhor Orlando Cordeiro, os recursos são escassos. Mas, a esses não cabe ao Ministro Ludwig buscá-los. Cabe a ele, como tem feito (e continuamente), vir a mim solicitá-los. Se ainda os recursos não foram postos à disposição do setor, a culpa é somente minha. Mas a minha determinação é tão intensa quanto a dos Senhores e eu hei de encontrá-los.

Muito obrigado.

17 DE JUNHO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO AO RECEBER O EMBAIXADOR DO JAPÃO, SENHOR NOBUO OKUCHI, ACOMPANHADO DO PROFESSOR KAZUNOBU GOTO, DO DEPUTADO FEDERAL DIOGO NOMURA E MEMBROS DA MISSÃO DE BOA VONTADE DO JAPÃO

Meus Senhores:

Eu fico sobremaneira honrado com essa deferência que os Senhores acabam de proporcionar ao povo brasileiro, através do seu Governo, com a entrega deste belíssimo trabalho artístico. E, ainda emocionado também com a mensagem que acabo de receber dos Membros do Parlamento japonês, tendo à frente Zemko Suzuki — Primeiro-Ministro — e mais essas outras mensagens que dizem bem na oportunidade do aniversário da imigração japonesa para o Brasil e o que representam os vínculos de amizade que há entre o povo brasileiro e o povo japonês.

Devo confessar aos Senhores que as relações entre o Brasil e o Japão são tão estreitas que já é possível fazermos em algumas regiões do nosso País o entrelaçamento perfeito entre os homens filhos de imigrantes japoneses

com os brasileiros e os brasileiros da terra. Já temos aqui entre nós o Deputado Diogo Nomura como representante do sangue japonês no nosso Parlamento e com ele muitos outros. Os Senhores podem ter a certeza de que o esforço, a inteligência e a técnica do imigrante japonês tem dado ao desenvolvimento de meu País, tem sido festejado por todos os brasileiros, em particular neste momento agora que nós festejamos a vinda dos primeiros japoneses para esta terra. Os Senhores podem ter certeza de que nós estamos conscientes de que os japoneses, aqui no Brasil, sentem-se em sua casa.

Muito obrigado.

24 DE JUNHO
AEROPORTO INTERNACIONAL
LIMA — PERU

DISCURSO AO DESEMBARCAR NO PE-
RU

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Peru,
Balaúnde Terry:

Traz-me especial alegria ser o primeiro Chefe de Estado brasileiro a visitar a cidade de Lima.

Minha presença reflete os históricos laços de fraterna amizade que ligam Brasil e Peru.

Compartilhamos quase três mil quilômetros de fronteira que nos une em nossa forte vocação amazônica.

No passado comum, abraçamos os ideais de liberdade, progresso e justiça que inspiram a comunidade latino-americana.

No presente, vivemos, peruanos e brasileiros, momentos de renovação em todos os domínios. Avançamos na institucionalização da democracia, no revigoramento dos mecanismos de representação, esforço pelo desen-

volvimento econômico e social. Estamos vinculados pela vontade comum de aperfeiçoar as instituições democráticas de nossas nações.

Nossos passos, sei, são seguros. Dos trabalhos de hoje, poderemos obter soluções para vencer os desafios à nossa frente.

O quadro internacional é particularmente difícil para as nações em desenvolvimento. As crises conjunturais funcionam como pretexto, pobre aliás, para que se adie tratamento sério e definitivo de questões estruturais que afligem a maior parcela da Humanidade.

Para superação dessas questões, é fundamental que os países industrializados se comprometam a cooperar efetivamente para a organização de uma ordem econômica internacional mais justa e mais eqüitativa. Não pedimos generosidade. Compreendemos que haverá progresso se houver um encontro de interesses marcado pela dimensão ética. A correção das desigualdades de riqueza entre os países do Norte, e do Sul e necessidade para a paz internacional, é imposição de objetivos éticos mínimos e virá beneficiar o sistema econômico mundial.

Assim, devemos unir esforços em prol da paz e do bem-estar na América Latina.

Devemos manter acesos os nossos ideais de unidade e de integração, devemos buscar ao mesmo tempo intensificar as nossas relações bilaterais para torná-las mais ricas e diversificadas. Devemos tornar nossos encontros, em todos os níveis, verdadeiramente parte do cotidiano da vida latino-americana.

Com esse ânimo, saúdo cordialmente Vossa Excelência, sua Excelentíssima esposa e a nobre gente peruana.

Ao iniciar minha visita oficial, desejo expressar, em nome de todos os brasileiros, o nosso apreço, admiração e respeito por seu grande país.

O Peru é berço de algumas das mais antigas e grandiosas civilizações sul-americanas. A cada passo, encontramos neste país, testemunhos impressionantes desse glorioso passado.

O Peru de hoje é digno herdeiro desse legado, através das magníficas realizações de seus filhos no domínio da cultura e as artes, do direito e das ciências sociais. E esse legado continua, como força viva, a inspirar as profundas transformações renovadoras de sua sociedade para a criação do desenvolvimento e bem-estar da nação peruana.

Agradeço a Vossa Excelência o convite que me dirigiu e reitero nosso reconhecimento pelo muito que tem realizado em favor da amizade entre o Peru e o Brasil.

24 DE JUNHO
SALÃO DE BANQUETES DO PALÁCIO
DO GOVERNO
LIMA — PERU

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA DO PERU, SENHOR BE-
LAÜNDE TERRY

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
do Peru, Belaúnde Terry:

Com especial satisfação, mais uma vez agradeço a Vossa Excelência o honroso convite que me proporciona visitar oficialmente a nação peruana. Agradeço, igualmente, as palavras que Vossa Excelência acaba de proferir que atribuo à sua constante amizade e simpatia pelo povo do Brasil.

Embora seja esta a primeira ocasião em que um Chefe de Estado brasileiro se desloca até a cidade de Lima, este é um encontro de velhos amigos.

Trago notícias de um Brasil que se transforma, de uma gente determinada a encontrar formas para superar os seus problemas.

Nosso diálogo é fácil, pois também o povo peruano se acha engajado na construção de uma sociedade nova.

Brasil e Peru vivem um momento de renovação nacional. Buscamos a efetiva participação política de segmentos cada vez mais amplos da sociedade.

O Brasil e o Peru seguem, com ritmos próprios, na mesma direção. Almejamos implantar formas autênticas de convivência democrática, nascidas de experiências nacionais.

Devemos estar preparados para transpor os obstáculos que irão surgir nessa caminhada para a democracia. A solução desses problemas estará na solidez do consenso autêntico. Nossa vocação democrática valoriza as concepções políticas fundadas no diálogo.

Os governos do Brasil e do Peru se acham empenhados em demonstrar que a ação política serena, dentro da legalidade, é a forma mais eficaz de desencorajar os extremismos. É o melhor modo de criar condições para que o jogo democrático, o pluralismo partidário e a discussão aberta sejam elementos normais da vida dos dois países.

No plano internacional, percebemos com preocupação a utilização da violência, quer como escudo para a defesa da ordem estabelecida, quer para forçar a sua transformação.

Evidentemente, o confronto entre a legalidade e a violência, entre o diálogo e a intolerância, entre a participação e a exclusão não se restringe aos nossos dois países, nem à América Latina. A verificação da universalidade desse fenômeno torna descabido o tratamento uniforme para questões que parecem ter causas diversas.

Torna-se, porém, dispensável a mobilização das consciências contra a aceitação da violência entre as na-

ções, quaisquer que sejam as suas origens ou motivações. Não há fins que a justifiquem; Não se pode ser injusto na luta pela justiça.

Senhor Presidente,

Os esforços democráticos em que se encontram engajados o Peru e o Brasil não se esgotam na dimensão política, por indispensável que esta seja. Buscam a renovação de toda a sociedade. É essencial que as energias populares possam ser libertadas e mobilizadas através da perspectiva de acesso de todos os cidadãos aos bens materiais e espirituais da existência.

Essas transformações devem verificar-se num quadro de dinamismo e não de estagnação. Os inestimáveis recursos humanos da inteligência e a capacidade de trabalho da nossa gente devem ser ao máximo empregados no aproveitamento do nosso grande potencial de recursos naturais.

Nesse empenho de desenvolvimento se encontra mais uma coincidência entre o Peru e o Brasil. Da cooperação bilateral poderemos extrair impulso adicional para a realização dos nossos ideais.

Senhor Presidente,

O Brasil espera muito da contribuição pessoal de Vossa Excelência para a renovação dos históricos laços de fraterna amizade que unem os nossos países.

Vemos, na personalidade de Vossa Excelência, o resultado harmonioso de dois aspectos complementares: o estadista voltado para as reformas estruturais e o homem objetivo, apaixonado por grandes projetos, pelos empreendimentos de expressão maior.

Ao promover a abertura de estradas e a colonização da Região Amazônica Peruana, Vossa Excelência adota linha de ação semelhante àquela que seguimos no Brasil. Entre nós, A integração da Amazônia é também prioritária. Essa mesma Amazônia que o ilustre jurista e diplomata peruano Alberto Ulloa chamou de «Eixo de Convivência Brasileiro-Peruana, região na qual as nossas pátrias dão as mãos».

A Região Amazônica é justamente uma das vertentes internacionais do Peru. Dela, fez o Peru o cenário por excelência de sua amizade com o Brasil. A Amazônia é um desafio comum a ser vencido, não apenas pelos dois, mas também pelas demais nações da Região. Dessa profunda consciência surgiu a decisão de negociar e assinar o Tratado de Cooperação Amazônica.

Já havia, porém, importante presença humana em nossas respectivas regiões amazônicas, simbolizada pelos grandes centros urbanos como Belém, Manaus, Iquitos e Pucallpa. Em 1976, criamos a Sub-Comissão Brasileiro-peruana para a Amazônia. Era o prenúncio de uma ajuda mútua cada vez mais efetiva. Caberá agora imprimir novo vigor à cooperação bilateral e unir esforços em todos os setores em que a Amazônia requer soluções.

Devemos criar alternativas no comércio, na cultura, na ciência e na tecnologia. Urge montar uma infraestrutura de transportes e comunicações, bem como conceber fórmulas próprias para o aproveitamento dos recursos naturais existentes na região.

Outras vocações internacionais do Peru seriam a Região Andina e o Pacífico. Essa inclinação natural traduziu-se pela ação pioneira na transformação do Di-

reito do Mar, com a tese da ampliação para 200 milhas da soberania exclusiva do estado sobre suas águas territoriais. Esta idéia, sob formas às vezes distintas, ganhou adeptos e serve hoje de base para as negociações nas Nações Unidas.

Já na vertente andina, o Peru desempenhou papel fundamental na consecução do projeto de integração, que viria culminar com o Pacto Andino. Notável também é a contribuição peruana ao esforço de aproximação entre o Brasil e o Grupo Andino.

A Ata de Brasília, firmada por ocasião do encontro presidencial de 1979, levou ao estabelecimento de consultas freqüentes entre as nações andinas e o Brasil, ao encontro de Chanceleres, em janeiro do ano passado, nesta Cidade, e à criação de mecanismos regulares de contato político.

Ao longo dos séculos, os laços que nos uniam às metrópoles obrigavam-nos a darmos as costas uns aos outros. É preciso, agora, que nos olhemos de frente, como irmãos que devem aproximar-se. O encontro de que falo não é parte de uma agenda para o futuro. Nosso encontro está na ordem do dia.

Senhor Presidente,

Com esse firme propósito e convicção inabalável a respeito do futuro da amizade peruano-brasileira, convido os presentes a me acompanharem no brinde que levanto pela crescente prosperidade, harmonia e bem-estar do povo irmão do Peru e pelo constante êxito e plena felicidade pessoal o Excelentíssimo Senhor Presidente e Senhora de Belaúnde.

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

25 DE JUNHO
PALÁCIO MUNICIPAL
LIMA — PERU
DISCURSO AO RECEBER A DISTIN-
ÇÃO DE HÓSPEDE DE HONRA DA CI-
DADE

Minhas Senhoras, meus Senhores:

É com especial agrado que recebo a distinção de Hóspede desta Cidade de Lima, berço de heróis e de Santos, batizada na sua fundação com «la muy noble, muy insigne y muy leal ciudad de los reyes del Peru».

Ao receber a mim e a minha comitiva, Vossas Excelências prestam expressiva homenagem ao Brasil e ao povo brasileiro. Seu gesto testemunha significativamente, a acolhida espontânea que nos foi dada nesta Cidade, de tanta significação em nosso Continente. A população limenha e a seus ilustres representantes trago a saudação de todos os brasileiros.

Sou-lhe muito grato, Doutor Eduardo Orrego, pelas generosas palavras com que me recebeu. Com emoção recebo as chaves desta Capital.

Fundada em 1535, Lima é uma das mais antigas cidades do Continente. Admiramos todos sua longa e rica

história, orgulho para o Peru e para toda a América Latina. E, nesta História esteve sempre presente o Cabildo, o Conselho desta Cidade. Pizarro, ao apontar com gesto histórico o lugar dos primeiros prédios da Cidade, colocou o palácio do Governador, a Catedral e o Cabildo, franqueando a praça principal. Evocou, assim, para orientar o destino da Cidade que se fundava, Deus, o Rei e o Povo. No próprio ato de sua fundação já encontramos, portanto, o Cabildo. A representação legítima dos cidadãos.

A ação do Cabildo de Lima foi fundamental na proclamação da independência do país. O atual Conselho Provincial de Lima continua e prolonga o fio de sua tradição como um dos principais protagonistas da vida da Cidade.

Tradição de luta pela liberdade e pela justiça que, em nossos dias, adquire importância renovada diante dos graves problemas decorrentes do desenvolvimento econômico do aparecimento das grandes concentrações urbanas. Estes problemas decorrem, é certo, do crescimento e do progresso.

Por isso mesmo, exigem dedicação e coragem por parte de todos os cidadãos e, especialmente, do Conselho Provincial.

Neste esforço, as grandes cidades brasileiras surgem como irmãs de Lima e estou seguro de que a magnitude do desafio que lhes é lançado servirá tão somente para provocar respostas, soluções originais e criativas por parte de nossos povos.

Sei que este desafio não admite soluções simples. Na verdade, o drama urbano não é mais do que um sinal da própria condição de país em desenvolvimento.

Não pode, portanto, ser tratado sem compreensões globais do processo econômico, social, e mesmo da própria dinâmica política.

A capacidade de entender o sentido profundo dos problemas sociais, nasce também do diálogo político. Se, na área urbana, o nosso desafio é grande, não menor é nossa vontade de superá-lo. O aperfeiçoamento da democracia é passo indispensável para que a solução seja perfeita e adequada aos nossos povos.

Nossas grandes cidades são mais um elo que nos aproxima e estimula a compreensão e o entendimento entre os dois países. Elo que quero realçar, muito especialmente, nesta ocasião em que sou recebido como hóspede de honra de Lima.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

25 DE JUNHO
HACIENDA VILLA
LIMA — PERU

IMPROVISO POR OCASIÃO DO ALMO-
ÇO OFERECIDO PELO MINISTRO DAS
RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚ-
BLICA DO PERU, SENHOR ARIAS
STELLA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Perú,
Belaúnde Terry,

Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores,
Arias Stella,

Senhores Ministros,

Meus Senhores:

Seria difícil, para mim, poder expressar, em toda sua plenitude, a gentileza com que o Governo da República do Peru, com que o povo peruano, com que os Senhores Ministros de Estado receberam a mim e a minha comitiva.

Confesso que, ao partir do Brasil para esta visita, eu vinha preparado para ser aqui acolhido nesta grandiosa terra, pela reconhecida cordialidade do povo peruano. Mas tudo excedeu às minhas expectativas, desde os primeiros momentos em que pisei em terra peruana, não apenas pelo ajuntamento do povo, mas, principal-

mente, pelas fisionomias que me olhavam com carinho e que denotavam satisfação com a minha presença e a dos meus patricios.

Tantas gentilezas foram se acumulando nesses dois dias, e ainda mais essa deferência do Senhor Ministro Árias Stella em aqui me receber e devo confessar que lamento não poder voltar ao Brasil, dizendo tudo o que sinto, porque é difícil fazê-lo com palavras e lamento também, não poder trazer, alguns milhões de brasileiros, para ver de perto o que é esta terra.

Esta acolhida, Senhor Ministro — em local tão bem escolhido por Vossa Excelência — tão bem escolhido que me pareceu aqui em baixo uma parte do Brasil, tal o sol e o calor que aqui encontro, e ali na minha frente o perfil da Cordilheira, como que para me dizer que existe também um pouco do Brasil aqui no Peru. Esta acolhida Senhor Ministro, que me proporcionou escutar um pouco da alma do povo peruano, através de suas belas canções, e sentir como a gente peruana ama esta terra e sente a sua pátria.

Esta acolhida Senhor Ministro, que me proporcionou ver um pouco do que eu gosto, ver cavaleiros, ver gente do campo, e ainda que me proporciona levar à minha Pátria um cavalo peruano, que eu tenho plena certeza que com a elegância do seu passo, cada vez que eu o montar, vai me transmitir um pouco da cadência dessa beleza dessa terra que acabo de visitar.

Eu penso Senhor Ministro, que jamais esquecerei os dias que aqui passei. E vou fazer questão de pedir aos meus patricios que venham aqui. Que venham aqui estreitar as suas mãos à dos seus amigos peruanos e que possam eles, abraçados, dar um exemplo a todo mundo

de como é possível dois povos, tão separados pela distância, serem tão amigos e tão coincidentes em seus ideais.

Espero Senhor Presidente, que das nossas conversas, das nossas trocas de impressões, das nossas afirmações feitas tão honestamente e de coração aberto, possa resultar algo de proveitoso para nossas pátrias e que possamos também reservar uma grande parte, para fazermos, juntos, um pouco pelos demais irmãos sul-americanos.

Muito obrigado.

10

11

12

1	2
3	4
5	6
7	8
9	10
11	12
13	14
15	16
17	18
19	20
21	22
23	24
25	26
27	28
29	30
31	32
33	34
35	36
37	38
39	40
41	42
43	44
45	46
47	48
49	50
51	52
53	54
55	56
57	58
59	60
61	62
63	64
65	66
67	68
69	70
71	72
73	74
75	76
77	78
79	80
81	82
83	84
85	86
87	88
89	90
91	92
93	94
95	96
97	98
99	100

26 DE JUNHO
SALÃO DA PAZ
PALÁCIO DO GOVERNO
LIMA — PERU
DISCURSO DURANTE ASSINATURA
DE ATOS INTERNACIONAIS E
DECLARAÇÃO CONJUNTA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
do Peru, Belaúnde Terry:

Não tarda a hora da partida. Desejo, neste momento, reiterar a Vossa Excelência nosso agradecimento pela fraterna hospitalidade que com nos acolheram as autoridades e o povo peruanos.

Sentimo-nos entre irmãos. e isto não é retórica. Expressa o laço sólido dos que estão engajados nos ideais de democracia, justiça social e paz; o laço que une os que compartilham tantos sentimentos; tantas tradições, tantos objetivos; o laço dos que viveram história comum e aprenderam, juntos, algumas das compreensões básicas do mundo.

Peruanos e brasileiros somos irmãos porque estamos vinculados pela força de uma experiência haurida na história, aprendida com nossos povos, trabalhada com as idéias.

Ambos os países afirmamos o objetivo de desenvolvimento e de convivência democrática.

No Brasil, o projeto democrático é forte e tem bases coesas — porque é de todo o povo — e porque a ele se dedica, sem interrupção, o meu Governo.

Democracia é, no cotidiano, a prática do diálogo, da tolerância política. Os argumentos na democracia são a persuasão e o convencimento.

Ser democrata é estar disposto a aceitar a nação em sua inteireza, com o fardo da luta pelo desenvolvimento e pela justiça social. O exercício da democracia não se faz com privilégios ou com argumentos de autoridade, mas com os caminhos da igualdade e da participação.

O exercício democrático é uma busca de soluções verdadeiras a partir da melhor e mais adequada base de consenso. É a negociação política com fundamentos sólidos na representatividade.

Senhor Presidente,

O momento internacional está marcado pelo conflito e pela tensão. Não prevalecem as fórmulas viáveis de real cooperação internacional para o desenvolvimento.

Posso ser mais preciso. Para cada tensão, para cada conflito, existirão correspondentes caminhos negociadores. Para cada instância de dificuldade econômica, os países em desenvolvimento multiplicam propostas, até hoje, infelizmente, rejeitadas pelos países desenvolvidos. Não se deve, porém, abandonar a exploração dos caminhos de negociações, no âmbito bilateral como no multilateral.

A dissonância entre projetos e soluções tem nítidas raízes estruturais. No plano da política, a tendência que

prevalece é a de reduzir situações regionais complexas, de história intricada, a versões simplificadoras, inseridas no quadro geral de confrontação Leste-Oeste.

Há conseqüências sérias desta atitude para nós, países em desenvolvimento. As disputas se exacerbam; as questões regionais passam a ter componentes estratégicos como aditivo e pano de fundo que as polarizam e dificultam sua resolução.

Nós, países em desenvolvimento, somos plenamente responsáveis pelo nosso destino. Queremos construir um ambiente internacional propício à paz e adequado às necessidades de desenvolvimento. Assim, devemos reafirmar que as dificuldades e contradições entre nós devem ser resolvidas por nossos meios, os quais devem necessariamente ser pacíficos.

Poderia falar, ainda, da violência de intervenções que não trazem a desculpa de conflitos internacionais mas, sim, pretextos unilaterais de segurança ou de expansão ideológica. E, aqui, nem a condenação mais veemente da comunidade internacional e do próprio Terceiro Mundo tem demovido as superpotências, nem as tem levado ao caminho da conciliação.

Neste quadro, duas preocupações me tocam, e gostaria de compartilhá-las fraternalmente com os peruanos.

Preocupa-me, antes de mais nada, o nosso papel. Que ações podemos, nós, latino-americanos, adotar no contexto internacional? O que fazer num mundo regido pelas hierarquias de poder?

Devemos agir com consciência de nossos limites, mas sem hesitações sobre nossas possibilidades concretas e crescentes de contribuir para a boa convivência internacional.

Antes de mais nada, devemos reforçar exemplarmente nossos laços latino-americanos. Temos um cabedal de princípios de convivência extremamente importante; desenvolvemos a ordenação jurídica do relacionamento intra-regional, e já não há dúvidas, entre nós, sobre a força dos princípios da autodeterminação, da não-intervenção, da solução pacífica de controvérsias.

De outro lado, fundamos a nossa convivência na efetiva igualdade e cooperação eqüitativa. Em nossa região, não cabem divisões, eixos, hegemonias pretendidas, disputas de poder, corridas armamentistas. Não é nossa tradição, nem será esse o nosso futuro: Não queremos implantar diferenças entre grandes e pequenos mas conviver como iguais.

Há dinamismo em nossas relações, há vontade de aproximação. Tenho a certeza de que usaremos imaginação na montagem de empreendimentos concretos que realmente nos aproximem. Muito já se fez, e está provado que a via da cooperação é larga e proveitosa.

Nossa convivência só nos traz dividendos. É preciso intensificá-la em todos os níveis, do contato presidencial aos modos cotidianos de trabalho diplomático, dos entendimentos oficiais aos arranjos entre empresários, das formas de intercâmbio artístico e cultural às articulações na área da ciência e da tecnologia.

Cada nação se engrandecerá com a afirmação de sua dimensão latino-americana; aperfeiçoará seu autocohecimento; e, saberemos apresentar de forma harmoniosa nossas propostas de paz e desenvolvimento nos foros internacionais com a força do exemplo de nosso próprio comportamento.

Senhor Presidente,

Numa conjuntura econômica internacional desalentadora, o desenvolvimento constitui um desafio crescente para nossos países. São inalienáveis e impostergáveis as aspirações de nossos povos por padrões dignos de vida, com habitação, saúde, alimentação e escola. Não se consolidará a democracia sem justiça social, sem condições plenas de participação para cada cidadão.

Há mais de duas décadas, a comunidade internacional dispõe de propostas para a implantação de uma nova ordem econômica. Esse objetivo não será alcançado por generosidade dos países desenvolvidos, mas, estou certo, opera também em seu interesse. O fortalecimento das posições econômicas dos países em desenvolvimento reverterá em benefício do sistema internacional com um todo, através de mais comércio, fluxos financeiros equilibrados, maior aquisição de tecnologia, novas linhas de especialização internacional, difusão mais completa da modernidade.

Os obstáculos, porém, ressurgem e se multiplicam.

Os passos atrás na Conferência do Mar, onde Brasil, Peru e outros países atuamos com perseverança e espírito construtivo em busca de fórmulas de equilíbrio e equidade, são um caso dramático e recente. Esperamos seja prontamente recomposto o clima que caracteriza as fases finais de negociação. Esperamos, sobretudo, que o atual desassossego não se difunda para as novas e importantíssimas etapas do diálogo Norte-Sul, que se abrem no segundo semestre deste ano.

Minhas palavras não abrigam intuítos de confrontação. Como o Peru, tem o Brasil praticado a diplomacia

temperada pela eqüidade. Mas não se faz diplomacia sem confiança mútua e sinais de coincidência sobre o futuro.

Entre suas múltiplas dimensões internacionais, o Brasil também é país do Ocidente. E compreendemos o Ocidente como uma base de valores éticos e civilizados, que têm no diálogo e na democracia pilares centrais.

O Ocidente não é, portanto, monopólio dos países economicamente mais avançados. No discurso das relações Norte-Sul, é indispensável reforçar a idéia de confiança e transformá-la em modalidades concretas de ação.

A realidade não deve ser fonte de desencanto, mas de estímulo. Da adversidade, deve surgir a vontade de avançar, de reduzir as tensões políticas e de acelerar o passo na caminhada do desenvolvimento econômico.

Senhor Presidente,

Com minha visita a Lima espero ter fortalecido o espírito de cooperação construtiva e de consolidação dos nossos ideais maiores.

Espero estejamos iniciando uma fase das relações brasileiro-peruanas que se venha pautar por um intercâmbio cada vez mais rico e por uma amizade ainda mais fraterna.

A Declaração Conjunta e os Atos Internacionais que acabam de ser assinados refletem nossa disposição de levar avante um esforço firme, continuado e eficaz para ampliar o já vasto espectro da cooperação entre o Brasil e o Peru.

Estes atos vêm dar forma jurídica à vontade de dialogar, de trocar idéias em todos os domínios.

Não nos devemos deixar impressionar pelo que já está feito apenas estão prontas as fundações do edificio que estamos a contruir.

Sem resignação, mas com espírito combativo, aceitamos o que disse o poeta peruano:

«Hay, hermanos, muchísimo que hacer».

Acréscimo, de improviso, em espanhol, feito pelo presidente João Figueiredo ao discurso que pronunciou durante a assinatura dos Atos Internacionais:

Señor Presidente,

Hace poco, um reportero peruano me há preguntado cuano voveré yo al Perú. E yo le contesté: así que pueda.

En la realidad, vuelvo ahora a mi Pátria. Mas deixo acá, por lo que he visto, por lo que he sentido, por lo que he comprendido, non lo que me há emocionado, por la generosidad y la cordialidad de la gente peruana, deixo aquí el alma del hombre, y por que no decir también, el alma del soldado y, mas aún, el alma del ciudadano y tengo la certeza también el alma del sudamericano.

Que la presencia permanente de mi espíritu en tierras peruanas pueda servir como um factor base de nuestra eterna amistad.

Muchas Gracias.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

26 DE JUNHO
SEDE DA SOCIEDADE DAS INDÚSTRIAS DO PERU
LIMA — PERU
DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL PERUANA

Senhores Empresários:

É motivo de muito prazer para mim estar aqui com os Senhores por ocasião do encerramento deste Seminário de Cooperação Econômica Brasil-Peru. Estou certo de que os resultados de seus trabalhos muito contribuirão para adensar o quadro de bom entendimento que marca o relacionamento entre nossos países.

A similaridade dos momentos que vivem Peru e Brasil não se expressa apenas pelo dinamismo dos respectivos processos de evolução política e social, mas também pelo firme empenho dos dois governos em propiciar a seus povos condições de vida mais satisfatórias.

No Brasil acompanhamos com admiração os esforços do governo e dos meios empresariais peruanos de relançar, com redobrado ímpeto, sua proposta de desenvolvimento. O Brasil participou, com grande interesse, da reunião, recentemente realizada em Paris, para apresentação à comunidade internacional do Programa de

Investimentos Públicos para o quinquênio 1981-1985. Podemos observar, naquela ocasião, a seriedade e firmeza do compromisso do governo deste país de lançar novas bases para o esforço de plena realização de seu imenso potencial de desenvolvimento.

A amplitude e o dinamismo das economias de nossos países abrem-nos a todos, homens de governo e homens de empresa, ricas oportunidades de trabalho para maior intercâmbio e entrelaçamento entre os dois países.

A expansão acelerada do comércio bilateral — que praticamente dobrou nos últimos cinco anos — não é razão suficiente para que nós possamos considerar satisfeitos. O valor global desse comércio (US\$ 252 milhões em 1980) é ainda reduzido. É também pequena a participação de cada país como parceiro de outro, o Peru absorveu apenas 0,7% das exportações brasileiras, e o Brasil responde por menos de 3% das vendas peruanas.

A intensificação dos vínculos econômicos entre o Brasil e o Peru será em muito facilitada, de outra parte, pela semelhança de problemas e condições, pela proximidade geográfica e, sobretudo, pela atitude comum de generosidade no intercâmbio de conhecimentos e experiências. Países firmemente comprometidos com a luta pela reestruturação dos padrões de relacionamento entre o Norte e o Sul, Brasil e Peru partilham a convicção de que o conhecimento científico e tecnológico não deve jamais ser o privilégio de umas poucas nações.

Nossa coerência com os princípios éticos que sempre temos defendido nos foros internacionais é a melhor garantia de que a prática de nosso relacionamento bilateral será qualitativamente diferente daquela a que estamos habituados em nossa convivência com as nações altamente desenvolvidas.

Ainda recentemente pude testemunhar, durante uma visita ao Nordeste brasileiro, os bons resultados da aplicação de técnicas de irrigação peruanas às condições brasileiras. Esse é apenas um exemplo da ampla gama de possibilidades e cooperação mutuamente benéfica em que nos podemos engajar. O Brasil, de seu lado, tem também muito a oferecer do esforço peruano de desenvolvimento, em áreas como energia, serviços de consultoria e engenharia, entre outras.

Mas não cabe a mim estender-me aqui sobre as possibilidades específicas de aproximação comercial e econômica entre o Brasil e o Peru. Os Senhores, homens do mais elevado senso prático, estão melhor capacitados do que ninguém para identificar as oportunidades de profícuo intercâmbio entre os dois países. É por tal razão que atribuo a maior importância aos trabalhos que aqui realizaram, convicto que estou de que seus desdobramentos em breve se farão sentir de modo particularmente positivo sobre o conjunto das relações entre nossos povos.

Muito obrigado.

1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100

26 DE JUNHO
HOTEL BOLIVAR
LIMA — PERU

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA RE-
PÚBLICA DO PERU, SENHOR BE-
LAÜNDE TERRY

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Peru,
Senhor Belaúnde Terry:

Amanhã devo retornar ao Brasil. Com saudades deixo esta senhorial Cidade de Lima, onde fomos cativados, desde o momento da chegada, pela hospitalidade do povo peruano.

A calorosa acolhida que tivemos — minha mulher, eu próprio e a comitiva que me acompanha — demonstra que nos cabe dar expressão concreta à espontânea simpatia entre os povos do Brasil e do Peru, amigos de velha data.

Nossas diplomacias têm a responsabilidade de levar avante intensificação do intercâmbio peruano-brasileiro, de fazer crescer este projeto que legaremos às gerações futuras.

Senhor Presidente,

Já é uma conquista importante o diálogo amplo, franco e amistoso, se mativermos. Nossas formas de en-

tender o momento latino-americano e a conjuntura internacional são próximas. A disposição de criar uma América Latina única pelos mais altos ideais de justiça e paz, isolada das implantações de poder e das fórmulas de hegemonia, é a mesma. Brasil e Peru são países irmãos.

Em cada uma de minhas visitas as nações vizinhas e irmãs, descubro a mesma vontade de dialogar que encontrei em minhas conversações com Vossa Excelência.

A preocupação com uma ordem nacional justa é, em países em desenvolvimento como os nossos, elemento de base.

Para atingi-la, é necessário que o governo articule estratégias de transformação. É necessário construir, através de processos não traumáticos, as estruturas mais justas, mais eqüitativas e mais eficazes a que almejamos.

A participação de todos os segmentos sociais nessa estratégia assegurará resultados permanentes e profundos. A democracia não é somente a última etapa a ser alcançada num processo de evolução política; a democracia é o próprio mecanismo através do qual a sociedade controla o seu destino.

Essas são as bases da autenticidade de nosso apelo pela transformação da ordem internacional. É claro que interesses concretos informam as posições negociadoras e orientam o diálogo cotidiano entre países industrializados e países em desenvolvimento. Mas, de nossa parte, sentimos que os reclamos pela transformação das relações entre o Norte e o Sul correspondem aos nossos próprios esforços nacionais.

O novo não nos amedronta. Ao contrário, os processos de transformação, eqüilibrados, movidos por sen-

timentos de justiça, sem traumatismos, são a garantia maior, diria mesmo única, de paz e justiça, de harmonia e desenvolvimento.

Senhor Presidente,

Minhas palavras serão perfeitamente compreendidas por Vossa Excelência. Quando falamos, hoje, em progresso e transformação na América Latina ecoamos, de uma forma ou outra, palavras e conceitos que Vossa Excelência em sua vida pública enunciou.

Encontrei em Vossa Excelência um amigo leal e receptivo. Desde a nossa primeira troca de impressões, pude perceber em Vossa Excelência um homem de espírito aberto e harmonioso, uma inteligência generosa, um amigo indiscutível do Brasil e dos brasileiros.

Seu título de arquiteto, Senhor Presidente, já contém, de certa forma, um programa de vida, uma predestinação pessoal, pois que arquiteto significa trabalhador principal, chefe.

À vocação de arquiteto Vossa Excelência sempre permaneceu fiel. Fidelidade expressa tanto no perseverante esforço de ordenar o espaço político-institucional da vida peruana, quanto na dedicação à causa da integração da Região Amazônica peruana a condições de bem-estar sócio-econômico.

Na feição do seu espírito, compartilha Vossa Excelência com os brasileiros a alma de desbravador, a paixão pelo desenvolvimento que o levou sempre a interessar-se por projetos de magnitude. Em 1978, quando da realização de um seminário sobre problemas amazônicos, deslocou-se Vossa Excelência pessoalmente à Amazônia peruana e brasileira, chegando até Cruzeiro do Sul, onde meus compatriotas tiveram a alegria de acolhê-lo.

Senhor Presidente,

Nesta vocação admirável para criar o futuro com trabalho e inspiração, Vossa Excelência encarna as mais altas qualidades do povo peruano, desse povo a cuja tenacidade e talento deve o Continente algumas das definitivas realizações que plasmaram a alma latino-americana.

Movido pela admiração e afeto que sentimos todos no Brasil pelo povo peruano, convido os presentes a erguerem comigo a taça pelas seguras e alentadoras perspectivas da fraterna amizade entre brasileiros e peruanos, assim como pelo permanente êxito e constantê felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Excelentíssima Senhora de Belaúnde.

29 DE JUNHO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER O COMAN-
DANTE DA ESCOLA SUPERIOR DE
GUERRA, GENERAL ALACYR FREDERICO
WERNER, ACOMPANHADO DE
ESTAGIÁRIOS

Excelentíssimo Senhor Comandante da Escola Superior
de Guerra, General Alacyr Frederico Werner,

Senhores estagiários:

É para mim uma grande honra e uma grande satisfação recebê-los aqui na minha casa de trabalho, e ao mesmo tempo rever certas fisionomias, certos companheiros — companheiros de cursos, companheiros de labuta na caserna, companheiros de labuta nas escolas, companheiros de labuta em todos os setores. Nesta oportunidade, desejo dizer-lhes que considero a Escola Superior de Guerra o melhor laboratório que o Governo tem tido para exame dos problemas brasileiros. Não têm sido poucas as vezes em que tendo recorrido à documentação da Escola Superior de Guerra, atualizada, que me tem proporcionado seu Comandante, para nela buscar argumentos e informações sobre assuntos variados, para informar determinadas decisões. Considero a Escola Superior de Guerra, além desse laboratório de idéias, a

melhor organização para promover um melhor entendimento entre os diversos setores de atividade da sociedade brasileira. A Escola, por assim dizer, atua como mola-mestra no entendimento entre as Forças Armadas e a sociedade civil. É, portanto, com imenso prazer e grande honra que os recebo aqui. Desejo-lhes boa estada em Brasília e uma feliz viagem de estudos.

Muito obrigado.

01 DE JULHO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER MEMBROS
DO CONSELHO EMPRESARIAL
BRASIL-ESTADOS UNIDOS

Meu prezado Amigo, Ruy Barreto,
Senhor Charles Pilliod,
Senhores Membros do Conselho Empresarial
Brasil-Estados Unidos:

É sumamente honroso, para mim, tê-los aqui presentes em minha casa de trabalho. Venho agradecer a cada um dos Senhores essa cortesia para comigo. Agradeço, também, as palavras que acabam de proferir os Senhores Ruy Barreto e Charles Pilliod. Palavras que são para mim, governante do meu País, repetindo o que disse o Ruy Barreto, estimulantes e tranqüilizadoras. Essas palavras, quando ditas pelo representante do empresariado americano-brasileiro, têm valor excepcional porquanto tenho bem presente que a pujança, a riqueza de cada um de nossos países depende essencialmente, no regime em que vivemos, do trabalho dos Senhores. Daí porque me congratulo com os Senhores empresários — americanos e brasileiros, por essa forma que vai além da

cortesias e chega quase à forma de apoio ao meu Governo, e que apesar das dificuldades por que passa o País, insistem os Senhores em vir à minha casa para dizer que estão presentes no esforço, no sacrifício para, contornando essas dificuldades, podermos aprofundar as nossas relações comerciais, econômicas e culturais com o país amigo norte-americano e juntos triblhamos a via de um desenvolvimento mais rápido para os nossos povos.

Fico satisfeito em sentir que o empresariado, com o qual sempre contei, desde o começo do meu Governo, continua ainda, já não digo esperançoso, mas sim, acreditando na firmeza da política econômica do meu Governo. Muito obrigado aos Senhores.

09 DE JULHO
PARQUE DE EXPOSIÇÕES
ESTEIO — RS
DISCURSO DURANTE ENCONTRO
COM POLÍTICOS DO PDS DO ESTADO

Meus Caros Companheiros de Partido:

Experimento sempre grande alegria em rever o Rio Grande do Sul, rincão que aprendi a amar como se aqui houvesse nascido.

Foi no convívio com os gaúchos, desde os tempos de minha meninice no Alegrete, que se forjou o meu caráter, sob os influxos da educação recebida de meus saudosos pais.

Essa alegria se torna ainda maior nas circunstâncias de agora, quando venho inaugurar a sede regional do nosso PDS no extremo sul do País.

Digo isso porque sei quão importante é a contribuição que o Partido espera da fibra e do patriotismo do povo deste Estado, de que o Brasil muito se orgulha.

As tradições da história gaúcha como que conclamam todos a cerrar fileiras em torno do PDS, no mo-

mento em que este se empenha em apoiar o Governo no firme propósito de reconduzir a Revolução às suas origens, restaurando plenamente a democracia entre nós.

Não devemos esquecer sequer por um instante que o Movimento de 31 de março de 1964 foi essencialmente democrático nas suas raízes e nos seus objetivos, tendo-se deflagrado em face da onda de insânia que ameaçava colocar-nos a reboque de ideologias estranhas à nossa índole cristã e aos princípios basilares da nacionalidade e da civilização que vimos construindo nesta Terra de Santa Cruz, e que haveremos de levar ao ponto culminante, custe o que custar.

A aparente demora em restabelecer a plenitude democrática na vida política do País deveu-se à necessidade de extirpar o insidioso tumor, inclusive mediante o recurso extremo da cirurgia. Com a gradativa recuperação, o Brasil se foi fortalecendo e se alçando cada vez mais alto no vôo do desenvolvimento, verdade que nem os nossos mais ferrenhos adversários conseguirão ofuscar.

O nosso compromisso de levar a Revolução ao reencontro do seu ideário original merece integral apoio do povo gaúcho, responsável direto pela deflagração do Movimento de 1964.

Foram gaúchos de nascimento ou por afinidade tantos dos líderes que empunharam, naquele momento histórico, a bandeira da redenção de nossa Pátria: Castello Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel, Golbery e eu próprio, entre outros.

Nada mais oportuno do que lembrar aqui o muito que o Brasil deve aos rio-grandenses-do-sul desde os primórdios da nacionalidade. Não irei desfilar os grandio-

tos feitos dos gaúchos na época da expansão e consolidação do Brasil, nem discorrer sobre as suas tradições republicanas. Quero apenas render minha sincera homenagem àqueles vultos gloriosos, como Bento Gonçalves e tantos outros, que inscreveram seus nomes de forma indelével na história do Brasil.

O gaúcho sempre se bateu pelas grandes causas. E agora vimos mais uma vez recorrer às suas inesgotáveis reservas do civismo.

Apelo aos meus queridos correligionários do Rio Grande do Sul no sentido de que aproveitem a oportunidade de dar nova demonstração daquelas características que herdaram dos seus antepassados, traduzidas em acendrado amor à Pátria.

Antevejo com júbilo o resultado das urnas gaúchas no pleito de 1982, decisivo para os destinos da Revolução. Esse resultado, que espero se reproduza no restante do País, dará a todos nós as condições de que necessitamos para coroar a magna tarefa que nos propusemos.

No voto reside o instrumento por excelência através do qual a atividade partidária influi de maneira decisiva na vida dos cidadãos. Por isso, cumpre praticá-lo com unção e consciência.

A democracia não é senão aquele regime em que cada um, longe de sentir-se mero espectador ou paciente no cenário da política nacional, nele desempenha papel ativo de participante sumamente responsável.

Participação — eis a palavra-chave do jogo democrático. Ela inspira o nosso PDS, que procura mobilizar todas as forças vivas da Nação — aí incluídas as mulheres e os jovens — em prol da consecução de metas que se confundem com os supremos interesses do Brasil. A

fim de que possamos, finalmente, construir uma sociedade em que, sem distinção entre campo e cidade, todos tenham justo acesso aos frutos do trabalho coletivo.

Vamos para as eleições!

Para as mesmas eleições que Oposição teima em dizer que não se realizam.

Pois vamos para as eleições e para a vitória.

Estou certo de que o meu apelo há de encontrar eco nos corações do valoroso povo gaúcho.

Muito obrigado.

15 DE JULHO
BRASÍLIA — DF
PALÁCIO DO ITAMARATY
DISCURSO POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES PELO SEGUNDO ANIVERSÁRIO DO PROGRAMA NACIONAL DE DESBUROCRATIZAÇÃO

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,
Senhores Ministros de Estado,
Meu Caro Ministro Hélio Beltrão,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao elaborar meu programa de Governo, incluí entre minhas metas prioritárias o combate à burocracia.

Para executar o Programa Nacional de Desburocratização, procurei «O homem certo para o lugar certo»: E o encontrei em meu velho amigo Helio Beltrão, cuja competência, espírito público e capacidade de trabalho já eram do conhecimento de todos. A essas qualidades ele associava uma indispensável experiência adquirida em quase quarenta anos de persistente combate à asfixia burocrática, no setor público e no setor privado.

Sempre entendi que a desburocratização dos serviços públicos deveria constituir objetivo a ser perseguido com urgência e tenacidade. Os males da burocracia frustram o ideal de servir, estiolam o progresso e dificultam a vida do cidadão.

Certamente, contribuiu para isso a introdução, na Administração Pública, do princípio da presunção da veracidade: Todo cidadão é honesto, salvo prova em contrário.

Vejo, realmente, o Programa Nacional de Desburocratização como parte essencial do processo de abertura democrática, no qual estou empenhado.

Tenho a convicção de que *desburocratização* e *liberdade* são conceitos indissolivelmente ligados.

A tarefa não era fácil. Pelo contrário. Era árdua e complexa. Muitos a consideravam impossível ou utópica.

Hoje, quando o Programa Nacional de Desburocratização completa dois anos, já não há lugar para ceticismo. O Programa, de fato, conquistou a confiança e a credibilidade do povo, especialmente pelo conteúdo humano e social de sua doutrina. E, também, pela prioridade conferida aos assuntos que afetam mais diretamente os humildes, os que mais sofrem com a burocracia.

É certo que, nesse particular, ainda há muito por fazer, especialmente no tocante à ampliação da autonomia municipal. Mas estamos caminhando nessa direção.

Os atos que acabo de assinar são, aliás, uma demonstração da abrangência do Programa. Dizem respeito a temas de maior relevância. Ressalto a aceleração do processo de transferência de empresas estatais para o setor privado nacional e a redução da burocracia que onera os municípios de menor porte.

Os objetivos do Programa são de transcendental importância. Desdobram-se em várias dimensões, que vão do plano social e econômicos ao plano político e federativo.

Meu Governo já adotou importantes medidas para a consecução desses objetivos.

Ao lado de atos simplificadores da vida do cidadão e da empresa, destaco o esforço que vem sendo empreendido com vistas à descentralização das decisões e ao aperfeiçoamento do sistema federativo, que desejo fortalecer.

Quero aqui agradecer o apoio que o Programa tem recebido do Poder Legislativo e do Judiciário.

Espero que possamos intensificar nossa colaboração em prol da desburocratização da Justiça. Sem uma justiça rápida, simples e acessível a todo o povo, não pode haver democracia.

O esforço de desburocratização precisa prosseguir. E, neste momento, desejo reiterar meu firme propósito de continuar conferindo prioridade ao Programa, inclusive mediante a ativa participação de todos os ministérios. Com esse objetivo, concedi, hoje, ao Ministro Extraordinário para a Desburocratização instrumentos adicionais, de que necessita para levar adiante sua tarefa.

Estou certo de que, juntos, faremos muito mais. E, embora a desburocratização não seja tarefa para um só Governo, espero sinceramente que, ao fim de meu mandato, possamos ter um Brasil mais simples, uma administração mais humana e um serviço público verdadeiramente empenhado em servir a população.

Desejo expressar, também, o meu agradecimento aos governadores e prefeitos — muitos aqui presentes —

por terem reconhecido a importância do Programa e o que estarem reproduzindo em seus estados e municípios.

Congratulo-me com o Ministro Hélio Beltrão e com sua competente equipe pelos expressivos resultados já obtidos.

Entre os ensinamentos que recebi durante os meus 43 anos de serviço ativo no Exército, eu destaco dois, que bem se coadunam com a essência do programa de desburocratização da administração pública. O primeiro, é o que o chefe não deve temer nem mesmo uma idéia nova. E o segundo, é o que diz que numa guerra só dá resultado o que é simples.

Meus Senhores, nós estamos, quanto a este assunto, numa verdadeira guerra e eu espero vencê-la.

Muito obrigado.

15 DE JULHO
SEDE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
RIO DE JANEIRO — RJ
IMPROVISO DURANTE JANTAR EM
SUA HOMENAGEM, OFERECIDO PELA
CLASSE EMPRESARIAL BRASILEIRA

Senhor Presidente da Associação Comercial,
Meu Prezado Amigo Rui Barreto,
Senhores Membros da Diretoria,
Senhores Ministros,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu não poderia encerrar esta sessão sem me referir a algumas passagens das palavras que acabo de ouvir do Dr. Ruy Barreto. Na realidade, a minha presença a não é apenas uma homenagem para que venho prestar à classe empresarial.

É, também, a continuidade de um diálogo que começou há cerca de dois anos, e, se não me engano, oito meses, na residência do Dr. Ruy Barreto, em que as minhas primeiras idéias foram expostas a alguns amigos e empresários e, pela aceitação que ouvi daquele pequeno grupo, me empenhei para só poder efetivar algumas delas hoje pela manhã. Daí porque eu desejaria afirmar

que o ajudar da classe empresarial, o participar da classe empresarial no meu Governo, começou no candidato e, desde aí, não mais me afastei de ouvi-los, de sentir as suas ansiedades, mas, por outro lado, também correndo ao encontro do povo para, de uma resultante desses dois anseios, eu poder tomar as decisões que mais se coadunassem com os interesses da Nação, sem prejudicar empresários e consumidores.

A imagem que o Dr. Ruy Barreto fez da retranca no futebol é perfeita. Só conduz à vitória. Mas é bom lembrar que, antes de fazer o gol, há que ter a posse da bola. E essa, às vezes, é mais difícil. Sem a posse da bola, não há gol.

Eu confesso aos Senhores que nesses 2 anos e 3 meses de Governo, nada mais tenho feito do que tentar tirar a bola do adversário. Às vezes, tenho sido bem-sucedido. Confesso que me surpreendo até com os gols de canhota que tenho feito. Mas, às vezes, eu tenho sofrido gols insuportáveis, por ter tentado tirar atrevidamente a bola sem ter condições de possuí-la.

E, já que o dia hoje é de citações militares, que eu comecei pela manhã, esta que ouvi do Dr. Ruy Barreto, de que «só a ofensiva conduz à vitória», lembra-me aqueles ensinamentos que obtive na minha formação militar. Devo lembrar, também, que tinha o outro que vinha sempre junto deste: «não se ataca o inimigo em movimento. Há que detê-lo antes, para depois partir ao ataque». E, no caso, o inimigo aqui, para mim, é a inflação.

Não posso tomar medidas eficientes de combate à inflação — e todos sabemos amargas e duras — sem antes detê-la. Felizmente, os primeiros indícios de que é

possível uma paralisação desta inflação já aí estão. Mas não nos iludamos, porque isso pode ser contra-informação do inimigo. Vamos verificar se, de fato, ele está retirando as suas viaturas para a retaguarda, a sua artilharia, e está intensificando os seus ataques aéreos, para ter certeza de que ele não tem mais condição de atacar.

As dificuldades que meu Governo tem enfrentado, e de que a Oposição se tem valido — e como quisera eu ser Oposição nesta altura —, como é fácil fazer oposição com uma inflação de 110 por cento e com os salários sendo consumidos dia a dia.

Mas, eu tenho certeza de que o povo brasileiro está já bem esclarecido sobre a natureza, as origens e o porquê desta onda inflacionária. Ninguém poderá negar aos últimos governos que esse País teve, desde 1964, e dirão eles que isso é o crescimento natural. Como se crescimento natural pudesse de 6 milhões de brasileiros assistidos no INPS, para cerca de mais de 90 milhões de brasileiros.

Ao receber o meu Governo, o barril de petróleo esta a 12 dólares. Em 1963, esta a dólar e 80. Hoje, pagamos o barril de petróleo a 34, 36 dólares. Consumimos cerca de metade do que exportamos para pagar a conta de petróleo. E a outra metade da nossa dívida externa.

Mas, mesmo assim, apesar de todos os esforços do meu Governo para que o ritmo de desenvolvimento fosse menor, conseguimos crescer 8 por cento, o que levou algumas autoridades com quem mantive contato na Europa a me perguntar por quê? Tal o espanto que causou o crescimento brasileiro.

Meu caro Ruy Barreto;

Eu tenho a certeza de que, até o fim do meu Governo, eu vou continuar tendo o apoio da classe empresarial. Muitas vezes, as decisões que meu Governo é obrigado a tomar não são aquelas que a classe empresarial deseja. Mas eu diria aos Senhores também que não são aquelas que eu desejo. São apenas aquelas que, no momento, são possíveis, em face das dificuldades por que o Governo está passando.

De qualquer modo, sempre que for possível uma solução em que os interesses do País sejam defendidos sem prejudicar a classe empresarial e sem prejudicar muito o outro lado da cadeia, o consumidor, sempre que possível, o Governo estará disposto a rever sua posição. E disso tem dado exemplos.

Não fosse o meu Governo aberto ao diálogo com todas as classes e, confesso aos Senhores, que grandes erros eu já teria cometido e até já tinha assinado. Daí porque, Dr. Ruy Barreto, reitero aqui a minha posição de continuar mantendo esse contato com as classes empresariais. E dizer-lhe que não se trata mais de saber para onde vai este País. Nós sabemos para onde vai esse País.

No plano econômico, a médio prazo, eu tenho certeza de que as nossas possibilidades, do nosso esforço, e porque não dizer também o nosso sacrifício, hão de mostrar o caminho que já se delineia para o futuro do País.

No plano político, este eu não tenho dúvida, com a ajuda dos Senhores e com o apoio da opinião pública, que eu tenho a certeza não me há de faltar, nós havemos de implantar uma democracia que sirva ao brasilei-

ro. E que possibilite aquele tipo de sociedade que nós todos almejamos, que nós todos defendemos, e pela qual temos feito tanto esforço e tanto sacrifício.

Não há de ser a dúvida se as eleições serão diretas ou indiretas para Presidente da República, se será um civil ou militar, se haverá sublegendas ou não haverá, que vai me desviar do caminho de fazer com que o povo fale, e respeite a sua vontade, que é o essencial.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

16 DE JULHO
SEDE DA TV NORTE-FLUMINENSE
RIO DE JANEIRO — RJ
DISCURSO POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO OFICIAL DA TV NORTE-FLUMINENSE

Meus Senhores:

Saúdo a TV Norte-Fluminense, em sua inauguração oficial, consciente do papel que hoje cabe à televisão como testemunha e agente de nosso processo de desenvolvimento econômico, social e político.

A televisão é um veículo capaz de ajudar a construir ou a destruir. Ao mostrar o que está sendo ou já foi feito, fornece implicitamente o exemplo e o ânimo para o que resta a fazer. Pela força viva da imagem, da notícia e da ficção, consolida ou enfraquece valores e idéias.

Presente no cotidiano de milhões de lares brasileiros, pode reforçar ou debilitar, em cada espectador, a disposição e a vontade de trabalhar para melhorar sua própria condição de vida, e de integrar-se no esforço comum para superar as dificuldades do momento.

Tudo depende do conteúdo da mensagem. Da isenção e equilíbrio da análise. Da adesão e respeito aos va-

lores básicos de nossa sociedade. Exorto a televisão a assumir em sua plenitude a responsabilidade desse seu inevitável compromisso com o futuro de nossa Pátria.

Dos anos 40 aos anos 80, em apenas duas gerações, passamos de 40 a 120 milhões de brasileiros. As estruturas sócio-econômicas e políticas do País se viram confrontadas com as crescentes pressões, nascidas principalmente dessa explosão demográfica.

A Revolução de 1964 encaminhou, com o mínimo de traumas, soluções pacíficas para aquelas pressões.

Desde então, não cessamos de promover o desenvolvimento econômico-social do País, buscando encontrar e manter o difícil equilíbrio entre as disponibilidades de recursos e as exigências dos investimentos, de forma a satisfazer as justas aspirações de nossa crescente população a melhores condições de vida.

Ao mesmo tempo, preservamos no Brasil aquelas mesmas instituições democráticas de Governo que, no início da década de 1960, se viram seriamente ameaçados pela irresponsabilidade e pela conspiração de alguns e pela ingenuidade de muitos.

Por isso, aos arautos do pessimismo e da oposição sistemática, que pretendem lançar o descrédito sobre tudo o que, nestes 17 anos, a Revolução de 1964 tem realizado, podemos responder com os fatos. Aí está a epopéia de crescimento da gente, da Nação, da pátria brasileira. Aí estão as liberdades democráticas preservadas e fortalecidas.

Meus Senhores,

Outras nações viveram fases semelhantes, no passado, sem contar com instrumento tecnológico capaz de

registrar-las. Hoje, singularmente, a televisão convive, no Brasil, com o fenômeno. A televisão brasileira tem diante de si a oportunidade e a responsabilidade históricas de registrar e de ajudar a promover esse momento. Como assinalai, ela é testemunha e agente do processo. Conclamo os homens da televisão brasileira a mostrar, em toda sua verdadeira dimensão, a pujança do esforço em que nós, o Brasil, estamos empenhados. Ao fazer esse registro, fortalecem o sentimento e a consciência de que estamos construindo uma grande Nação.

Estou seguro de que a TV Norte-Fluminense e os homens que a integram corresponderão ao papel construtivo que têm de desempenhar, para o bem das populações a que vão servir.

Muito obrigado.

1. $\frac{1}{2}$

2. $\frac{1}{3}$

3. $\frac{1}{4}$

4. $\frac{1}{5}$

5. $\frac{1}{6}$

6. $\frac{1}{7}$

7. $\frac{1}{8}$

8. $\frac{1}{9}$

9. $\frac{1}{10}$

10. $\frac{1}{11}$

11. $\frac{1}{12}$

12. $\frac{1}{13}$

13. $\frac{1}{14}$

14. $\frac{1}{15}$

15. $\frac{1}{16}$

16. $\frac{1}{17}$

17. $\frac{1}{18}$

18. $\frac{1}{19}$

10 DE AGOSTO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA RE-
PÚBLICA DA VENEZUELA, SENHOR
LUÍS HERRERA CAMPINS

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Venezuela, Luís Herrera Campins:

Receba Vossa Excelência os calorosos votos de
boas-vindas que lhe formulam o Governo e o povo bra-
sileiros.

Ao iniciar-se esta visita, que tanto nos honra, dese-
jamos que Vossa Excelência, juntamente com a Senhora
de Herrera e a importante comitiva que o acompanha,
possam perceber, em cada uma de nossas palavras e
ações, o afeto, a admiração sincera de todos os brasilei-
ros pela Venezuela e por seu Presidente.

Sua chegada a esta Cidade nos proporciona a ale-
gria do reencontro de velhos amigos.

Recordo com carinho a visita que fiz a Caracas há
quase dois anos. Apenas começava o meu mandato e era
aquela a primeira viagem oficial que eu empreendia ao

Exterior. Não por acaso foi a Venezuela o primeiro país que visitei. Já então a prioridade da América Latina se desenhava nitidamente em minha agenda diplomática.

Desde aquela época, tenho procurado ser fiel a esse projeto. Sinto que chegou finalmente, para nós latino-americanos, a hora de unirmos o Continente em torno do que somos e do que aspiramos a ser.

Devemos viver nossa própria verdade. A partir de nós mesmos e de nossas experiências faremos com que se reconheça o que valemos e podemos criar. Por isso, além de desenvolver os canais diplomáticos regulares, venho buscando expandir a dimensão do conhecimento direto e da confiança recíproca entre os governantes.

Em pouco mais de dois anos, com a simplicidade de vizinhos que se visitam, pude conhecer de perto a hospitalidade de seis países latino-americanos. Recebi em Brasília Chefes-de-Estado de nações irmãs. Foram contatos extremamente densos, em todos os aspectos, os quais consolidaram minha fé no futuro que juntos estamos a construir.

Em cada um desses encontros, através da palavra dos estadistas ou da espontaneidade do homem da rua, observei que na rica diversidade dos povos latino-americanos se descobrem traços comuns de grande força; um ar de família, em que está presente a emoção, o sentimento, aquela sabedoria do coração que torna os homens mais humanos e a vida mais solidária.

Viagens de trabalho, com impressionante saldo de resultados tangíveis, essas visitas ajudaram a fazer com que, pela primeira vez em nossa história, o Brasil e os demais países latino-americanos passassem a ser parceiros essenciais uns para os outros. Igualmente importan-

te, porém, foi a contribuição que deram para revelar a proximidade espiritual e humana entre os brasileiros e nossos irmãos latino-americanos.

Senhor Presidente,

Permita-me evocar ainda a visita que lhe fiz em meio ao dinamismo transformador de Caracas.

Experimentei, então, a inconfundível sensação de calor e afeto populares, que transcendem ao rigor do planejamento protocolar. Experimentei a facilidade de comunicação e a convergência de visão-do-mundo entre os homens do Continente.

Entre latino-americanos, o diálogo diplomático é, e deve ser cada vez mais, o exercício sincero de antiga e sólida amizade, franca e confiante, entre países vizinhos que têm como traço comum, entre outros, a participação no Tratado de Cooperação Amazônica.

Para esse estilo de relacionamento, aberto e racional, muito têm contribuído as qualidades pessoais de Vossa Excelência, que o fazem expressão indiscutível das virtudes da personalidade venezuelana.

E algumas dessas virtudes apresentam afinidade notável com traços da alma brasileira. Falo de duas sociedades inspiradas pelos valores do dinamismo e do progresso, da mobilidade social, da igualdade. Falo de duas nacionalidades formadas de povos de origens próximas na sua diversidade, enriquecidas pela integração de culturas afins. Falo de personalidades otimistas, empreendedoras, voltadas para a edificação de um futuro melhor, mais equitativo, no contexto democrático.

Nesse sentido, a Venezuela foi, ao longo de sua história, uma sociedade capaz de renovar-se.

Todos reconhecemos o esplêndido papel da sociedade venezuelana, em começos do século dezenove, no grande movimento que levou à emancipação da América Latina e que ajudou a mudar a face do mundo.

Apesar do isolamento cultural e material característico do modelo colonialista, os venezuelanos produziram personalidades de uma grandeza que ultrapassou de muito as fronteiras do Continente. Além do Libertador Simón Bolívar, exemplo luminoso do homem latino-americano, figuras como a de Francisco de Miranda, veterano das Revoluções Americana, Francesa e Latino-Americana de que nasceu o mundo moderno, do nobre e abnegado Antonio José de Sucre, do sábio Andrés Bello, de José Antonio Paéz, fizeram com a gente da Venezuela desse ao processo da libertação do Continente uma contribuição mais do que proporcional em talento, espírito de luta e sangue derramado.

Ao recordar essa grande geração, não podemos deixar de expressar nossa satisfação ante a decisão de Vossa Excelência de deslocar-se ao Recife, numa homenagem do mais alto mandatário da nação venezuelana ao General José Inácio de Abreu e Lima, companheiro daqueles bravos no heroísmo e vínculo imperecível entre os povos do Brasil e da Venezuela.

O gesto tão expressivo de Vossa Excelência, assim como a doação pelo meu Governo do retrato de Abreu e Lima para o Salão Elíptico do Congresso Nacional da Venezuela, irá permitir que se atenuem o desconhecimento do caráter extraordinário desse soldado e intelectual, que encontrou seu momento de glória ao unir o Brasil à epopéia bolivariana.

Poucos meses antes de morrer, em carta dirigida ao General Paéz, Abreu e Lima passava em revista sua

existência gloriosa: «Conservo todas mis patentes de Gran Colombia, todas mis condecoraciones, me ufano de haber sido general en la antigua República de Gran Colombia. Tengo orgullo de llamarme uno de los libertadores de Venezuela y de los de la Nueva Granada y en usar mis insignias. Tengo garbo de mis cruces de Boyacá y de Puerto Cabello y de mi noble escudo de Carabobo. Tengo y conservo el busto de ora del Libertador que él mismo me ha dado con un diploma honroso».

Contemporâneo de Bolívar, San Martín, Santander e O'Higgins, Abreu e Lima espelhou, como os demais, qualidades que caracterizam a maneira de ser latino-americana.

Em sua História independente, apesar de imensas dificuldades, a América Latina permaneceu fiel à inspiração original, adaptando-a às exigências dos tempos.

Herdeiros do humanismo e do espírito da civilização clássica, os latino-americanos sempre se empenharam em fazer da lei, e não da força, o seu padrão norteador.

Nas relações entre os Estados, uma de nossas mais importantes contribuições tem sido, justamente, a recusa de todas as fórmulas de política baseadas no uso da força. Na incansável busca de estruturas de paz e de independência, ajudamos a definir princípios básicos, hoje de aceitação universal, como o da igualdade soberana dos Estados, da autodeterminação dos povos e da não intervenção.

A América Latina não se restringiu, contudo, a teorizar. Muito pelo contrário, soubemos viver esses princípios.

Somos, sem dúvida, o Continente com o menor índice de choques entre Estados. Essa é, sem favor, uma qualidade e um privilégio a preservar num século marcado pelas duas maiores guerras da história, além de um número alarmante, inaceitável, de conflitos regionais no resto do mundo.

A prática efetiva da paz e da conciliação deve continuar a permitir que a América Latina canalize, por meios pacíficos e generosos, a solução de eventuais divergências. É dever de todos nós persistir no esforço incessante, paciente, ordenado, para superar as questões que ainda nos dividem. Só assim asseguraremos, em nossos dias, a eficácia da presença latino-americana na renovação e modernização do sistema internacional.

Longe de se esgotar no passado a criatividade latino-americana continua atuante nos processos de mudança.

Partiram, por exemplo, deste Continente o impulso original e o arsenal de idéias que trouxeram o Direito do Mar para o Século XX. De igual forma, tem sido marcante a atuação latino-americana no desenvolvimento do diálogo Norte-Sul e na definição das características de uma nova ordem econômica internacional. Temos, pois, o mais legítimo dos interesses em que se acelerem as atuais negociações sobre todos esses temas.

Senhor Presidente,

Também através das relações econômicas diretas entre países em desenvolvimento estamos buscando a eliminação definitiva dos resquícios da economia colonial de dependência, da desigualdade entre as nações. Nesse terreno, o Brasil pode, com satisfação, verificar que parte significativa e crescente do seu intercâmbio global se realiza hoje com países do Terceiro Mundo.

Tem sido constante o esforço brasileiro de cooperação igualitária, com base numa verdadeira mutualidade de benefícios, e na transferência real de conhecimentos.

As relações entre o Brasil e a Venezuela constituem exemplo objetivo de aplicação desses princípios básicos e desse determinação em colaborar.

É este o terceiro encontro entre Chefes-de-Estado dos dois países, desde 1978. Esse fato em si, ao lado da multiplicação de visitas de ministro de estado, de empresários, de técnicos e artistas, demonstra de forma eloqüente a aceleração que vem queimando etapas em nosso relacionamento bilateral.

Os resultados são concretos, são alentadores. O intercâmbio comercial venezuelano-brasileiro, já acima de 1 bilhão de dólares, atingiu níveis que o tornam dos mais expressivos em âmbito regional. Estabeleceram-se relações bancárias diretas. Temos juntado trabalho e tecnologia latino-americanos na realização de obras de infra-estrutura. No âmbito da política de globalidade, multiplicamos mais de dez vezes nossas compras de petróleo venezuelano, ao mesmo tempo que firmamos acordo para o fornecimento a longo prazo de açúcar brasileiro à Venezuela.

Senhor Presidente,

Embora impressionantes, esses resultados ainda não permitem que abrandemos a marcha. Ao contrário, eles nos estimulam a avançar com firmeza e imaginação redobradas.

É com esse desafio ao trabalho duro, embora recompensador, e com inabalável confiança no futuro comum a dois povos irmãos inspirados pelo ideal demo-

crático que convido os presentes a me acompanharem num brinde ao crescente desenvolvimento das relações de amizade e cooperação entre a Venezuela e o Brasil, à concórdia e prosperidade da nobre nação venezuelana e ao êxito e felicidade pessoais de Vossa Excelência e de sua Excelentíssima esposa.

Muito obrigado.

11 DE AGOSTO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DA ASSINA-
TURA DE ATOS INTERNACIONAIS EN-
TRE O GOVERNO DO BRASIL E DA
VENEZUELA

Excelentíssimo Senhor Presidente
da República da Venezuela Luís Herrera Campins:

Esta cerimônia reflete, no seu expressivo significa-
do, o passado e o presente de 160 anos de relações entre
o Brasil e a Venezuela.

Abreu e Lima, no seu uniforme de general de
Bolívar, com a insígnia solitária da Ordem dos Liberta-
dores, única que costumava usar, evoca o ponto de par-
tida. Nasciam então as duas nações.

O primeiro traço de união entre elas resultou, por-
tanto, — e cabe sublinhá-lo — do impulso espontâneo
do cidadão, da iniciativa desassombrada de um homem
apaixonado pela liberdade.

Caracterizando o momento presente, a Declaração
que firmamos é como que a síntese do que somos após
século e meio de história. É o resumo do que pensamos
e praticamos, nossa visão do mundo, o perfil de nossa
personalidade internacional.

As vastas áreas de coincidência entre as concepções da Venezuela e do Brasil sobre os princípios básicos da convivência internacional, sobre os grandes problemas contemporâneos, sobre a América Latina, revelam a admirável identidade de nossas aspirações por um mundo de paz, progresso e justiça social.

No cotidiano trabalhoso e em constante mudança das relações diplomáticas, as visitas presidenciais marcam momentos destacados, em que podemos dar um balanço no panorama dos esforços realizados.

Ao iniciarmos a atual fase de nossas relações, era extensa e pesada a agenda dos projetos por concretizar. O Pacto Amazônico não passava de uma idéia. O diálogo do Brasil com o Grupo Andino apenas ensaiava as primeiras linhas.

Hoje, assinado e ratificado por oito países, o Tratado de Cooperação Amazônica é realidade sólida que, há menos de um ano, reuniu seus Chanceleres em Belém do Pará e agora se prepara para convocar seu Conselho em Lima.

Entre o Brasil e o Grupo Andino desenvolveram-se, da mesma forma, vínculos múltiplos, flexíveis, traduzidos em mecanismos permanentes de colaboração e consulta.

Está praticamente terminado o arcabouço institucional das relações bilaterais, obra de arquitetura diplomática destinada a sustentar as iniciativas específicas. Já dispomos do Convênio de Amizade e Cooperação, moldura geral e roteiro de trabalho, que opera através do mecanismo da Comissão de Coordenação.

Completam o conjunto o Convênio de Cooperação em Ciência e Tecnologia, o moderno Acordo Cultural, os acordos sobre bancos, saúde, drogas, bitributação, o *memorandum* de cooperação sobre energia nuclear.

Todos esses documentos estão implantados e em operação, com sensíveis resultados no domínio do concreto.

Em menos de 4 anos, saltamos de 8 para 100 mil barris diários de petróleo importado da Venezuela. O intercâmbio comercial nos dois sentidos, que era de 300 milhões de dólares, já ultrapassa 1 bilhão. Em 1980, nossas importações de produtos venezuelanos cresceram a uma taxa de quase 150% em relação ao ano anterior.

Os bancos e grandes empresas de cada país começam a ter presença permanente nos centros econômicos do outro. Estamos construindo, juntos, gigantesca obra de infra-estrutura.

Como se vê, foi acelerada a velocidade das transformações. O momento agora é de consolidação dos avanços, de aprofundamento das bases, de pleno aproveitamento e aplicação dos numerosos instrumentos internacionais já existentes.

Essa tarefa inclui a busca de novas oportunidades objetivas e pragmáticas de colaboração para benefício mútuo. Oportunidades que possibilitem, dentro de um quadro de globalidade, a participação de cada um dos parceiros em grandes projetos industriais ou agropecuários de interesse prioritário.

Por esses meios práticos, assim como pela intensificação que temos imprimido às nossas consultas sobre temas internacionais, estamos hoje consolidando, por ca-

minhos diversos mas com o mesmo fim, a independência iniciada há quase dois séculos — consolidação indispensável ao aperfeiçoamento democrático.

Ao recordar o momento distante em que brasileiros e venezuelanos começamos a assumir nosso próprio destino, é um grato dever de reparação histórica voltar a Abreu e Lima.

Filho de um mártir da Revolução de 1817, um dos mais importantes movimentos brasileiros de autonomia, Capitão de Artilharia pela Academia Real Militar, José Inácio de Abreu e Lima foi uma figura em alto grau representativa da Era do Romantismo, do agitado início do Século 19, período de revolução marcante na política e nas artes.

Veterano de sete anos de lutas sob as ordens de Bolívar, combatente das batalhas libertadoras de Carabobo, onde foi ferido, e de Boyacá, polemista temível fiel ao Libertador até a morte, ajudante-de-ordens do General José Antonio Paéz, a quem deveu a promoção a Coronel, Abreu e Lima desenvolveu, ao voltar ao Brasil, fecunda carreira de historiador e escritor.

Não abandonou porém, mesmo na velhice, o espírito de inconformismo, o amor à luta e à liberdade. Envolveu-se na Revolta Praieira e, pouco antes de morrer, em polêmicas religiosas.

No Recife, irá Vossa Excelência encontrar, no túmulo em que repousa há 112 anos, o soldado e intelectual que escolheu para epitáfio a frase: «Aqui Jaz O Cidadão Brasileiro General José Inácio D'Abreu e Lima, Propugnador Esforçado da Liberdade de Consciência».

Nunca o esqueceram na Venezuela. Seu nome encima a coluna dos combatentes estrangeiros da Avenida dos Próceres e tem recebido homenagens de instituições civis e militares.

Faltava, porém, devolvê-lo ao convívio dos seus antigos camaradas de armas, aqueles com quem lutou ombro a ombro, Bolívar, Sucre, Paéz, Soubllette, Urdaneta, cujas figuras honram o Salão Elíptico do Congresso Nacional em Caracas.

Esperando que, um dia, o nome daquele que representou o primeiro traço de união entre nossas pátrias seja dado à estrada que liga Manaus a Caracas, entrego, com emoção, a Vossa Excelência este retrato do General José Inácio de Abreu e Lima. No Salão Elíptico, na Caracas que tanto amou, debaixo das armas entrelaçadas do Brasil e da Venezuela, irá juntar-se a seus companheiros o herói brasileiro, símbolo perene da amizade indestrutível entre os nossos dois povos.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

11 DE AGOSTO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER COMISSÃO
DA ITAIPU BINACIONAL

Meu Prezado Amigo, General Costa Cavalcanti,
Dr. De Bernardi,
Meus Senhores:

É para mim motivo de satisfação e alegria vê-los mais uma vez aqui reunidos no meu Gabinete. Essa alegria não decorre apenas de mais uma oportunidade de poder rever amigos paraguaios e brasileiros, alguns dos quais amigos diletos de muitos anos. Não vem apenas da possibilidade da alegria de ver aqui o meu amigo Costa Cavalcanti, tão avesso a entrar neste Gabinete que algumas vezes lhe tenho chamado a atenção pela sua ausência e que interpreto e tenho interpretado como a obra de Itaipu, mas, principalmente, para poder reafirmar perante os Senhores o que naquela oportunidade primeira eu havia dito: apesar das dificuldades por que passa o Brasil, o projeto Itaipu não sofrerá retardos. Se há projeto ao qual o meu Governo vai dedicar todo o esforço, e eu prometi aos Senhores, seria o projeto de Itaipu, para o qual não faltariam recursos.

Felizmente, posso assegurar aos Senhores que, apesar das dificuldades — o General Costa Cavalcantai e o Engenheiro De Bernardi são testemunhas — o meu Governo tem cumprido a palavra. E já posso vislumbrar o ano de 1983 como aquele ano em que nós, brasileiros e paraguaios, juntos, vamos festejar o início do funcionamento dessa grande obra.

Bem sei das dificuldades por que os Senhores têm passado e bem sei do esforço conjunto de paraguaios e de brasileiros, em contornar as divergências naturais que um projeto grandioso desse pode trazer, para poder dar o exemplo aos nossos países amigos da América do Sul, e, porque não dizer também, a outros países do mundo, de que pode fazer o esforço conjunto de dois povos determinados em aproveitar essas riquezas; e esse exemplo ficar na história do desenvolvimento econômico dos nossos dois países.

Tenho a certeza de que todo o mundo está voltado para nós, com os olhos focados na obra de Itaipu e a festa de inauguração há de ser uma festa paraguaio-brasileira, mas uma festa de exemplo para confraternização, em particular da América do Sul.

Muito obrigado aos Senhores.

11 DE AGOSTO
EXBAIXA DA VENEZUELA
BRASÍLIA — DF
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA
VENEZUELA, SENHOR LUIS HERRE-
RA CAMPINS

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Venezuela, Luís Herrera Campíns:

Fiquei profundamente sensibilizado com as palavras eloqüentes e calorosas que acabamos de ouvir, fiel expressão da generosidade de Vossa Excelência.

Ao agradecê-las em nome do povo brasileiro — seu legítimo destinatário — desejo dizer-lhe que as recebemos como expressão dos vínculos cada vez mais profundos que nos unem a nossos irmãos venezuelanos.

Senhor Presidente,

Em meio às homenagens e provas de simpatia de que lhe dão testemunho, a cada momento, as autoridades e o povo do Brasil, pôde Vossa Excelência conhecer de perto as grandes instituições do País, cumprindo assim a primeira parte do seu programa entre nós.

Pessoalmente, Vossa Excelência terá verificado que é unânime e sincera a satisfação com que acolhemos sua honrosa visita.

Entre velhos amigos que se reencontram, as conversas costumam ser amplas e profundas. Amplas, pela necessidade de passar em revista o mundo e seus problemas; profundas, porque nos falamos diretamente, sem rodeios.

Foi essa atmosfera descontraída e de compromisso apenas com a verdade que nos levou tão longe na convergência de opiniões sobre as questões essenciais dos dias que correm.

Ao lançar os olhos ao panorama de luz e sombras que nos rodeia, coincidimos em que seu elemento principal é a inevitabilidade das mudanças.

As forças de transformação hoje se fazem sentir em duas direções principais.

A primeira é a da paz e segurança. Não apenas o adiamento, sempre precário, da guerra. Mas a paz verdadeira que permita inverter em definitivo, a espiral da corrida de armamentos e do equilíbrio de terror.

Tem havido, nesse caminho, retrocessos inquietantes provocados pela intervenção armada em países da periferia do sistema de força ou por ameaças de uso do constrangimento para inibir a autodeterminação de parceiros.

A cada um desses atentados correspondem abalos no frágil edifício da distensão internacional e um aumento nos níveis de confrontação ideológica.

Não que se possa ou deva ignorar que, no mundo atual, existem modelos de organização política e sócio-econômica estruturalmente diferentes.

Nem que se deseje evitar a escolha entre eles. De nossa parte, há muito fizemos opção irreversível pelo

modelo ocidental de estado democrático, de sociedade pluralista e aberta, de economia descentralizada de mercado.

A fidelidade à nossa escolha não nos inibe, porém, de reconhecer que nem tudo, neste vasto e complexo planeta, se reduz à questão de ideologia ou deve ser pesado e medido pelos seus parâmetros.

Erram os que subordinam ou condicionam a essa disputa a solução inadiável dos problemas ligados aos resquícios do colonialismo, ou a regimes racistas que atentam contra a consciência humana.

Da mesma forma, interesses estratégicos ou conceitos exagerados, elásticos e unilaterais de defesa preventiva não conferem, a país algum, a faculdade abusiva de violar a lei internacional e pôr a paz em perigo.

O segundo vetor de transformação histórica é a exigência e mecanismos corretivos das assimetrias e desequilíbrios do sistema internacional.

Se a liberdade foi a paixão que alimentou os movimentos de descolonização do século dezanove e do último pós-guerra, a igualdade é o anseio que domina hoje a pauta do debate internacional.

Não se trata, é claro, de desconhecer diferenças objetivas de recursos humanos ou materiais. O que se deseja é a mudança das estruturas atuais, que aprofundam o abismo entre países ricos e pobres, condenando estes últimos à desesperança perpétua da fome, da ignorância e da miséria.

Para romper o círculo vicioso do subdesenvolvimento, já se viu que não bastam as engrenagens automáticas da presente organização econômica e comercial e o jogo, raramente livre, das forças do mercado.

Impõe-se um esforço planejado e vigoroso para atualizar as bases estruturais da ordem internacional, através da abordagem global e negociada dos temas do diálogo entre o Norte industrializado e o Sul subdesenvolvido.

Lembram-nos as Escrituras que «uma casa dividida contra si mesma não subsistirá». É ilusório pensar que se possa ingressar no terceiro milênio, já tão próximo, sem oferecer, ao menos, alívio à frustração das nações em desenvolvimento.

É por isso que não pode ser diluído o tratamento das questões Norte-Sul, nem rebaixada a sua prioridade.

Assim como, no plano político e de segurança, reconhecemos a procedência das apreensões diante de ameaças ideológicas, da mesma forma compreendemos a realidade da crise que afeta as grandes economias do Ocidente.

Acreditamos, contudo, que essas dificuldades, por graves que sejam, não justificariam sacrificar novamente as expectativas que se criaram nos países em desenvolvimento. Alenta-nos ver que esse ponto-de-vista, tantas vezes expressado pelo meu Governo, encontrou algum eco no recente encontro de cúpula de Otawa.

Em relação à crise econômica ocidental, o diálogo com os países em desenvolvimento não é parte do problema, mas sim da sua solução.

Após a fantástica expansão da produção e do comércio que culminou no início da década de 70, a economia ocidental atingiu nível de saturação de consumo e de aguda competição interna. Sua dependência de mercados do Terceiro Mundo é cada vez maior.

Não há como duvidar, portanto, de que o revigoreamento das economias menores venha a contribuir para um novo ciclo de aumento da produção industrial e do comércio nos países avançados.

Voltamos, portanto, ao ponto de onde partimos. A mudança não só é inevitável, mas desejável. Mudar de uma situação de tensão para uma de maior cooperação internacional. Transformar a estagnação do subdesenvolvimento em prosperidade para o conjunto do sistema.

Temos na memória as lições do passado recente: atrasar a mudança necessária será condenar-nos ao radicalismo, à veemência.

Para evitar que isso suceda, para garantir que a renovação se realize sob o signo da durabilidade e da solidez, é imprescindível que ela se faça dentro do jogo democrático.

É esse mais um terreno em que coincidem a Venezuela e o Brasil.

Creemos firmemente que, tanto em âmbito interno como no tocante à reforma do sistema internacional, só o diálogo poderá canalizar as mudanças por vias pacíficas e equilibradas.

Só a democracia poderá fazê-lo, porque nenhum outro sistema assegura a participação e o pluralismo de correntes, o respeito mútuo e a tolerância — condições para que as reformas correspondam à justiça e as transformações que acarretam sobrevenham sem opressão da maioria ou sacrifício de minorias.

Entre os muitos e importantes benefícios que nos traz a visita do mandatário de um país de tão admirável compromisso com a democracia, só este bastaria para

conquistar nosso reconhecimento: a presença de Vossa Excelência, Senhor Presidente, oferece oportunidade única para renovarmos a expressão de nossa inabalável confiança no livre debate, na conciliação de interesses, nas soluções pacíficas e construtivas, tanto dentro de nossas fronteiras quanto no cenário internacional.

Com esta profissão de fé, peço a todos que comigo brindem às fraternas relações entre o Brasil e a Venezuela, à prosperidade e bem-estar do grande povo venezuelano e à ventura pessoal e contínuos êxitos de Sua Excelência o Senhor Presidente Luís Herrera Campíns e sua Digníssima esposa.

12 DE AGOSTO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO EMPOSSAR O NOVO
MINISTRO DO GABINETE CIVIL, DOU-
TOR JOÃO LEITÃO DE ABREU

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,
Senhores Ministros:

A exoneração do Ministro Golbery, da Chefia do Gabinete Civil da Presidência da República, consequência de pedido a mim formulado, em caráter irrevogável, levou-me a me fixar no nome do Doutor João Leitão de Abreu. Além dos méritos de caráter, de inteligência, de espírito público, de cultura, de saber jurídico, de experiência administrativa e de fácil trato nas questões de natureza política, aliados à condição de fraternal Amigo, tal como o General Golbery, pesou sobremodo na minha decisão o fato de o seu nome, não possibilitar descontinuidade na rotina de trabalho de tão importante órgão de meu assessoramento direto. Tenho a certeza de que o Doutor Leitão de Abreu na Chefia do Gabinete Civil, pelo que dele eu e a Nação conhecemos, saberá manter o alto padrão de serviços que vinha sendo desenvolvidos pelo seu antecessor. A grandeza do seu gesto

ao aceitar com presteza o convite que lhe formulei deve ser por mim ressaltada, e respondida com o meu agradecimento, Doutor Leitão, que apresento junto com a tranquilidade de expectativa do seu bom êxito.

Muito obrigado Doutor Leitão de Abreu.

13 DE AGOSTO
PARQUE DE EXPOSIÇÃO
SANTA ROSA — RS
IMPROVISO AO ENCERRAR A 5ª FEI-
RA NACIONAL DA SOJA

A minha presença hoje, aqui, neste Município, responde a duas necessidades da minha consciência. A primeira, é que não poderia estar ausente, na oportunidade em que os meus patrícios do Município festejam os seus 50 anos de independência política. E eu queria estar aqui presente para trazer o meu abraço e dizer que estes 50 anos foram acompanhados por mim desde Alegrete. E eu sei bem os sacrifícios que a gente desta terra teve que fazer para levar o Município ao 4.º lugar na escala de progresso das comunidades do Rio Grande do Sul.

Em segundo lugar, não poderia estar ausente nas festividades da 5.ª Fenasoja. De um lado, para homenagear o produtor desta terra, e, em homenageando, estender esta homenagem àqueles que acreditam no futuro desta terra. Em segundo lugar, de outro lado, para uma reafirmação daquilo que ainda candidato fazia e na qual persisto, de que a saída rápida e menos onerosa pelas dificuldades por que passa a Nação ainda está na nossa agricultura.

Apesar de todas as dificuldades, apesar de todos os obstáculos que se antepõem para que possamos botar aqueles recursos que desejávamos à disposição do produtor agrícola, apesar de procurarmos em todos os escaninhos do nosso orçamento aqueles recursos, que mais me afligem a frente da administração do País, e que são essa saída para a dificuldade, através da agricultura, e o apoio ao povo sofrido do Nordeste. Apesar de todas essas dificuldades sempre tenho encontrado algum escaminho onde encontro umas pequenas moedas que trago a esta gente.

E entre todas as queixas que ouço, algumas queixas até transformadas em gritos, eu vejo o exemplo da gente desta terra, que persiste em acreditar na minha palavra e esperar um pouco mais, esperar até que aqueles grandes projetos que já se encontram em andamento, e que poderão num prazo de três anos, eu quero crer, dar um pouco de desafogo ao nosso esvaziado cofre, e eu possa então trazer os recursos que eram o meu sonho de candidato. Dai porque, estou presente aqui, para esta reafirmação e para homenagear aqueles que acreditaram e que ainda, acreditam na minha palavra.

E conclamar através do povo de Santa Rosa a todos os brasileiros que sigam este exemplo, e que cooperem para que possamos atingir esta meta de três anos, e ao mesmo tempo termos alguns recursos para destinar a obras sociais, tão urgentes, hoje, e algumas, até, inadiáveis.

Eu quero dizer a gente desta terra que eu não tenho medo do dia de amanhã.

Eu tenho medo da desesperança; eu tenho medo da descrença, eu tenho medo dos fracos, que podem contaminar os débeis de caráter e de vontade. Mas, eu não te-

nho medo da gente desta terra, porque é uma gente que ama esta Pátria, e que sabe que não há de ser através de querelas políticas, de frustrações pessoais, que se vá abandonar aquele único interesse que é o que nos move, o progresso e a felicidade do povo deste Brasil.

E daí, conclamo e peço ao povo de Santa Rosa que me ajude nesta conclamação, que venham juntar-se a nós, não aqueles apenas que nos apóiam, mas àqueles que, do outro lado, também amam esta terra, e que junto conosco busquemos soluções para os nossos problemas e deixemos para dias melhores aquelas afirmações retóricas que a nada levam, que só conduzem à divisão, que só conduzem à frustrações pessoais, que só conduzem ao desânimo e à tristeza.

Eu tenho certeza que eu vindo aqui hoje e fazendo este apelo há de sair daqui de Santa Rosa uma voz para que nos unamos todos e aceitemos o sacrifício, de prazo curto, para que todos juntos, os que vivem nesta terra possamos construir dias melhores para amanhã, dias em que possamos encarar de frente os nossos filhos e voltar para casa à noite sabendo que iremos encontrar apenas semblantes alegres.

Muito obrigado.

1. 1

2. 2

3. 3

4. 4

5. 5

6. 6

7. 7

8. 8

9. 9

10. 10

11. 11

12. 12

13. 13

14. 14

15. 15

16

17

18

14 DE AGOSTO
SEDE DA CONFEDERAÇÃO DAS CLASSES PRODUTORAS
RIO DE JANEIRO — RJ
DISCURSO DURANTE ENCONTRO
COM O EMPRESARIADO NACIONAL

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Dei minha concordância a esse encontro com o empresariado nacional, promovido pelas confederações que o congregam, porque acolho sempre com satisfação as oportunidades de conhecer, por minha própria avaliação, em contatos desta natureza, os anseios, preocupações, dificuldades e alegrias do povo brasileiro. É uma das formas de orientar minha responsabilidade primeira por sua felicidade, bem-estar e realização.

Sabia que me pretendiam homenagear por uma promessa cumprida, e não escondo uma ponta de orgulho, no agradecimento a Deus, pelo benefício que me concedeu proporcionar à sociedade.

Mas a homenagem reverte a seus promotores, depois das palavras que acabamos de ouvir. O Senhor Azevedo Antunes, empresário de realizações e méritos indiscutíveis, na representação de todos os Senhores que

lhe foi conferida, mostrou-me o que deve o Brasil a seus homens de empresa, por sua convicção democrática, profunda e coerente, pela consciência de suas responsabilidades no aperfeiçoamento da sociedade e pelo exercício dessa responsabilidade, tanto mais difícil quanto maiores as variações de quadro da conjuntura nacional, entendo que o Governo, por seu Chefe, ministros e funcionários, munido de autoridade e dos instrumentos de execução, exerce uma delegação do povo, que dele espera a concretização de suas aspirações.

Ao buscar o diálogo, sempre que possível com segmentos representativos, tenho procurado definir e precisar essas aspirações, aceitando críticas que aperfeiçoem minha visão de conjunto ou setorial, mas insistindo em que venham acompanhadas de propostas válidas, de alternativas exequíveis para substituir as soluções em curso.

Minha insistência decorre da consciência da falibilidade do Homem, que não é menos passível de erro por estar no Governo. E da crença arraigada no sistema democrático, que só subsiste e se desenvolve na participação de todos pelo bem comum.

A ação de Governo que hoje, todos juntos, comemoramos, é um exemplo eloquente desta participação.

Não prometi frear e inverter o sentido do exercício, pelo Estado, de atividades de produção que podem caber à iniciativa privada, por ter descoberto, sozinho, a distorção que se agigantava.

Devo a muitos dos Senhores o sinal de alerta.

Como devo a essa mesma colaboração, enfeixada e organizada por meus ministros, a efetivação de minha promessa, em decreto que fortalece o sistema de livre

empresa — consolida a grande empresa privada nacional, e agiliza a transferência de seu controle para o setor privado, sem comprometer o interesse da segurança nacional, a necessidade de viabilizar o desenvolvimento do próprio setor privado e de assegurar o controle do Governo sobre o desenvolvimento nacional.

Daí porque, repito, a homenagem reverte a seus promotores.

Ao agradecer-lhes, peço mais colaboração.

Se é verdadeiro o conceito de que a instituição democrática se fortalece com a responsabilidade de cada um pelo bem comum, essa responsabilidade é maior nos ombros do empresário, seja ele de micro ou de grande empresa.

Porque a imensa colméia de atividade produtiva, que se estende por todo nosso território, tem em cada célula que a compõe a amostragem de nossos problemas e de nossos êxitos, não só no campo econômico, mas também no social e no político.

E porque é de seu labor profissional que nasce a maior parte da riqueza alimentadora de nosso desenvolvimento.

O momento é de vicissitudes e as sofre com intensidade pelo menos igual a qualquer dos Senhores.

Mas não são maiores do que nossa capacidade de superá-las, neste celeiro abarrotado de valores humanos que é nosso País.

Alguns percalços se podem superar prontamente e o são.

Outras moléstias são de ciclo lento, às vezes com recidivas, mas vão sendo, a pouco e pouco, debeladas.

Confio na inventiva e agilidade dos homens de empresa, tanto quanto na aplicação e competência de meus auxiliares de Governo, para a estabilização de nossa economia, com todos os efeitos benéficos que trará aos campos social e político.

Com a compreensão e colaboração do empresariado brasileiro, aqui expressivamente representado, reconforta-se minha firme determinação de prosseguir no caminho que tracei.

Muito obrigado.

20 DE AGOSTO
HOTEL HILTON
SÃO PAULO — SP

DISCURSO POR OCASIÃO DA SESSÃO
SOLENE DE INAUGURAÇÃO DO 10.^o
CONGRESSO MUNDIAL DE DIREITO

Senhor Presidente do Décimo Congresso Mundial de Direito:

As palavras que Vossa Excelência acaba de pronunciar situam com clareza o significado e a importância dos trabalhos realizados pelo Décimo Congresso Mundial de Direito. A nós, brasileiros, particularmente os da Cidade de São Paulo, é especialmente grato acolher tantos e tão renomados juristas, que em nosso País se reúnem para examinar temas de Direito e seu impacto sobre os principais problemas internacionais da atualidade.

O Brasil, Senhores Congressistas, tem inabalável compromisso com a paz e o desenvolvimento. Contamos com uma tradição de respeito às normas do Direito Internacional, que nos foi legada pelo Império e aperfeiçoada pela República. Sobretudo, tem-se o Brasil empenhado em promover a aplicação de normas e princípios jurídicos às disputas concretas entre nações, e em estimular sua codificação e progressivo desenvolvimento no plano multilateral.

Nossos objetivos e comportamentos vão, portanto, ao encontro dos ideais que movem este Congresso. Vemos a decisão de realizá-lo em São Paulo como uma expressão feliz dessa convergência. A presença dos Senhores entre nós corresponde, em certa medida, a um reconhecimento da contribuição prestada pelo Brasil ao avanço do Direito Internacional, como instrumento com que se afastem as soluções de força, e com que se generalize o progresso econômico.

A ampla agenda deste Congresso recolhe temas de interesse imediato para o Brasil. Numa conjuntura internacional em que se acentuam os sinais de crise política e econômica, é imperativo que sejam redobradas as iniciativas, nos mais variados níveis, para aperfeiçoar as bases da convivência entre os Estados.

Nesse contexto, temos a convicção de que este Congresso constituirá uma contribuição valiosa, e a esperança de que suas recomendações serão examinadas com cuidado e atenção em todos os países.

Na opinião do Governo brasileiro, torna-se crucial, neste momento de crescentes dificuldades internacionais, a fiel observância dos princípios da autodeterminação dos povos, da igualdade soberana dos Estados e da não-ingerência recíproca em assuntos internos. Torna-se, por igual, urgente a mais ampla utilização dos métodos reconhecidos de solução pacífica das controvérsias internacionais, assim como a promoção da verdadeira cooperação entre as nações, vale dizer, daquela que não comporta hipocrisias, nem pretensões hegemônicas ou de dominação.

Na visão de meu Governo, o receituário jurídico-político da paz e do desenvolvimento deve substituir a

lógica da força e da ameaça. Numa época em que está aberta a possibilidade de conflito, especialmente entre as potências dotadas de armamento nuclear, insistimos não só no direito de cada país à simples sobrevivência, mas também em que todos os povos, e em particular os que lutam com maiores dificuldades, têm direito a condições de vida melhores e mais justas.

Para tanto, será fundamental a transformação do Direito Internacional, sua adequação perfeita às necessidades e aspirações contemporâneas, sua utilização como fator de progresso e não de entorpecimento das relações entre Estados. O Direito deve estar a serviço da causa da justiça, criando-se e desenvolvendo-se, para esse fim, novas possibilidades de ordenação internacional.

Nesse sentido, preocupam-se temas tão variados quanto o direito de acesso de todos os países ao conhecimento científico e tecnológico; e a seus benefícios; a efetiva modernização do Direito do Mar, e a firme implementação do princípio de que os fundos marinhos além das jurisdições nacionais constituem patrimônio comum da Humanidade; a necessidade de eliminar artifícios legais que permitem a sobrevivência, nos países avançados, de práticas de protecionismo comercial, práticas essas que a um só tempo prejudicam as exportações dos países em desenvolvimento, e embaraçam a própria recuperação da economia mundial.

Confio em que os Congressistas aqui reunidos — juristas experientes, homens afeitos aos problemas internacionais e dedicados ao desenvolvimento da função da lei na vida internacional — saberão distinguir o rumo essencial de minhas preocupações.

Desejo, numa palavra última, deixar com essa conferência a convicção de que o Direito Internacional é ba-

se onde se escora a causa da paz e do desenvolvimento. Afirmo que o Brasil continuará a prestar sua contribuição para a construção de uma ordem internacional mais pacífica, mais livre e mais justa.

Nesse espírito, faço votos pelo êxito dos trabalhos do Décimo Congresso Mundial de Direito.

Muito obrigado.

24 DE AGOSTO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF
IMPROVISO AO RECEBER MEMBROS
DO CICYP CONTINENTAL

Senhor Theófilo de Azeredo Santos,
Senhor José Represas,
Presidente do CICYP Continental,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Eu agradeço sumamente honrado a presença dos Senhores aqui em minha casa de trabalho. As palavras que acabo de ouvir do Dr. Theófilo e do Dr. Represas, posso garantir aos Senhores que servem de estímulo para mim. Se alguma coisa tenho feito no sentido de valorizar a empresa privada, devo ao trabalho encorajador dos Senhores empresários, que desde o começo do meu Governo não me têm faltado com a sua presença, com o seu conselho, com o seu apoio e às vezes até com as suas críticas.

Estou convencido, como estão todos os Senhores, que a mola mestra do desenvolvimento de um país, no regime em que vivemos, é a empresa privada. Daí por que, acho que cabe ao Estado apenas estabelecer aquelas normas que possibilitem a empresa privada traçar os rumos do desenvolvimento do País. Se alguma coisa, que

pese, o meu Governo tem feito, é justamente valorizar essas empresas. E, disso, muito me orgulho.

Por outro lado, fazendo referências às palavras do Senhor José Represas, tem sido uma obsessão de minha parte aproximar cada vez mais o meu País dos países amigos, a fim de possibilitar, não apenas uma maior conexão política nos nossos ideais democráticos, mas, também, aprofundá-las de maneira a haver um intercâmbio maior em todos os setores, culturais, econômicos e financeiros. Daí por que, vejo também nesse setor o grande apoio que tenho recebido da classe empresarial que segue ao meu lado, nas minhas viagens, a fim de incrementar esses laços com os nossos países irmãos. Só assim, tenho certeza, nós poderemos ter uma voz, digamos, com um diapásão um pouco mais convincente no cenário internacional.

Muito obrigado.

26 DE AGOSTO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO EMPOSSAR O NOVO
CHEFE DO EMFA, GENERAL ALACIR
WERNER

Senhores Ministros,
General Ferraz,
General Werner:

Desde os idos de 1935 que conheço de perto o General Alacir Werner. Nesses 46 anos de convivência acostumei-me a aplaudir e às vezes até a invejar a sua inteligência, a sua dedicação ao serviço, a sua objetividade, o seu desprendimento e também a sua humildade e a sua modéstia. Privei diretamente com o General Werner na Escola de Estado-Maior e nessa oportunidade pude testar de perto que não me enganara a respeito de suas qualidades morais e profissionais. Daí porque eu estou bem a vontade com a minha consciência porque sei que o General Werner será um digno sucessor do General Ferraz na Chefia do Estado Maior das Forças Armadas.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

26 DE AGOSTO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO DURANTE CERIMÔNIA
DE ENTREGA DO «PRÊMIO TECNOLO-
GIA» INSTITUÍDO PELO LICEU DE
ARTES E OFÍCIO DE SÃO PAULO

Senhor Ministro das Comunicações Haroldo de Mattos,
Senhor Lindenberg Monteiro,
Senhor Gurgel de Amaral,
Senhor Superintendente do Liceu de Artes e Ofícios
de São Paulo,
Senhores Membros do Conselho,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

O Prêmio Tecnologia, em boa hora instituído pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, coube este ano à Amaral Gurgel S.A. E, eu quero crer, que o juri se fixou na Amaral Gurgel, não apenas pela criatividade de seus técnicos, mas principalmente pelo que esse veículo elétrico que apresentou significa como opção para uma nova alternativa energética. É tal a importância do evento para nós que vivemos a crise energética que o Ministério das Comunicações apressou-se — esse é o termo — em adquirir cinco desses veículos para a manutenção da

sua rede. E já se dispõe a adquirir mais, dando assim um exemplo e estímulo para a firma vencedora. Eu quero crer, e me congratulo com o Senhor Ministro das Comunicações por esse motivo, que outras firmas, que outras entidades governamentais e outras entidades privadas, baseadas no exemplo e nas conclusões positivas a que, estou certo, irá chegar o Ministério das Comunicações, possam vir a adquirir outros veículos e assim incentivar mais os nossos técnicos. Congratulo-me, meus Senhores do Liceu de Arte e Ofícios, pelo que de estímulo têm dado à nossa tecnologia, pelo incentivo que têm trazido aos nossos técnicos e principalmente pela ajuda que os Senhores têm dado ao esforço do Governo Federal em resolver os nossos problemas.

Muito obrigado.

01 DE SETEMBRO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA RE-
PÚBLICA DA COLÔMBIA, SENHOR
JÚLIO CÉSAR DE TURBAY AYALA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República da
Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

A presença de Vossa Excelência no Brasil tem o
mais alto significado para as relações entre nossos dois
países:

Há menos de seis meses, tive a grata oportunidade
de estar na Colômbia e ser o primeiro Chefe de Estado
brasileiro a visitar Bogotá.

Recordo, com emoção, as demonstrações da hospi-
talidade generosa com que o povo e o governo da Co-
lômbia nos acolheram a mim, à minha mulher e à mi-
nha comitiva.

Sensibilizou-me, sobretudo, a genuína e cordial sim-
patia que os colombianos dedicam aos brasileiros. Estou
seguro de que Vossa Excelência e a Senhora Turbay
Ayala, assim como a ilustre comitiva que o acompanha,
testemunharão, nesta viagem, o afeto que os brasileiros
nutrem pela Colômbia e por seu ativo povo.

Nosso reencontro, passados poucos meses, é indício alentador das potencialidades do relacionamento entre a Colômbia e o Brasil e das perspectivas de sua cooperação em todos os setores.

Fundado na secular amizade que vincula nossos países, esse diálogo se alimenta da franqueza e da cordialidade próprias ao reencontro entre irmãos. E representa a determinação política dos dois governos de fortalecer e diversificar suas realizações conjuntas.

Senhor Presidente,

Vivemos um momento em que, contrapondo-se à visão ética das relações internacionais e aos princípios da cooperação igualitária e do diálogo franco, parecem querer ressurgir ultrapassadas vocações hegemônicas, equações de equilíbrio de forças, partilhas de esferas de influência e velhos intervencionismos.

O panorama é de natureza a preocupar os que, como nós, temos na paz, na cooperação e no desenvolvimento as principais metas de nosso comportamento externo.

Enfrentamos, portanto, novos óbices — que acreditávamos suplantados — à realização de nosso projeto diplomático. Alenta-nos, porém, uma tradição comum latino-americana, rica em experiência de paz e de solidariedade internacional. Princípios como, entre outros, o da não-intervenção, o do respeito à soberania dos Estados, o da solução pacífica de controvérsias e o da integração, não constituem, para nós, formas retóricas de estilo. Representam, ao contrário, padrões indispensáveis à conduta internacional dos Estados soberanos.

Na presente conjuntura, a América Latina não pode senão reafirmar os princípios que foram sua contribui-

ção pioneira à vida e ao direito internacionais. Deve traçar caminhos regionais autônomos, e demonstrar que a solução dos problemas coletivos só pode ser procurada no diálogo.

Temos os olhos postos na paz e na segurança internacionais, binômio que se desdobra no esforço pelo desarmamento entre as nações, na disposição permanente para a solução pacífica de controvérsias, e na definição de um espaço internacional propício ao desenvolvimento.

Preocupa-nos, nesse contexto, a estagnação das negociações econômicas no diálogo Norte-Sul, carregada de efeitos negativos sobre a cena internacional. Nossas propostas não se materializam em recriminações, mas na busca de plataformas comuns para a geração de vitalidade econômica. Em tal processo, não se darão passos expressivos se a inteligência econômica se dissociar da ética e da sensibilidade política. É fundamental que, no diálogo Norte-Sul, se combinem técnica e justiça, interesse e ética. E para que seus frutos sejam duradouros, toda convergência de interesses deve estar modulada pela equidade.

Não andamos, nós, países do Sul, em busca de benevolência, mas de maior equidade no sistema econômico global. Não desejamos soluções de superfície, soluções que aliviem consciências, sem constituir base para a real cooperação, em níveis progressivamente mais equilibrados. Não desejamos acertos retóricos, que servirão apenas para gerar, ao longo dos anos, a frustração e o ressentimento.

A verdadeira equação para as tensões internacionais deve estar fundada na confiança entre o Ocidente e os países do Terceiro Mundo. Para tanto, esperamos ver

realizados maiores progressos, na esteira da reunião de cúpula de Cancún e no mecanismo das negociações econômicas globais.

Não será possível estruturar um sistema internacional equilibrado e estável se não houver disposição de transformar e inovar. Não haverá paz sem confiança, nem confiança se o diálogo se apartar dos ideais de progresso e justiça.

Senhor Presidente,

Manancial importante da cultura latino-americana, a Colômbia permanece como centro irradiador de uma atividade cultural que já a notabilizava nos tempos coloniais.

Rica na expressão do espírito, a Colômbia se distingue também pelo seu acelerado desenvolvimento econômico e social, e pelos princípios de convivência política que pratica, nas esferas interna e externa.

Colômbia e Brasil, nesse sentido, encontram pontos de evidente afinidade. Compartilhamos um conjunto de valores, de que decorre o compromisso comum da edificação de sociedades abertas, com a participação consciente e responsável de todos os setores da sociedade. As realizações democráticas da Colômbia são extremamente importantes para nossa região. Estou convencido de que, no Brasil, tanto quanto na Colômbia, existem condições para que, sem qualquer ruptura, se construam bases sólidas para sociedades cada vez mais justas e prósperas.

Fiz da construção democrática do Brasil o cerne do programa político do meu Governo. Encontro-me inspirado, no desenvolvimento deste projeto, pela firme convicção de que a democracia é vocação natural do povo brasileiro. O processo político que hoje vivemos no Bra-

sil tem dinâmica irreversível. Não serão percalços de natureza econômica que irão interrompê-lo. Pelo contrário, estou certo de que, em estruturas políticas renovadas e de fortalecida legitimidade democrática, será mais fácil enfrentar os desafios econômicos e vencê-los:

Senhor Presidente,

Desde o século XIX, nos momentos iniciais da independência das nações latino-americanas, nossos ideais de convivência política foram informados pelo pluralismo e pela representatividade. Tantas vezes, não pudemos realizar esse ideal. Tantas vezes, a distância entre a retórica e a cena política foi tristemente expressiva. Dizia-se que os países legais eram diferentes dos países reais. Mas as discrepâncias não diluíram o veio profundo e permanente do ideal democrático, que hoje compõe uma das faces da presença da América Latina no mundo.

A América Latina vive momento especialmente fértil de renovação e de aprofundamento do diálogo político. Os caminhos da cooperação e do intercâmbio estão abertos. Os parâmetros que os orientam são modelares. Um deles é, exatamente, a delicada combinação entre a permanência das idéias comuns e a aceitação da diversidade no quadro internacional. Trocamos exemplos e experiências, êxitos e frustrações, mas não caminhamos no sentido da imposição de modelos, da determinação de influências e hegemonias. Esta prática une mais do que tudo. Ea nos proporciona a paz e, por isso, deve ser preservada e enriquecida.

Senhor Presidente,

É empenho de meu Governo estreitar os laços entre a Colômbia e o Brasil, concretizando todas as possibilidades abertas aos nossos empreendimentos comuns.

Durante sua vida independente, os dois países cultivaram profunda amizade. Como assinala em Bogotá, o Libertador Simón Bolívar, em seu discurso de acolhida ao primeiro enviado do Governo brasileiro, ressaltava ser o Brasil «uma das garantias mais poderosas que receberam as repúblicas da América, no caminho de sua independência». O Libertador já prenunciava, em sua visão ímpar de estadista, o quanto se poderiam beneficiar as duas nações com uma aproximação reclamada pela contigüidade geográfica e plasmada em ideais comuns.

A intensidade renovada dos contatos de alto nível entre os dois Governos permitiu, em nossos dias, a celebração de um elenco abrangente de acordos com de cooperação em campos prioritários. Nossos países dispõem, portanto, dos instrumentos adequados a um frutífero intercâmbio, de que o Tratado de Amizade e Cooperação é valioso exemplo.

A importância do café para a economia de nossos países tem sido fator de aproximação entre Brasil e Colômbia, na busca da defesa de seus interesses comuns. Nossa atuação tem-se pautado sempre pela busca do equilíbrio do mercado cafeeiro, com vistas a assegurar preços justos para nosso principal produto de exportação. Por esse motivo, é com grande preocupação que o Brasil encara os momentos de crise que o mercado internacional do café tem atravessado. Dentro, porém, do constante espírito de defesa dos preços, o Brasil mantém seu apoio ao Acordo Internacional do Café, como instrumento válido e eficaz para o ordenamento do mercado. Agora, ao se aproximar o ensejo em que o sistema de preços previsto no Convênio deverá ser renegociado, considero importante um trabalho coordenado por parte

dos países produtores, a fim de que a revisão e a atualização desse mecanismo se façam em bases justas.

Outro exemplo do potencial de nossa colaboração é o acordo sobre o carvão, em cujo âmbito temos trabalhado juntos desde 1976, com resultados alentadores. Creio ser de interesse recíproco que esse produto ganhe importância em nossa pauta bilateral.

Os acordos de cooperação técnica e científico-tecnológica, tanto os assinados em Bogotá quanto os que firmaremos em Brasília, orientam o intercâmbio de experiência e conhecimento, em áreas como a formação de recursos humanos, a preservação do meio-ambiente, o álcool combustível e a pesquisa agro-pecuária, entre outras tantas.

Seja no contexto coletivo, seja no bilateral, o Brasil está disposto a levar a cabo um trabalho de fecunda cooperação com os países amazônicos. A tarefa que nos espera é complexa e os frutos serão, em alguns casos, de longa maturação. Importa, assim, emprendermos uma intensa troca de opiniões e experiências sobre o desenvolvimento regional, e uma ação harmônica no campo da pesquisa científica e tecnológica.

Senhor Presidente,

O fortalecimento da colaboração entre o Brasil e a Colômbia tem reflexos positivos sobre a nossa região, e está compreendido no cenário mais amplo da unidade e da integração latino-americanas.

Nossos dois países são solidários com os anseios das demais nações da região, às quais nos unem históricos propósitos de paz e de desenvolvimento.

Tive a grande satisfação de reencontrar, em Vossa Excelência, o estadista com ampla percepção dos problemas contemporâneos e o interlocutor plenamente identificado com a causa da amizade entre os dois países.

As proveitosas conversações que mantivemos e os acordos que iremos celebrar reiteram a firme disposição da Colômbia e do Brasil de abrir novos caminhos de entendimento.

É com esse espírito de fraternidade que convido todos os presentes para comigo brindarem à felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Turbay Ayala, à crescente prosperidade e concórdia da nobre nação colombiana e à amizade leal, sincera e crescente entre as duas repúblicas irmãs.

02 DE SETEMBRO
CLUBE NAVAL
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO PRESIDENTE DA
COLÔMBIA, SENHOR JÚLIO CÉSAR
DE TURBAY AYALA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

As palavras de Vossa Excelência confirmam a personalidade aberta e generosa do grande amigo que encontrei em Bogotá, do amigo sincero, que passei a admirar a partir do primeiro encontro que tivemos. Sabemos, Vossa Excelência e eu, que os amigos devem conversar, trocar idéias, discutir problemas e falar de seus planos.

Nesse sentido, muito me alegra que Vossa Excelência haja decidido aceitar o convite que lhe formulei quando de minha grata estada em Bogotá, em março último. Venho, agora, reafirmar, que todos nós brasileiros vemos no Presidente da Colômbia o representante das melhores qualidades de um povo irmão. As afinidades entre os povos da Colômbia e do Brasil exigem todo o empenho de seus Governos no trabalho de estreitar esse laço fraterno.

Senhor Presidente,

Nos vários contatos que mantivemos, muito me impressionaram a clareza e a objetividade da percepção que tem Vossa Excelência dos problemas internacionais. Não tenho dúvidas de que para tanto deverá ter contribuído, de modo marcante, a vasta experiência daquele que exerceu, com reconhecido brilho, as funções de Ministro das Relações Exteriores, e de Embaixador em alguns dos mais importantes postos da diplomacia colombiana.

Por ocasião da visita que fez a Brasília, como Chanceler, em 1969, para o lançamento da pedra fundamental da nova sede da Embaixada da Colômbia nesta Cidade, já estava Vossa Excelência pessoalmente empenhado em trabalhar pelo fortalecimento das relações entre nossos países.

Senhor Presidente,

Brasil e Colômbia observam com preocupação a escalada das tensões mundiais e a exacerbação das contendas ideológicas.

A retomada de atitudes típicas da guerra fria acarreta graves prejuízos aos países em desenvolvimento, tanto no plano político quanto no econômico. São crescentes as pressões exercidas sobre esses países no sentido da afirmação de uma absoluta prioridade da competição entre Leste e Oeste. Caso acolhidas, tais pressões viriam estreitar abusivamente aquele campo de atuação internacional em que se defendem os interesses específicos das nações em desenvolvimento.

Em resposta a essa tendência, devemos chamar a atenção da comunidade mundial para o crescimento da desigualdade entre as nações altamente industrializadas e

o conjunto dos países do Terceiro Mundo, que se faz sentir em aspectos essenciais da existência humana, tais como a alimentação, a saúde e a educação.

O momento exige que unamos esforços no sentido de sensibilizar as nações desenvolvidas, quanto à capital importância de se encontrar solução para os problemas ligados à criação de uma nova ordem econômica internacional. Só esse trabalho de convencimento poderá conduzir ao desbloqueio do diálogo Norte-Sul, em todas as suas instâncias.

Nesse contexto, a colaboração entre as nações em desenvolvimento pode assumir caráter verdadeiramente exemplar. Muitas são as avenidas que se abrem à busca de soluções conjuntas para dificuldades comuns, entre as quais caberia citar, como exemplo, o desenvolvimento de fontes alternativas de energia e a utilização racional dos recursos do trópico úmido.

No mesmo espírito, Brasil e Colômbia poderão tornar mais intenso e diverso o intercâmbio que mantêm com os países irmãos da América Central e do Caribe.

Senhor Presidente,

Temos diante de nós o desafio de conceber idéias novas, de desenvolver em comum um arcabouço conceitual que corresponda à nossa situação no concerto das nações. É importante que esse ideário, vivo e dinâmico, possa servir-nos de instrumento na luta pela transformação dos padrões de convivência global, que hoje nos são obviamente adversos.

O substancial aprofundamento e a rápida intensificação das relações entre a Colômbia e o Brasil constituem sinais claros do êxito dos esforços que vimos empreendendo. Só unidos poderemos conviver com uma

realidade internacional onde as oportunidades não surgem por si mesmas, mas precisam ser criadas e aproveitadas com determinação.

É altamente significativa a visita de Vossa Excelência ao Brasil, menos de seis meses depois de minha viagem a Bogotá. Ao lado desse componente pessoal em nossas relações bilaterais, contamos com expressivo número de compromissos firmados nas duas ocasiões, oferecendo amplo lastro jurídico à colaboração brasileiro-colombiana nos mais diversos setores, tais como o da cooperação técnica, o da cooperação amazônica e o do intercâmbio de experiências na área da ciência e da tecnologia.

Senhor Presidente,

Essa vocação para o trabalho solidário de nossos países, e as perspectivas promissoras que ora se abrem diante de nós, inspiram-me a propor um brinde à prosperidade e ao bem-estar, cada vez maiores, da grande nação colombiana, ao desenvolvimento das fraternas relações entre o Brasil e a Colômbia e à felicidade pessoal de Vossa Excelência e Senhora de Turbay Ayala.

08 DE SETEMBRO
PALÁCIO DAS CONVENÇÕES ANHEMBI
SÃO PAULO — SÃO PAULO
DISCURSO NA ABERTURA DO CON-
GRESSO INTERAMERICANO SOBRE
AGRICULTURA E PRODUÇÃO DE ALI-
MENTOS

Minhas Senhoras, meus Senhores:

O convite que me dirigiu o Forum das Américas para falar-lhes na abertura do Congresso Interamericano sobre Agricultura e Produção de Alimentos proporciona, sem dúvida, excelente oportunidade para uma reflexão sobre os difíceis problemas da alimentação e da agricultura.

Apesar do extraordinário avanço tecnológico alcançado pelos países mais desenvolvidos, a Humanidade não conseguiu, ainda hoje, superar sérios problemas de insuficiência alimentar em numerosas regiões do mundo. Esta simples evidência aponta para a necessidade de perseverarmos no esforço de cooperação relativo à pesquisa, à aplicação de novas técnicas, ao estímulo à produção, e à criação de um quadro institucional que favoreça o desenvolvimento agrícola.

Na grande maioria dos países desta área, as atividades agrícolas foram, no passado, a base do processo de

acumulação do capital necessário à industrialização, e constituem, ainda hoje, fonte inexaurível de estímulo às nossas economias. A antinomia entre a agricultura e indústria reflete uma visão anacrônica. Uma economia moderna não pode prescindir de setor agrícola sólido, em expansão, e capaz de adequar-se às contínuas exigências derivadas do dinamismo da sociedade.

A experiência brasileira de planejamento tem procurado, dentro das limitações de recursos e de capitais, aparelhar a agricultura para os novos desafios que lhe são impostos.

A prioridade atribuída ao desenvolvimento do setor agrícola brasileiro comporta objetivos diversos, tais como o aumento da oferta de alimentos para suprir o consumo interno; a expansão das exportações; a tentativa de absorver, no próprio setor, parte da oferta de emprego, a redução das taxas de inflação.

Prova de um esforço inédito no mundo em desenvolvimento, o setor agrícola brasileiro tem prestado, ainda, decisiva contribuição para enfrentar o desafio da atual crise energética.

Como se pode depreender dessa enumeração de funções, a agricultura desempenha papel dinâmico e inovador. Para atingir tais objetivos, foram adotados diversos mecanismos de estímulo, e a reação positiva do setor constitui fonte de esperança para todos os que têm responsabilidade nas diretrizes da política agrícola ou em sua execução. Através da expansão da fronteira agrícola e dos aumentos de produtividade, o Brasil conseguiu atingir, em 1980, uma produção global de cerca de 54 milhões de toneladas de cereais, refletindo um aumento da ordem de 30% em relação ao ano anterior.

Em apenas um ano agrícola (safra 79/80), o Brasil alterou substancialmente sua posição relativa na produção de cereais: em 1979, éramos responsáveis por 1,75% da produção mundial de cereais e por 42,41% da produção da América do Sul, enquanto em 1980 o Brasil já passou a responder por 2,11% da produção mundial e por 52,52% de toda a produção sul-americana.

As experiências em curso no Brasil, bem como em diversas outras nações em desenvolvimento, evidenciam a magnitude dos esforços nacionais para vencer, no plano interno, os problemas do setor agrícola. O horizonte positivo desvendado pelo progresso tecnológico parece, entretanto, limitado pela estrutura dos mercados internacionais de produtos de base. Efetivamente, os países em desenvolvimento a continuam a enfrentar, no seu comércio exterior, condições adversas, que não estimulam o esforço interno de desenvolvimento agrícola.

Apesar das possibilidades que se oferecem à crescente cooperação entre os países em desenvolvimento, e do esforço de superação dos nossos próprios problemas, é preciso que se afirme, no mundo desenvolvido, a consciência maior da necessidade do abandono das práticas protecionistas. Isso poderia produzir resultados visíveis não apenas para as nações em desenvolvimento, mas para o conjunto da economia internacional.

Imbuído do espírito de autêntica cooperação com os demais países aqui representados, o Brasil mantém a esperança de que, juntos, poderemos contribuir para a criação de condições mais favoráveis à nossa comum e legítima aspiração de eliminar problemas que pesam sobre o cenário agrícola, e de fazê-lo tão depressa quanto nos seja possível.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

09 DE SETEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER O MINISTRO DA SAÚDE, WALDYR ARCOVERDE, DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, JAIR SOARES, ACOMPANHADOS DOS SECRETÁRIOS DE SAÚDE DOS ESTADOS

Senhor Ministro da Saúde Waldyr Arcoverde,
Senhor Ministro da Previdência Social, Jair Soares,
Senhores Secretários:

Muito me honra a presença dos Senhores Secretários no meu gabinete de trabalho. Muito me devanecem as palavras que acabei de ouvir a meu respeito, pronunciadas pelo homem de valor moral e profissional, Dr. Jatené.

Só tenho louvores para esta reunião promovida pelo Ministro Arcoverde com o concurso e apoio do Ministro Jair Soares e dos Secretários de Saúde dos Estados. Bem sei que entre tantos problemas que nos preocupam, para não dizer, nos afligem, está em primeiro lugar, sem dúvida, o problema da saúde do homem brasileiro, paralelamente ao lado da educação da criança. Bem sei que os Senhores sentem tão bem quanto eu as dificuldades por que o País passa para atender, na prioridade necessária, aqueles pontos para que a nossa aflição não fosse

tão grande quanto esses dois aspectos. Daí porque o meu louvor em ver que o Senhores, apesar dos poucos recursos postos à disposição desses dois setores insistem em encontrar soluções, administrando aquilo que não existe e trazendo um pouco de alento a cada um de nós, buscando soluções que se não remediam, se não solucio- nam os problemas, pelo menos nos dão a esperança de um amanhã melhor, no sentido de que o homem brasi- leiro seja melhor assistido pelos seus técnicos em saúde.

Fico satisfeito também por ver que os Senhores não esmorecem e que vêm buscar junto aos Ministros res- ponsáveis, ou melhor dizendo, vêm com eles discutir aquelas soluções possíveis e trazer aqui a meu gabinete, não o pedido de recursos, mas sim a esperança de solu- ções dentro daquilo que é possível fazer. Meus aplausos aos Senhores e meu muito obrigado pela presença de ca- da um.

09 DE SETEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER OS MEM-
BROS DA CONFEDERAÇÃO BRASILEI-
RA DE MUNICÍPIOS

Senhores Membros da Confederação Brasileira
de Municípios:

Acho que vocês não têm nada que me agradecer, pelo contrário, eu é que devo explicação aos Senhores pela pouca velocidade com que tenho cumprido aquilo que, já como candidato, eu dizia a respeito de como entender a administração dos nossos municípios. O pouco que eu consegui fazer até agora, dadas as dificuldades econômicas por que estamos passando, não tem sido mais do que deixar presente aquelas promessas que fiz quando candidato. Acho que os Senhores ainda tem a cobrar daquelas promessas que fiz. Daí porque acho que o agradecimento está um pouco apressado. Quanto às reivindicações que os Senhores apresentaram, eu vou mandar estudar para ver as implicações que isso possa trazer para a administração da nossa conta petróleo. Vou mandar estudar para ver a possibilidade, já não digo física, mas pelo menos a possibilidade administrativa de tomar essa medida.

Eu agradeço muito a presença dos Senhores e espero que em 1982 os Senhores possam vir aqui, não para me agradecer, mas, pelo menos, dizer que a minha palavra foi cumprida.

Muito obrigado.

10 DE SETEMBRO
ADUTORA
DELMIRO GOUVEIA — ALAGOAS
IMPROVISO DURANTE INAUGURAÇÃO DA 1ª ETAPA DA ADUTORA DO SERTÃO

Senhor Governador do Estado de Alagoas,
Guilherme Palmeira,

Senhor Governador do Estado da Bahia,
Antônio Carlos Magalhães,

Senhor Senador Nilo Coelho;

Senhores parlamentares,

Senhor Prefeito de Delmiro Gouveia;

Meus caros Patrícios de Delmiro Gouveia e das Alagoas,

Eu desejo me congratular e juntar, aos aplausos que já ouvi, o meu aplauso por esta inauguração que hoje se efetua. A inauguração da Adutora do Sertão está, de fato, de acordo com aquela premissa básica que, nas minhas falas, aqui pelo Nordeste sempre pus em primeiro plano: de que o problema do Nordeste se reveste apenas em dar, a sua gente e a sua terra, somente água suficiente. E esta política de buscar levar a água ao sertão nordestino, tem sido a preocupação máxima de todos os Governos.

Se é verdade que os céus teimam em não dar água ao Nordeste, também é verdade que os céus conseguiram dar, a todos nós, a perseverança e a fé suficiente para levá-la da terra, para o interior do Sertão.

Quero juntar, por isso, minhas homenagens, às homenagens que hoje já se prestaram aos pioneiros desta idéia: o Senador Rui Palmeira, o Senador Luiz Cavalcanti, o Governador Divaldo Suruagy, o Governador Guilherme Palmeira. E agradecer a eles todo esse esforço que fizeram, para permitir que hoje, nós tivéssemos aqui a felicidade de poder inaugurar esta primeira etapa, que vai conseguir, intensamente, buscando outras localidades além das 17 servidas por esta inauguração, e cujos recursos já estão assegurados pelo Governo Federal.

A significação deste evento, diz bem daquele plano grandioso que tem o meu Governo, e que herdei dos sonhos de outros homens públicos que tiveram a responsabilidade de governar este País: e de que ela deve se seguir conjuntamente com a perenização dos rios do Nordeste. E neste particular, eu desejo acentuar o dinamismo do meu ministro Mário Andreazza, tão obcecado pelo problema da seca do Nordeste que, nos seus despachos, quase semanais comigo, reparte pelo menos 3/4 do tempo, para se falar do problema do nordestino e do problema da seca.

Desejo-me congratular também com a magnífica equipe que construiu esta adutora, exemplo vivo da perseverança e da tenacidade do povo nordestino.

Já não é mais, Sr. Governador Guilherme Palmeira, a emoção da esperança que Vossa Excelência se referiu. Para mim, esta inauguração se reveste mais como uma emoção da certeza de que Deus insiste em não trazer a

água dos céus, ele insiste em nos dar a fé, a perseverança e a tenacidade para que possamos levar avante a obra de dar água ao Nordeste.

A faixa que acabo de ler, quando da inauguração da elevatória — «obrigado, Guilherme, a sede já era», havemos de, no futuro próximo, ver substituída por uma outra faixa, que dirá bem da tenacidade da gente desta terra: «obrigado Guilherme, a água já é».

Muito obrigado.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

10 DE SETEMBRO
PALANQUE — PRAÇA EM FRENTE A
GRUTA BOM JESUS DA LAPA — BA-
HIA
IMPROVISO APÓS VISITAR A GRUTA
DO SENHOR BOM JESUS DA LAPA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Neste lugar santo de Bom Jesus da Lapa, eu saúdo o povo desta terra, povo nordestino, povo da Bahia, povo brasileiro. E venho dizer-lhes que aqui vim como humilde peregrino para elevar as minhas preces ao Senhor Bom Jesus da Lapa, para pedir que continue a nos dar paciência e esperança na perspectiva de dias melhores que, tenho certeza, já se aproximam para esta grande pátria.

Venho para pedir ao bom Deus que ilumine o povo desta terra para que possa falar livremente em 1982. Venho para agradecer ao bom Deus por ter me dado a força de vontade para, em certos momentos, conter o meu temperamento e aceitar as injustiças que têm sido feitas a mim e aos meus auxiliares.

Venho para fazer, perante o bom Deus, uma profissão de fé, que, a despeito de tudo que possa acontecer, a

despeito de todas as dificuldades que possam vir por diante, o povo vai falar livremente em 1982. Tenho certeza de que, ao fazê-lo, o povo saberá escolher aqueles que, nos Estados e no Congresso Nacional, vão ajudar a apressar a chegada desses dias melhores. E tenho certeza também de que o povo saberá escolher aqueles que pensam, em primeiro lugar, na felicidade da gente desta terra. Tenho certeza de que o povo, ao fazê-lo, vai pensar, em primeiro lugar, nesta grande Pátria, e vai esquecer o nome deste peregrino que apenas nas suas preces pediu perdão ao bom Deus por não ter feito tudo que almejava ao assumir a Presidência da República.

Venho dizer também ao povo de minha pátria que tenho a consciência tranqüila de que as minhas promessas, se não estão sendo cumpridas integralmente, estão sendo cumpridas na medida das possibilidades do Erário nacional. Mas elas serão cumpridas até o fim do meu mandato.

É para que eu possa cumprir minhas promessas até o fim do meu mandato que orei ao bom Deus.

Espero que o povo desta terra possa compreender os erros que cometi, mas não me faça a injustiça de apontar pelo voto os erros que não cometi.

Muito obrigado.

12 DE NOVEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO REASSUMIR A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Excelentíssimo Senhor Doutor Aureliano Chaves,
Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,
Senhor Presidente do Senado Federal,
Senhor Presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Presidente do Partido Democrático Social,
Meu caro Secretário do Partido,
Meus Senhores:

Desejo, inicialmente, fazer um duplo agradecimento ao Doutor Aureliano Chaves. Primeiro pelas palavras carinhosas e cheias de generosidade com que me acaba de receber, o que não constitui uma surpresa para mim dada a grande afeição que já nos liga há muitos anos. Segundo, pela maneira com que o Doutor Aureliano se conduziu à frente da Chefia da Nação fazendo de cada ato ou de cada decisão que tomava uma deferência especial à minha esposa. E mais ainda, pela maneira correta com que buscou a todo transe, cumprir aquelas diretri-

zes de Governo já por mim adotadas e por ele bem conhecidas. E esse aspecto, a deferência para comigo, o apego às diretrizes do Governo e a lealdade com que soube, em várias vezes, decidir ao contrário do que mandava o seu pensamento pessoal.

Agradeço aos Senhores Ministros por haverem tão bem assessorado o Doutor Aureliano Chaves a ponto de ação administrativa do País não haver sofrido solução de descontinuidade, tão bem entrosados estavam os ministros com Sua Excelência.

E finalmente, agradeço a bondade divina que me concedeu a graça de abalar o meu estado de saúde, mas para, através deste abalo, eu conhecer mais de perto os muitos amigos que tenho; conhecer outros que não pensava serem amigos; e constatar, mais uma vez, o carinho e a solidariedade com que o povo brasileiro acompanhou o meu estado de saúde. Tudo isto me faz volta à Chefia do Governo, já não digo com o coração fortalecido — porque aí estão os médicos para desmentir, mas com o espírito tão determinado como quando assumi o Governo da Nação para, junto com os Senhores, persistir no objetivo final do meu Governo que é a obtenção da normalidade democrática do País, pacificamente dentro da Lei e da Ordem.

Muito obrigado.

18 DE NOVEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

IMPROVISO AO RECEBER ESTUDAN-
TES ESTAGIÁRIOS NO CONGRESSO
NACIONAL

Meu caro Edson Mesquita,
Meu caro Edson Lobão,
Meus caros patrícios e estudantes:

Para mim é motivo de grande satisfação ver uma representação da juventude estudantil brasileira aqui na casa em que trabalha o Chefe da Nação. E satisfação, também, em saber que o estudante brasileiro, através desses estágios que tem feito junto ao Congresso Nacional, tem podido compreender um pouco melhor a nossa organização política, o funcionamento dos Poderes que dirigem a Nação e podido compreender também algumas verdades que às vezes são apresentadas à opinião pública de maneira distorcida. É pena, Deputado Edison Lobão, que ainda não tenha sido inventado um projeto para que estudantes também estagiassem junto ao Presidente da República, a fim de que a minha verdade pudesse ser também acompanhada pelo estudante brasileiro. Seria melhor que cada jovem brasileiro que pudesse

acompanhar os trabalhos na Câmara, no Senado e no Supremo Tribunal Federal e aqui no Executivo, junto ao Presidente, pudesse constatar o que de verdade existe naquilo que se diz e que se escreve a respeito da nossa atuação. E eu tenho a certeza que haveria menos gente, muito menos gente que desejasse o lugar em que hoje estou.

Muito obrigado.

23 DE NOVEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO AO RECEBER O «OPERÁ-
RIO PADRÃO DO BRASIL»

Senhor Ministro Murilo Macêdo,
Doutor Roberto Marinho,
Senhor Albano Campos,
Senhor Superintendente do Conselho do SESI
Meus Senhores:

É sempre uma satisfação para mim quando recebo aqui uma representação de determinada classe que vem honrar a casa de trabalho do Executivo com a sua presença, como a lembrar a mim que eles são parte da força propulsora da nossa sociedade.

Mas entre todos os que aqui vêm, devo ressaltar que a cerimônia de hoje se destaca porque e lembra, muitas vezes, aquelas em que tomei parte no Exército em que também era obrigado a destacar, entre os meus soldados, aquele que pelas suas virtudes morais e pela sua dedicação ao serviço e à instrução tinha servido de exemplo para os seus companheiros. E da mesma manei-

ra que ouvi do nosso Ministro Murilo Macedo eu, entre tantos soldados e em tantos anos de serviço no Exército brasileiro, sentia também aquelas mesmas dúvidas para destacar o melhor e temia cometer uma injustiça, tantos eram os bons, tantos eram aqueles que deviam ser apontados como o melhor. Estar, portanto, aqui na presença dos Senhores significa para mim uma recordação de um ato de justiça e de um ato de incentivo, não tanto para os Senhores, mas também para mim, porque vejo na presença dos Senhores aqui nesta casa, que os dirigentes e o operário brasileiro fazem questão de vir aqui como que para mostrar para todo o Brasil o exemplo do que é o cidadão operário brasileiro.

Minhas congratulações a todos os Senhores, ao Senhor Ministro, ao Doutor Roberto Marinho, ao Doutor Albano Franco, ao SESI, aos Senhores dirigentes e principalmente aos Senhores operários que com tanta dignidade tomaram parte, mais uma vez, nesta solenidade.

Muito obrigado.

09 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
IMPROVISO NA SOLENIDADE DE ENTREGA DE PRÊMIOS AOS CAMPEÕES DO CONCURSO «PRODUTIVIDADE RURAL»

Senhor Ministro Amaury Stábile,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Grande tem sido o esforço do Governo para poder destinar à Agricultura, tal como anunciei ainda como Candidato, e tal como tenho repetido em todas as ocasiões em que se faz necessário, os recursos, repito, mínimos para a nossa agricultura possa progredir e, num futuro próximo, sermos auto-suficientes e exportadores nesse setor.

O sacrifício que o Governo tem feito, apesar de não reconhecido por certos setores da Oposição, tem sido tal que, muitas vezes, projetos de importância fundamental para o País, ou obras já em andamentos têm sido paralisadas, ou, quando muito pouco, prolongadas no tempo para que não falte o mínimo desses recursos para o setor agrícola.

Reconheço que os recursos que, com tanto sacrifício, têm sido destinados ao setor da agricultura não

são suficientes. O exemplo que os Senhores dão, sabendo de antemão da dificuldade para a obtenção desses recursos e da exigüidade desses recursos quando são obtidos, o exemplo que os Senhores dão, procurando aliar a esses recursos a técnica que é aconselhada para a natureza do solo e para o clima de que dispõem, deve servir de exemplo a todos nós.

É de fato encorajador para nós todos sabermos que os Senhores têm sabido aproveitar a terra, boa ou má que possuem, de acordo com as técnicas modernas a fim de que possam, dessas terras, com as suas características, produzir o máximo possível. Mas nada disso seria suficiente — recursos e técnica, aliados — se não dispusermos, como os Senhores têm demonstrado ao País, de uma dedicação total, de um trabalho diário, muitas vezes trabalho até noturno, muitas vezes trabalho até sacrifício e é por essa dedicação, e não tanto pelos recursos e pela técnica, que os Senhores obtiveram os resultados que hoje temos o prazer de constatar. E ao cumprimentar cada um dos Senhores, vencedores desse programa de produtividade, em boa hora incrementado pelo Governo, eu desejo dizer que, quisera que em todos os setores de atividade do nosso País, eu encontrasse a dedicação, o trabalho e o esforço que os Senhores demonstraram.

Muito obrigado.

10 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA AO
SANCIONAR A LEI USUCAPIÃO ESPE-
CIAL

Meus patricios, boa noite:

No momento em que vou sancionar a Lei sobre Usucapião Especial, originária do projeto do Executivo e aprovada pelo Congresso Nacional, julgo do meu dever, dizer aos meus patricios, algumas palavras sobre o seu significado.

A aquisição da propriedade rural, mediante posse e cultura efetiva da terra, não é novidade entre nós. Trata-se de figura conhecida no direito brasileiro, que a consagrou um dia por força do costume, para corrigir defeitos antigos e persistentes em nosso sistema de distribuição da terra.

Justificada outrora, em face das características de nossa organização agrária da época, esse modo de conquista do solo rural mais cabimento tem hoje, como forma de valorizar o trabalho humano. Devia imprimir à propriedade privada, aquela função social que a Constituição impõe e que o senso moral e a consciência jurídica do nosso povo exige.

O Usucapião Especial valoriza o trabalho, porque não basta a posse ou ocupação durante 5 anos, para fazer nascer o direito de propriedade em favor do possessor. É preciso que a posse seja acompanhada pelo trabalho do agricultor. Não são bastantes, tampouco, a posse e o cultivo, é necessário ainda que o possessor tenha a sua própria casa na terra por ele cultivada.

O Usucapião Especial vem garantir a função social da propriedade, porque a transfere daquele que deixou a terra improdutiva, e tantas vezes sem tê-la jamais visto de perto, para o agricultor que nela se instalando, tornou-a fecunda com o seu trabalho. A propriedade se desloca, assim, do proprietário que a deixou deserta, para o possessor que a colocou, com sua operosidade, a serviço do interesse social.

Esta Lei somente dá propriedade por meio do Usucapião com trabalho, a quem não a tenha. Quem já for proprietário rural ou urbano não a obterá.

Sobressai, assim, o caráter distributivo, que, de certo modo, assinala esse diploma legal.

Cumprido destacar que o Usucapião Especial recai tanto sobre bens públicos, quanto sobre os particulares. a Lei trata, com estrita igualdade, os bens do patrimônio público e de domínio privado.

Esse critério que estava implícito no projeto original, encaminhado pelo Governo, foi clarificado pelo Congresso Nacional. É certo que com a emenda introduzida a respeito, o Poder Legislativo, pedagogicamente, cortou qualquer dúvida que se pudesse nutrir acerca da matéria.

O Usucapião por morada e cultivo já aparecera, se bem que com maior prazo, em textos constitucionais an-

teriores. Não ultrapassaram essas normas entretanto, o alcance de princípios programáticos, dada a falta de regras processuais, que lhes garantissem a aplicação. Esse defeito capital é corrigido modelarmente, na Lei que ora passará a regular a nova forma de Usucapião. Plena e facilmente executável, em razão dos meios postos ao alcance direto do posseiro, o Usucapião pelo trabalho contribuirá de modo decisivo para a fixação do homem no campo, para a melhoria das condições de vida do agricultor, para a solução do problema agrário.

O Usucapião Especial não se caracterizando por si só, como reforma agrária, denota com esta relação de afinidade substancial, por quanto ampara o trabalhador do campo, ao lhe garantir, pelo acesso à propriedade do solo, uma subsistência digna para ele próprio e sua família.

Ao grande evento social que representa a adoção, agora em nosso direito, do Usucapião pela cultura efetiva, deve seguir-se a agilização que ora determino, daquelas medidas previstas na Constituição e nas leis, sobre a reforma agrária propriamente dita. É certo que muito se tem feito nesse sentido, notadamente nos últimos 2 anos, em cada um dos quais foram expedidos títulos de propriedade, a mais de 100 mil agricultores. Mas é preciso acelerar, ainda mais, e urgentemente essa atividade. Colocar em ação todos os meios, em cada uma das hortalas do poder, para ampliar, aprofundar e multiplicar as iniciativas voltadas para esse fim. Mobilizar por inteiro os elementos à disposição do Governo, assim na esfera federal como na estadual, para imprimir a reforma agrária a dimensão que o interesse público requer.

Essas providências, a que hoje se consuma, na edição da Lei do Usucapião Especial, e a que diz respeito à imediata e energética aceleração da reforma agrária, realçam, mais uma vez, a política humanista, que vem presidindo e continuará a presidir com criatividade e firmeza a ação social do meu Governo.

Muito obrigado.

15 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
DISCURSO AO RECEBER OS CUMPRIMENTOS DO CORPO DIPLOMÁTICO
AO ENSEJO DO FIM DO ANO

Meus Senhores:

Desejo expressar o meu agradecimento sincero pelos cumprimentos que Vossas Excelências acabam de me apresentar, e pela saudação tão fraterna e inspirada do Senhor Núncio Apostólico.

Nosso encontro se realiza ao final de mais um ano de trabalho, e está marcado tanto pela experiência com o que pudemos realizar quanto pela antevisão do que pretendemos construir no ano que se aproxima. Neste momento, de reflexão e esperança, nossos espíritos se voltam para asentimentos de paz e fraternidade entre as pessoas e as nações.

A época natalina e a proximidade do final do ano suscitam a meditação íntima de cada criatura. Mas esse aprofundamento individual acaba por transcender a cada um, e, através das experiências pessoais revividas e repensadas, nos lançamos a uma estágio do pensamento que traduz preocupação com os destinos da humanidade inteira.

Essas reflexões nos levam aos temas centrais da paz, do desenvolvimento e da justiça social.

Se 1981 marcou mais uma etapa no progresso das artes e das ciências, com a descoberta, a incorporação e a materialização de novas conquistas científicas, o mesmo não se pode afirmar com relação à paz entre os povos.

Os esforços de grande parte do orbe nas últimas décadas estão voltados para o aumento da capacidade destrutiva. Não se pode afastar do homem moderno a perplexidade daí resultante.

Essa perplexidade, entretanto, encontra lenitivo na esperança. A atitude espiritual de preservar a esperança num futuro pacífico deve constituir o nosso objetivo comum.

Embora numa escala internacional não se registrem passos importantes no caminho da generalização do desenvolvimento e da justiça social, é inegável a formação de uma consciência internacional crescente em favor do progresso das comunidades nacionais e dos indivíduos.

Os princípios da autodeterminação, da soberania de todas as nações, e da não-ingerência de umas nos assuntos das outras, devem constituir as bases de um relacionamento fiel aos ideais mais nobres das comunidades internacionais.

O Brasil identifica na promoção do desenvolvimento e na ampliação das oportunidades individuais o caminho para a paz e a harmonia. Os esforços realizados neste sentido têm sido intensos, e o apoio recebido dos mais diversos setores da sociedade brasileira são o testemunho da sua viabilidade.

No plano externo, o Brasil advoga práticas internacionais baseadas na cooperação e no respeito mútuo, que permitam a realização da justiça. Acreditamos ser este o caminho que responde de forma integral aos superiores anseios da Humanidade.

Senhores Chefes de Missão Diplomática,

São estes os sentimentos que lhes pediria transmitir a seus respectivos governos. Desejo expressar-lhes neste momento meus votos sinceros de felicidade pessoal. Manifesto aqui a esperança de que no ano de 1982 possamos trabalhar com êxito em prol da realização dos nossos ideais de paz, desenvolvimento e justiça social.

Muito obrigado.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

17 DE DEZEMBRO
CLUBE DA AERONÁUTICA
BRASÍLIA — DF

DISCURSO POR OCASIÃO DO ALMOÇO ANUAL OFERECIDO PELAS FORÇAS ARMADAS AO SEU COMANDANTE SUPREMO.

Meus camaradas:

A realização anual de um almoço como este constitui agradável oportunidade de breve, mas fraternal, convívio entre companheiros das três Forças Armadas.

No entanto, mais que um mero exercício de camaradagem, este encontro encerra significados outros que desejo ressaltar.

Um deles é que, para nós, militares, que votamos às tradições um culto quase místico, é grato que esta se consolide, como inequívoca demonstração de apreço e respeito dos mais altos chefes militares ao seu Comandante Supremo.

Porque os conheço e também a mim, não identifico, neste almoço, a rotina de uma presença, mas o sinal de uma coesão indissolúvel, que me tem sido manifestada em todas as oportunidades e de todas as formas.

Tenho para mim, também, que o fato de nos sentarmos em torno de uma mesa merece ser lembrado.

Ao redor de uma mesa os homens de boa vontade confraternizam e as famílias se reúnem. A mesa congrega, aproxima. É, pois, para confraternizarmos, como membros de uma grande família, que aqui nos encontramos hoje. E é igualmente digno de nota que somente uma vez por ano os chefes militares se reúnam com seu Comandante Supremo. A paz que caracteriza a vida brasileira não impõe, nem justifica encontros deste nível, com finalidades outras senão as de festejarmos um ano de labor proficuo e de nos desejarmos, mutuamente, um Novo Ano feliz.

Meus camaradas,

Com os Senhores, a partir de 1935, quando ingressei na Escola Militar, ou, mais longe ainda, desde 1929, quando iniciei meus estudos no Colégio Militar, sinto-me em minha própria casa. Ao longo desses anos e no convívio familiar, que também, desde menino, me aproximou dos quartéis, forjei o meu caráter, que retemplo, aqui e agora.

Oriundo que sou, desse meio, conheço bem os problemas que hoje enfrentam para manter as Forças adestradas e equipadas, prontas para cumprir seu dever constitucional. De sua parte, entretanto, não tenho ouvido lamúrias pelas dificuldades encontradas. Muito pelo contrário, os obstáculos lhes têm servido de estímulo para mais rápido alcançarem os objetivos estabelecidos. Não passam de desafios à sua competência profissional e capacidade de trabalho.

Na época conturbada de hoje, em que são frequentes choques entre as classes, em que proliferam profetas do Apocalipse, soluções simplistas para problemas seculares e perversão dos costumes, as Forças Armadas bra-

sileiras, em virtude de sua sólida formação histórica, têm se constituído num exemplo de democracia, de liberalidade racial, de austeridade, de desambição pessoal e de crença no futuro deste grande País.

Têm contribuído decisivamente, em suma, para manter o ambiente de paz social, graças ao qual pode o Brasil buscar, com serenidade, solução para seus problemas.

Fiéis, pois, a um passado que percorremos juntos, juntos nos colocamos hoje na antevisão, na construção e na proteção do futuro. Aí, firmes, estarão as Forças Armadas, na defesa da Pátria, que lhes impõem o dever constitucional e o juramento que um dia todos fizemos, marinheiros, soldados e aviadores.

O futuro que antevemos guarda coerência com aquele que perseguimos desde 31 de março de 1964.

Já muita coisa se tem obtido. Não ainda o desejável, mas o possível. Em favor dos militares, dos servidores civis e dos brasileiros em geral, que de todos quero ser o Presidente. Mesmo daqueles que se dizem prejudicados porque não lhes terão sido atendidos algumas justas reivindicações. Com esses, quero ser compreensivo, porque realmente muitos mereceriam mais do que têm. Por eles, pelos mais humildes sobretudo, a luta continua.

No campo econômico, principalmente como resultado das políticas restritivas que o Governo teve de adotar, a partir de meados de 1980, estão sendo obtidos resultados auspiciosos.

Evidencio, em particular, a reversão da tendência ascendente da inflação e o excepcional desempenho da balança comercial

Outros êxitos relevantes podem ser apontados:

— A melhor credibilidade externa, favorecendo a administração de nossa dívida;

— A progressiva redução na dependência da energia importada, pelo contínuo incremento da produção nacional de petróleo e o desenvolvimento dos programas alternativos e de conservação;

— A resposta favorável da agricultura à prioridade concedida, ensejando, muito provavelmente, pelo terceiro ano consecutivo, uma safra fecunda.

Estou plenamente convencido de que iremos vencer as dificuldades restantes, graças à potencialidade de nosso País e ao trabalho de seu povo. Contamos, a nosso favor, com grandes programas, como os de Carajás, o Provárzeas e o de aproveitamento dos Cerrados, que adicionarão novas perspectivas para a mineração, a metalurgia e a agricultura. Com a implementação desses programas e a maturação de outros na área da iniciativa privada, retomaremos o indispensável ritmo de crescimento, que proporcionará a necessária oferta de empregos e contribuirá para a melhor distribuição da renda.

Jurei fazer de nosso País uma democarcia. Nessa direção, firmemente tem-se encaminhado o projeto político do Governo. Os anistiados aí estão, embora muitos querendo fazer do futuro uma inaceitável repetição do passado; os partidos políticos aí estão, embora empenhando, os opositoristas, seguidamente, em articulação por uma ação comum contra o Governo, a negar o princípio democrático que lhes inspirou a criação; a imprensa livre aí está, embora nem sempre justa em suas críticas, parte dela a imputar ao Governo, constantemente, propósitos que se desmentem até pela liberdade com que são proclamados.

A democracia que estamos a construir inspira-se no projeto político do Governo, que não se fez nem se conduz por temor; antes por opção consciente, que o aproxima das raízes da Revolução de 31 de março de 1964.

O Governo julgou-se forte na concepção do projeto, mantém-se forte para lhe dar continuidade e levá-lo a bom termo. O Partido Democrático Social, majoritário, dar-lhe-á a indispensável sustentação política.

O futuro nos aproximará, política, social e economicamente, da Nação com que sonhamos. Não tenho dúvida. A minha palavra é de fé e otimismo.

Senhores Oficiais-Generais,

Desejo, antes de encerrar, fazer uma referência especial ao nosso querido Ministro Délio. Comovem-me as palavras com que me saudou, em nome de todos os Senhores. Sei, por experiência própria, quão difíceis são os momentos que estará vivendo na distante Cleveland. Isto, porém, não o impediu de se fazer presente aqui, com sua palavra esclarecida e amiga. Para ele volto meu pensamento agora, e peço a Deus por sua saúde, na certeza de que, em breves dias, possa reassumir as funções que, com tanta proficiência e honradez, vem desempenhando.

Que os votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, a mim dirigidos, e as bênçãos de Deus, que imploro, se estendam a todos os marinheiros, soldados e aviadores do Brasil e a seus familiares.

Muito obrigado.

1 12

2

3

4

5 13

6 14

7 15

8 16

9

10

11

12

13 17

14 18

15

16 19

17

18 20

19 21

20 22

21 23

22 24

23 25

19 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA-DF

DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA
ANUNCIANDO A CRIAÇÃO DO PRO-
GRAMA NACIONAL DE RODOVIAS
ALIMENTADORAS

Meus patrícios:

Aumentar a produção de alimentos tem sido preocupação constante do meu Governo. Uma das palavras de ordem que dirigi à Administração federal, logo que assumi a Presidência da República, foi a de que se estimulasse, por todos os meios e em todas as regiões do país, a atividade agropecuária. Determinei que se amparasse o agricultor, com prioridade e eficiência, mediante apoio técnico e recursos financeiros.

A gente do campo tem correspondido admiravelmente ao esforço governamental. Milhões de brasileiros, neste momento, trabalham a terra, semeando lavouras que prometem para breve, se o tempo ajudar, safra generosa.

A produtividade se eleva gradativamente em razão do trabalho árduo e tenaz do lavrador, com a cooperação que lhe proporciona o Estado. Expande-se, por sua vez, a área plantada. Por iniciativa do Governo e com o

seu decidido apoio, cresce o aproveitamento das várzeas irrigáveis situadas na proximidade dos grandes centros de consumo. Lucram, com esse projeto, agricultor e consumidor, visto que o menor custo da produção propicia maior rendimento ao primeiro, e alimento mais barato ao segundo. Espero que esse importante programa venha incorporar ao sistema produtivo, dentro em pouco, mais de um milhão de hectares de terrenos irrigáveis.

Não nos basta, porém, explorar novas terras, em melhores condições de aproveitamento econômico. Nem é suficiente, de modo geral, dilatar a nossa fronteira agrícola. É preciso, entre outras medidas, melhorar o sistema básico de circulação e escoamento das safras. Condição, em geral, do desenvolvimento da economia, o transporte fácil e barato assume, quanto à produção e comércio de alimentos, importância inestimável.

A obra que vem sendo realizada nesse sentido é notória, e assume grandes proporções, mormente no setor rodoviário. Ao lado da imensa e modelar rede de estradas, que cortam o país, abrindo caminho para regiões antes inexploradas, existe, no território nacional, vasta quantidade de estradas com características rudimentares, sem garantia de tráfego permanente. Estima-se em mais de um milhão de quilômetros a extensão dessas estradas, cuja precariedade é incompatível com a função que lhes cabe desempenhar. Estão essas rodovias, em grande parte, sob a jurisdição dos Estados e Municípios, que nem sempre dispõem de recursos, em montante adequado, para atender satisfatoriamente, na área de sua competência, às necessidades de tráfego de pessoas e mercadorias.

Com o objetivo de suprir essa deficiência, é lançado, neste momento, o Programa Nacional de Rodovias Alimentadoras, para alcançar todos os pontos do país.

Esse sistema rodoviário incluirá estradas estaduais e municipais, que, pelo seu interesse social e econômico, mereçam cuidado prioritário. Estradas federais se integrarão também, na rede das rodovias alimentadoras. Ao longo de todo o território nacional serão abertos ou melhorados, em razão desse programa, e com o emprego de técnicas de baixo custo, milhares de quilômetros de novas estradas, para que se acelere o estabelecimento de um completo sistema viário.

A implantação do novo programa ficará a cargo do Ministério dos Transportes, onde o plano de trabalho já se acha traçado, fixando as diretrizes dessa nova iniciativa do Governo para estimular a economia e oferecer aos brasileiros melhor nível de vida.

O Governo federal pretende aplicar nesse programa, somente no exercício de 1982, vinte e cinco bilhões de cruzeiros, aos quais se somarão recursos proporcionados pelos Estados, para cooperar no custeio de estradas do seu interesse.

O projeto das rodovias alimentadoras terá, sem nenhuma dúvida, vultoso resultado econômico, porque estimulará a criação de riquezas e sua circulação, em regiões onde a atividade produtiva, sobretudo no plano agrícola, é embaraçada pela falta de sistema viário adequado.

Providências especiais serão tomadas para que o financiamento chegue, com rapidez e facilidade, ao pequeno agricultor. Crédito cada vez mais amplo vem sendo dispensado ao pequeno agricultor, que moureja em regiões pioneiras, entranhadas no interior do país. Aos setecentos e cinquenta Postos Avançados de Crédito Rural, que o Banco do Brasil instalou, ultimamente, nessas regiões, numerosas outras unidades creditícias de igual

natureza irão somar-se, para prover o lavrador dos meios financeiros necessários à fecundação da terra.

O aumento da produção de gêneros atende a interesses fundamentais: o de melhorar as condições de vida do agricultor, o de prover o mercado de bens de utilidade primária, o de baratear o custo de vida, o de acrescer o volume das mercadorias exportáveis.

A nova dimensão da produtividade agrícola desenvolverá, por outro lado, econômica e socialmente, a comunidade rural e os pequenos núcleos de população. Essa política vai reduzir, gradativamente, a emigração para os grandes centros. Ganharão com isso os possíveis migrantes, porque encontrarão em seu meio natural os recursos para resolver seus problemas. Ganharão, ainda, os centros urbanos, cujas dificuldades não serão agravadas pelo crescimento desordenado de sua população.

São estes os objetivos que me animam ao lançar, com justificada esperança, o Programa Nacional de Rodovias Alimentadoras.

Muito obrigado.

22 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
DISCURSO AO ANUNCIAR A CRIAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,
Senhor Presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Presidente do Senado Federal,
Senhores Ministros de Estado,
Senhor Governador de Rondônia:

No dia 17 de agosto último, encaminhei ao Congresso Nacional projeto de lei complementar de criação do Estado de Rondônia.

Meu Governo, por todos os meios ao seu alcance, vinha procurando criar as bases necessárias à melhoria das condições de vida da população do Território de Rondônia, e ao desenvolvimento de suas atividades produtivas.

A rapidez da expansão demográfica e econômica do Território passou a exigir, no entanto, sua elevação a Estado, a fim de proporcionar-lhe meios para superar alguns dos mais sérios obstáculos que ainda retardam seu progresso.

A estruturação definitiva de sua administração, de acordo com o novo modelo resultante da aprovação do projeto de lei que cria o Estado, confere ao governo de Rondônia os meios indispensáveis para assegurar o pleno desenvolvimento político, econômico e social da região.

Por isso mesmo, manifestei desde logo, em telegrama ao Governador Jorge Teixeira de Oliveira, minha grande satisfação ao tomar conhecimento de que o Congresso Nacional, graças ao apoio unânime das bancadas do PDS na Câmara e no Senado Federal, aprovava o projeto de lei de criação do novo Estado.

Ao sancionar, agora, esta lei, desejo reiterar os termos da mensagem em que manifestei o meu regozijo por esse acontecimento histórico:

«Quero que o povo de Rondônia e o seu Governador me considerem presente, ao seu lado, irmanados na alegria do primeiro instante como o mais novo Estado do Brasil.

Alcançamos juntos esse objetivo, que prometi apoiar quando visitei suas terras e abracei sua gente. Graças a um povo desbravador, liderado por um Governador incansável, hoje estamos incluindo mais uma estrêla na bandeira do Brasil».

Senhor Governador Teixeira,

É com imensa satisfação e com imensa emoção que passo às suas mãos a caneta com que acabo de sancionar a lei que cria o novo Estado.

27 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA
ANUNCIANDO A ELEVAÇÃO DOS ÍN-
DICES DE CONTRIBUIÇÃO PARA O
CUSTEIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Brasileiros:

No mês de agosto deste ano, encaminhei ao Congresso Nacional projeto de lei que dispunha sobre a Previdência Social. Nesse documento, eram propostas algumas medidas tendentes a restabelecer, no sistema previdenciário, o equilíbrio financeiro que a expansão dos serviços assistenciais e o aumento do seu custo tinham desfeito.

Declarei, na ocasião, que havia repellido diversas sugestões, a mim apresentadas, para superar a crise financeira enfrentada pela Previdência Social. Entre essas propostas, estavam a do aumento dos percentuais de contribuição dos segurados, a da redução de benefícios de aposentadoria, e a da supressão do salário-família, do auxílio natalidade e do auxílio funeral, no caso daqueles que ganham mais que cinco salários mínimos. Consentí, porém, que se limitassem benefícios em situações especialíssimas, ou seja, apenas naqueles casos em que a outorga de certas vantagens não condizia com a situação das finanças previdenciárias.

O projeto submetido ao exame do Poder Legislativo propunha, assim, que, em vez de elevar as contribuições previdenciárias, relativas a empregador e empregado, buscássemos o equilíbrio limitando benefícios em casos especiais, onde entendia ocorrerem distorções incompatíveis com as forças do erário.

O colendo Congresso Nacional decidiu, entretanto, rejeitar o projeto de lei do Executivo, na parte em que se restringiam benefícios em vigor. E, para enfrentar as despesas a descoberto de recursos orçamentários, aprovou emenda instituindo a tributação de bens supérfluos, à taxa de vinte por cento.

Essa contribuição previdenciária sobre supérfluos não seria bastante, no entanto, para eliminar o déficit da Previdência, a não ser que se desse grande extensão à lista dos bens assim considerados. Entendi, porém, ser imperativo, na conjuntura atual, reduzir ao mínimo a lista de supérfluos. Acolhi, assim, na medida do possível as ponderações que nesse sentido me foram dirigidas. Acedi ainda em reduzir a alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados, no tocante aos bens que tivessem de sujeitar-se ao novo tributo. Essas medidas, como é natural, diminuíram consideravelmente a receita necessária para custear a Previdência.

Impunha-se, por causa disso, encontrar outra fonte de receita, que proporcionasse aos serviços sociais do Governo os recursos de que urgentemente necessita para garantir, sem maiores transtornos, as suas prestações assistenciais. Entrei assim a examinar, com os Ministros da Previdência Social e do Planejamento, as opções possíveis para solucionar o problema, descartadas desde logo, porque rejeitadas pelo Congresso, aquelas pelas

quais já me havia inclinado, ao formular o projeto de lei que submeti, em agosto, à consideração do Poder Legislativo.

Diminuído, dessa forma, o campo de escolha, acabei por concluir que não me sobrava alternativa senão elevar o montante das contribuições previdenciárias. Continuo a acreditar que essa medida representa pesado ônus para as atividades produtoras e, de modo particular, sacrifício adicional imposto aos trabalhadores, especialmente àqueles que enfrentam maiores dificuldades econômicas. Mas acredito também que, nas atuais circunstâncias, é a decisão que, apesar de tudo, se mostra mais recomendável, porque é a que apresenta menor inconveniente social, inclusive para os próprios contribuintes da Previdência. Também me pareceu inadiável estabelecer a contribuição dos aposentados e pensionistas para a assistência médica. Sem isso, continuariam estes a gozar dos benefícios daquele serviço essencial, a salvo de qualquer contraprestação efetiva.

A crise da Previdência, provocada pela escassez de recursos que custeiem as despesas assistenciais, não é fenômeno circunscrito ao nosso País. Trata-se, pelo contrário, de fato comum, que aflige, com igual ou maior intensidade, até mesmo povos que integram o grupo privilegiado dos economicamente desenvolvidos.

É certo que a generalidade do fenômeno não explica, por inteiro, a sua ocorrência entre nós. A explicação principal está na amplitude que se imprimiu ao nosso complexo previdenciário, com a extensão dos serviços de assistência a tantas categorias novas de beneficiários, e a melhoria dos serviços da Previdência, levados a todas as partes do território nacional.

Não podendo o Governo conviver com o déficit da Previdência, que aumenta perigosamente, a ponto de comprometer o equilíbrio econômico do País, e não encontrando, diante das circunstâncias já expostas, outra alternativa para superar essa crise, foi que me vi na contingência de assinar, com base no artigo 55 da Constituição, o Decreto-Lei que eleva os índices de contribuição para o custeio da Previdência Social.

Muito obrigado.

30 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA
POR OCASIÃO DO FINAL DO ANO

Brasileiros,

Sou imensamente grato pelas tocantes manifestações de simpatia que recebi, durante a enfermidade que me afastou do exercício da Presidência da República por quase dois meses.

Ao voltar os olhos para o ano que está por terminar, vejo, que não há razão, em termos realistas, para me sentir descontente com a atuação do Governo nesse período. Desse exame retrospectivo, de caráter crítico, recolho a impressão confortadora de que não faltei a nenhum dos meus compromissos.

Na ordem política, as franquias individuais foram escrupulosamente respeitadas.

O processo democrático seguiu os seus trâmites de perfeito acordo com os princípios constitucionais, que regulam o exercício dos direitos dos cidadãos.

As diretrizes gerais, estabelecidas para a política econômico-financeira, foram observadas, por outro lado, com o maior rigor.

Fruto dessa política é o decréscimo do surto inflacionário que nos aflige, e o equilíbrio da balança de pagamentos, a nos livrar de preocupações maiores no plano internacional.

A credibilidade do Brasil, no plano externo, plenamente consolidada como está, nos dará meios para imprimir ao nosso desenvolvimento o ritmo indispensável à elevação do nível de vida do povo brasileiro.

A atividade social do Governo se desdobrou, de outra parte, em todos os setores, no cumprimento dos inúmeros programas instituídos para resolver os problemas maiores da nossa gente.

Dividem-se as opiniões quanto à questão de saber quais os fatos que melhor caracterizam o nosso tempo. Entre esses fatos há de figurar, sem dúvida, o vertiginoso aumento dos encargos que se atribuem ao Estado, na sua qualidade natural de defensor não só do interesse coletivo, mas, sobretudo, do interesse daqueles que, pela debilidade de sua condição social, exigem e merecem tutela maior por parte do poder público.

O crescimento da tarefa que recai sobre o Estado é mais rápido, porém, que o dos meios postos à sua disposição para atendê-la.

Torna-se difícil para o Governo dar solução imediata a todos os problemas, ou satisfazer a todas as expectativas.

Entendo, além disso, terem razão os que sustentam que não há solução perfeita, absoluta, para os proble-

mas sociais, a não ser no plano das utopias ou dos desvarios ideológicos. Existem — isto sim — medidas concretas, progressivas, destinadas a promover o bem-estar social e a reduzir antagonismos ou conflitos, que perturbam a vida societária. Essas medidas, eu as tomei, e as prosseguirei tomando sempre que oportunas.

Cumpra observar, ainda, que a solução dos problemas humanos, na órbita administrativa, não é obra que possa ser levada a cabo apenas pelo Governo.

Quando se diz que ninguém governa só, não se afirma unicamente que o Chefe da Nação precisa de quem o auxilie na condução dos negócios públicos.

Afirma-se, também, que o governante precisa contar com a cooperação eficaz dos governados.

Cabe, pois, a cada um, não só abster-se de toda ação contrária à ordem pública, como também contribuir, na medida da sua capacidade, para que os objetivos comuns, da sociedade e do Governo, sejam alcançados.

Sei que posso contar com a disposição espontânea da gente brasileira, para unir as suas energias às do Governo, a fim de que enfrentemos juntos, irmanados no mesmo ideal de bem servir ao País, as dificuldades existentes, ou as que o futuro nos reserve.

Sou grato a todos os brasileiros pelo valor com que partilharam das dificuldades do ano de 1981 e pelo apoio que deram ao Governo e às decisões por ele tomadas.

Contando, como tenho contado, com esse apoio, posso encarar o futuro com tranqüilidade.

A mensagem que dirijo, pois, aos brasileiros, neste momento, é de pleno otimismo e confiança.

Os meus votos, cordialíssimos, são de que o ingresso em 1982 se converta para todos em um novo começo, onde cada um enriqueça o País, com os frutos da sua consciência moral, da sua inteligência, da sua sinceridade política, da sua capacidade de trabalho, da sua isenção de julgamento, da sua compreensão, da sua boa vontade.

Enfim, de todas as virtudes necessárias à felicidade pessoal de cada um, e ao progresso social da família brasileira, indissolavelmente ligado à melhoria da qualidade de vida, que o meu Governo está empenhado em proporcionar a todos.

Muito obrigado e meu abraço amigo.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE CIVIL
SECRETARIA DE IMPRENSA E DIVULGAÇÃO